

EVERNIGHT PUBLISHING®



El Diabolo

KILLER OF KINGS, BOOK 6

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





EL *Diablo*

Serie Killer of Kings

LIVRO 06

**SAM CRESCENT
STACEY ESPINO**

EQUIPE PL

Tradução: Ursão

Revisão Inicial: L. Serranito

Revisão Final: Sílvia Helena

Leitura Final: Sidnéia

Formatação: Lola

Verificação: Jô Monteiro





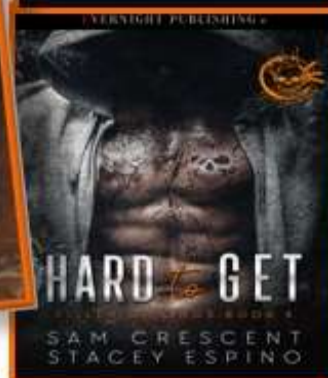
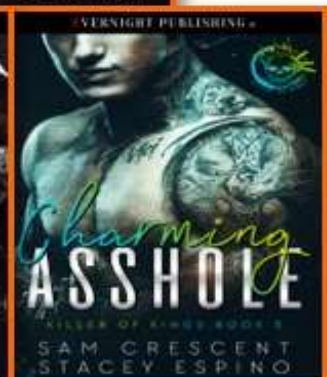
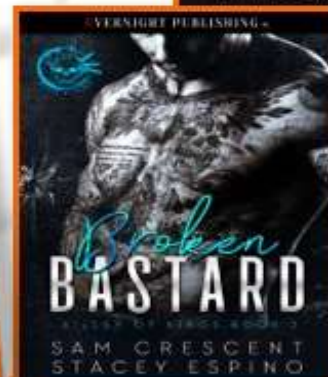
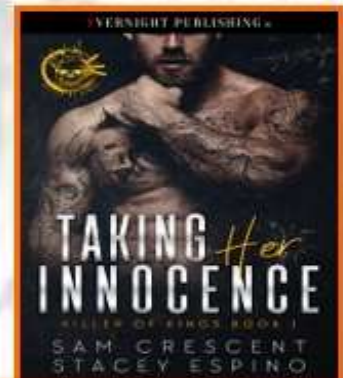
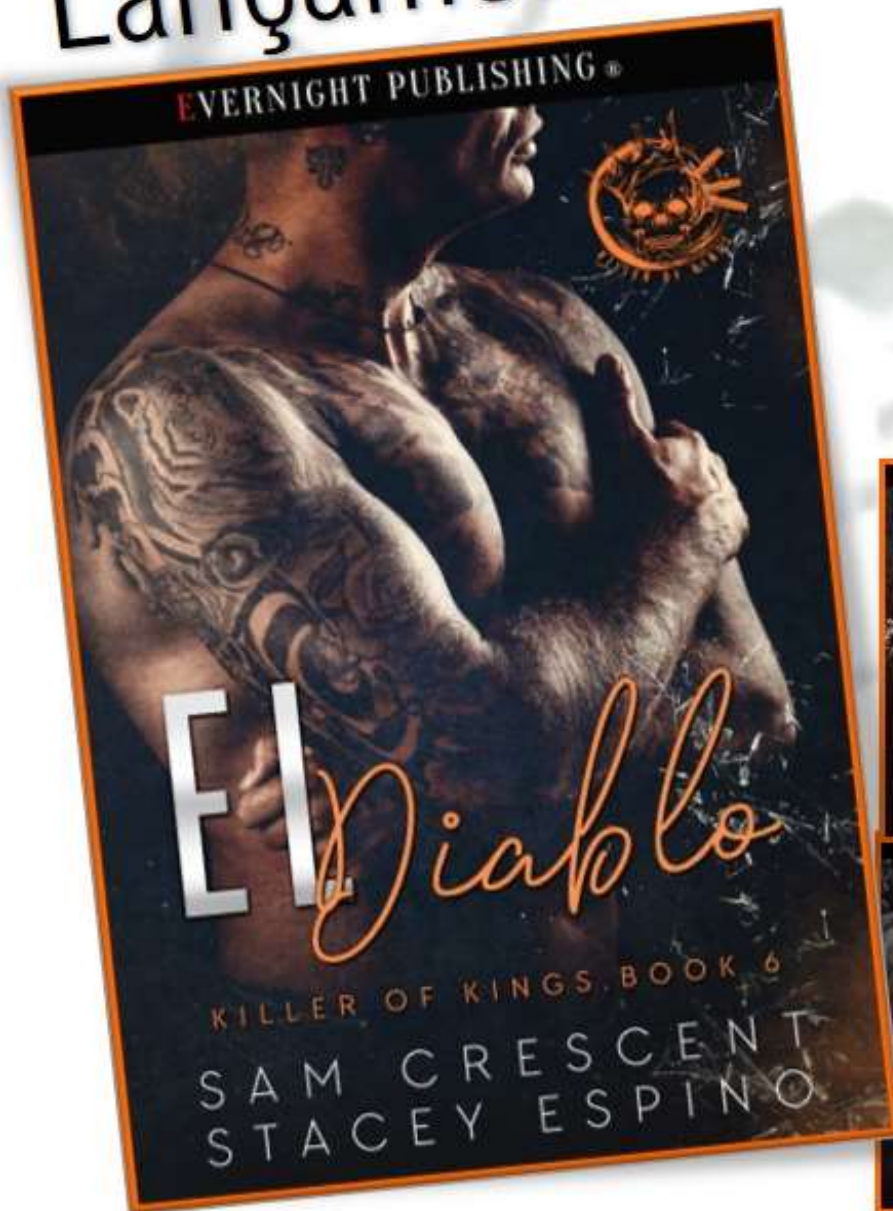
APRESENTA

L Série

Killer of Kings

Lançamento

Distribuídos



SINOPSE

O Diabo é capaz de amar?

Xavier não confia. Ele destrói. Mata. Depois de viver no inferno, se transformou em El Diábolo, o pior filho da puta do mundo. A sua única fraqueza é a irmã que perdeu quando criança, a única que Boss promete ajudá-lo a encontrar. O problema é que precisa trabalhar para o Killer of Kings e aprender a jogar com os outros assassinos. Ele faz o trabalho, determinado a provar seu valor. Então ela entra em sua vida e nada é o mesmo.

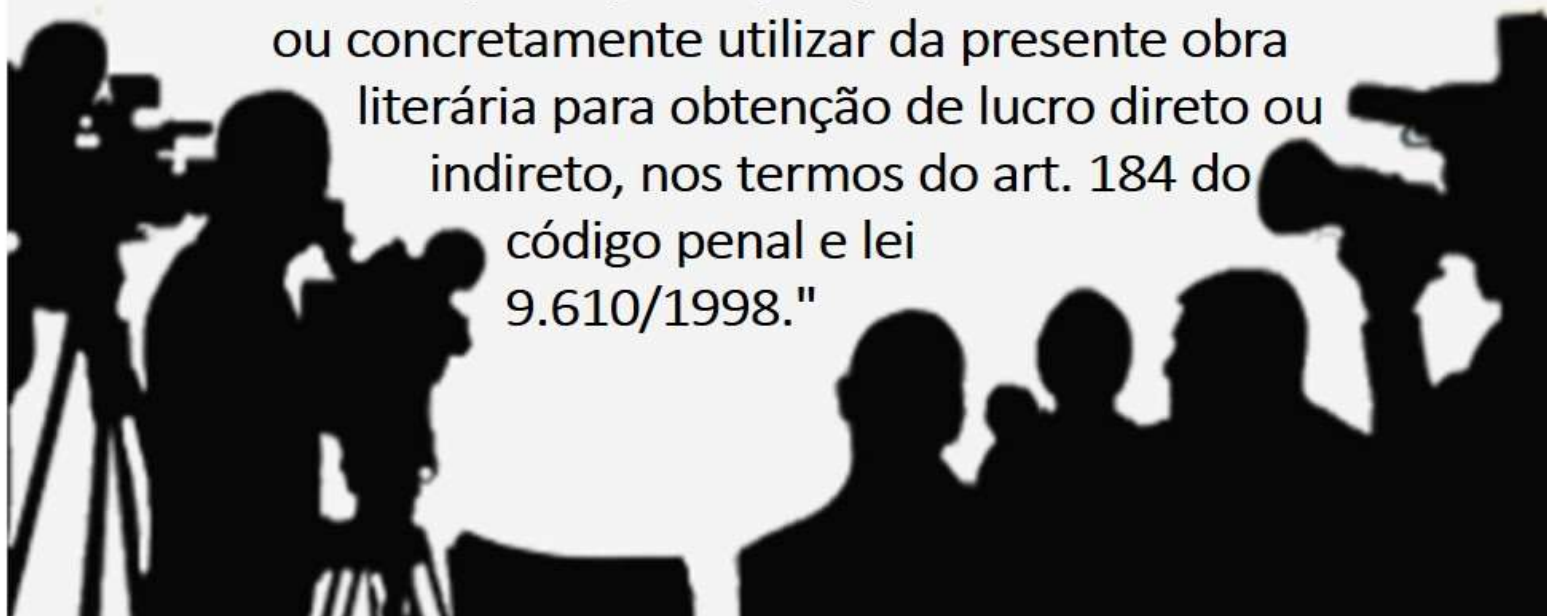
Alesha tem a sorte grande quando é contratada como faxineira da casa de Xavier Moreno. Tem sua própria suíte e o rico empresário raramente está em casa. As coisas mudam num piscar de olhos quando uma noite ele chega em casa bêbado, coberto de sangue e contando histórias sobre assassinos contratados e um grupo secreto de assassinos. Também revela um lado tão quebrado que ela não pode deixar de se apaixonar por ele. Pode um assassino se apaixonar por sua faxineira ou ele a adicionará à sua lista?

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!

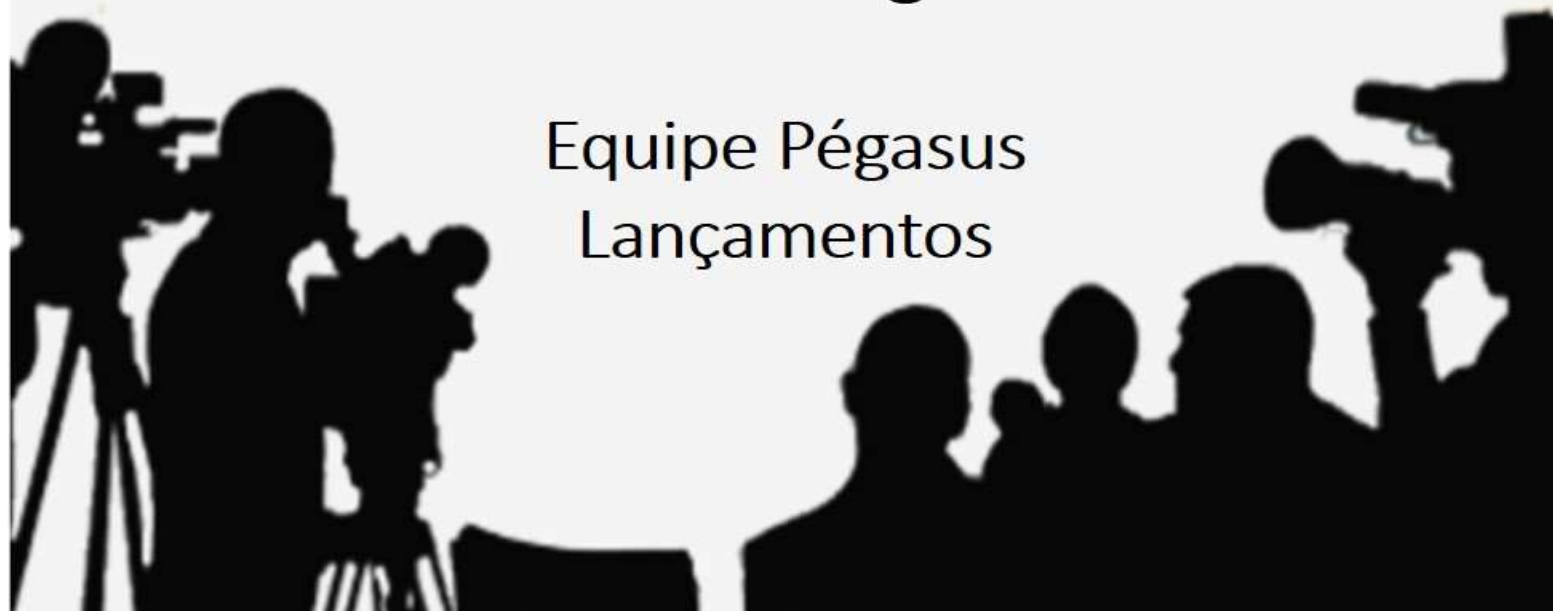
Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original

Equipe Pégasus
Lançamentos





CAPÍTULO

UM

Xavier fechou a porta do pátio atrás dele, tomando cuidado para não fazer barulho. O aroma forte de café fluía no ar. A maioria das pessoas amava o cheiro. Ele odiava. Afastou as lembranças de infância, de quando colhia grãos de café descalço por doze horas seguidas. Agora, precisava ficar focado.

Estava ali para matar um homem.

O paraíso à beira-mar pertencia a um corretor corrupto. Ele fodeu com as pessoas erradas, espalhando rumores e criando falsos valores de mercado. Os homens que perderam milhões por causa dele contrataram *Killer of Kings* por uma justiça rápida.

Xavier já trabalhava para o conhecido grupo de assassinos por mais de dez meses. Fez seu treinamento com Chains e Killian, executava contratos já a alguns meses. O trabalho era bem pago, então não podia reclamar.

Passos lentos se arrastavam pelo corredor. Colocou o silenciador no cano de sua Glock, não gostando das luvas de couro que Boss insistia que usasse. O Sr. Strogonov não



estava esperando por ele esta manhã. Ninguém queria uma visita do *El Diablo*.

Ele viu quando o homem levantou a jarra da cafeteira e serviu-se de uma xícara. Usava um roupão de banho azul-marinho e sapatilhas combinando, cantarolando descontraidamente uma melodia enquanto andava pela cozinha. Strogonov tinha quarenta e três anos, apenas alguns anos mais velho que o próprio Xavier. O filho da puta parecia bem mais velho, provavelmente do estresse de roubar seus sócios. Quando se virou e viu Xavier sentado em sua mesa de jantar, soltou a caneca, e os pedaços de cerâmica se espalharam no chão de mármore.

— Quem é você? — Sua voz hesitou, seu lábio inferior tremeu.

— Quem você acha que eu sou?

O homem olhou de um lado para o outro, depois levantou a mão para o pescoço.

— O seu alarme não funciona. Já desativei. Acha que eles contratariam um amador?

— Q-quem contratou você?

Xavier sorriu.

— Você tem mais de um inimigo? Esteve ocupado. — Ele balançou um braço no ar.

— Roubar certamente paga bem, não é?

— Eu nunca roubei nada.



Ele colocou a arma na mesa de vidro com cuidado, depois se levantou, lentamente empurrando a cadeira de volta ao lugar. Moveu os ombros.

— Você está longe de ser inocente, Sr. Strogonov.

— Eu posso pagar. O que quer que estejam lhe dando, eu pago mais. Diga seu preço.

Não havia razão para conversar com este homem. Strogonov podia chorar, implorar e oferecer-lhe o mundo. Não adiantaria nada quando um assassino dos Kings era contratado. Isso era mais importante que o dinheiro, era sobre reputação, respeito e fazer o trabalho. Ele passou muito tempo com Boss e seus homens no último ano, pela primeira vez em sua vida, se sentiu conectado. Estar no topo, governar com mão de ferro algumas das mais implacáveis gangues e cartéis nunca o fez se sentir realizado. Apenas aumentou sua solidão, a desconexão que sempre sentiu. Chains e os outros agentes dos *Killer of Kings* eram seus iguais e a igualdade de oportunidades era surpreendentemente satisfatória.

— Preciso que você escreva uma carta confessando tudo. Vá em frente, pegue um papel e caneta. Eu espero.

— Para quê?

Ele respirou fundo e expirou.

— Não me faça pedir duas vezes.

O homem correu pela cozinha, abrindo e fechando as gavetas. O suor escorria pela sua testa, realçando a linha fina de cabelo.



— A gaveta de cima ao lado da pia. — Disse ele.

— E traga um copo de água com você. — Xavier anteriormente observou o lugar e tomou todos os passos para garantir que o trabalho fosse suave e limpo. Tinha algo a provar para Boss. Assim que o homem tinha o bloco, a caneta e água, ele continuou.

— Agora, se desculpará e explicará exatamente o que fez para alterar o valor do mercado.

Assim que tivesse a nota de suicídio, poderia terminar o trabalho. A arma era apenas uma precaução.

— Eu não posso fazer isso. Eles me prenderão pelo resto da minha vida.

Ele balançou a cabeça. A prisão era a última coisa com que esse desgraçado deveria se preocupar.

— Você sabe do que me chamavam na Colômbia? — Xavier tocou um dos ombros do homem, fazendo-o recuar.

— *El Diablo*. E se não sabe, isso significa *o Diabo*. Alguns dizem que sou um sociopata, que não tenho empatia. Outros mais contundentes, me chamam de monstro. Talvez estejam certos. Mas monstros não nascem, são criados. — Ele poderia continuar, falar sobre sua infância de merda, sobre ser vendido para a gangue do bairro para pagar uma dívida de sua mãe. E sobre a irmã mais nova arrancada de seus braços. Às vezes desabafava, sabendo que a pessoa com quem conversava estava prestes a conhecer seu criador. Era



a sua terapia, uma confissão de seus pecados. Ele empurrou Strogonov para baixo em uma cadeira. O homem gemeu.

— Você não quer me irritar. — A viagem pela estrada das lembranças, juntamente com um caso sério de bolas azuis não o deixava de bom humor.

Depois que tudo foi escrito, Xavier dobrou o papel e guardou no bolso do terno do Sr. Strogonov.

— Muito bem. — Disse ele.

— Agora, pegue a água. — Ele colocou dois comprimidos na mesa ao lado do vidro.

— O que é isso?

— Não se preocupe. Tome as malditas pílulas. — Ele pegou a arma para reforçar a ordem.

Poucos minutos depois de engolir as drogas letais, Strogonov caiu sobre a mesa de vidro, a água caindo.

Pingando, pingando, pingando e escorrendo pelo piso de mármore.

Este trabalho foi muito fácil. Xavier gostava de usar sua arma ou facas, algo desafiador onde pudesse extravasar. Mas Boss queria uma carta de suicídio, então assim o fez.

Ele caminhou até a janela da cozinha. A vista acima da pia era de tirar o fôlego, nuvens pintadas de rosa e laranja se refletiam na superfície do oceano. Era cedo demais para estar acordado.



Xavier colocou a Glock no coldre do arnês em seus ombros e saiu pelo mesmo caminho que entrou. Strogonov tinha uma ex-mulher, sem filhos. Mesmo se tivesse uma família, não teria mudado o resultado. Xavier era fodido da cabeça, sempre foi. Nunca sentia culpa ou arrependimento ao matar. Talvez estivesse entorpecido com o derramamento de sangue... ou realmente era um monstro.

Assim que chegou ao carro, acomodou-se contra o couro macio e ligou para Boss.

— O trabalho está feito.

— Você está em uma maré de sorte. — Disse Boss.

— Eu tenho outro contrato para amanhã. Amará este.

Ele esfregou a mão sobre a barba em sua mandíbula.

— Sim?

— Terá que sujar as mãos. Eu lhe enviarei os detalhes.

— A ligação terminou.

Boss nunca foi de conversa fiada. Se fizesse bem seu trabalho, conseguia mais e ele o deixava em paz. Mas se fodesse as coisas, chutaria sua bunda. Ele exigia perfeição e raramente dava uma segunda chance. O homem tinha uma reputação por um motivo.

A única razão pela qual Xavier começou este trabalho foi em troca de informações sobre sua irmã. Boss deu-lhe algumas dicas, mas nada que desse algum resultado. Continuou prometendo mais, mas depois de um ano de espera, Xavier estava começando a se questionar.



A rodovia era geralmente um pesadelo, mas no início da manhã, estava relativamente calma. Ele ligou o carro e foi para casa. Nos últimos meses, ganhou mais dinheiro do que a maioria dos homens ganhava em toda sua vida. Assassinos com um bom recorde de sucessos tinham uma vida muito lucrativa. Mas perseguir o todo-poderoso dólar era uma estrada que não levava a lugar nenhum. Ele sabia disso muito bem, mas não o impedia. Ele não tinha nada a perder.

Quarenta minutos depois, passou por sua entrada sinuosa. Sua casa era uma maravilha moderna, situada em uma vasta área. Ele valorizava a privacidade e segurança. Nesta altura, sabia que o dinheiro não podia comprar felicidade, mas sempre tinha algo a provar. Como se possuir o melhor medisse o valor de um homem ou pudesse apagar as lembranças de viver nas favelas do Distrito 4 de Soacha em Bogotá.

A única coisa que destoava da paisagem perfeita era o pequeno Kia amarelo com ferrugem ao redor dos para-lamas. Pertencia à governanta que contratou há alguns meses. Assim que seu treinamento acabou, não tinha tempo para limpar e organizar uma casa. Ela tinha seu próprio espaço onde vivia na ala leste da mansão. A Srta. Alesha Sanders sabia que não deveria entrar em seu escritório, no porão ou deixar o lugar onde vivia depois do expediente. Manter um civil em sua folha de pagamento não era o mais acertado, mas às vezes era bom ser normal e fugir de todas as merdas.

Ele entrevistou mais de uma dúzia de potenciais governantas. Xavier não tinha tempo para nada além de seus



contratos. Ele precisava de uma mulher para cozinhar, limpar e manter seus assuntos domésticos em ordem. As entrevistas estavam numa espiral descendente até que Alesha se sentou em frente à sua mesa.

Ela era jovem e cheia de curvas, com sardas no nariz. Seus lábios eram cheios e carnudos, duvidava que ela soubesse o quão tentadora era. Usava um vestido de algodão liso com um cardigã branco. Ele não tinha certeza do que havia nela, mas sabia que ela era a única certa para o trabalho.

Claro que pediu a Maurice para fazer uma pesquisa completa.

Ela morava sozinha desde os dezoito anos. Nenhum registro criminal. Nenhum dependente. A Srta. Alesha era uma garçonete de vinte e sete anos que se tornou governanta. Suas referências eram impecáveis, mas já havia decidido contratá-la antes mesmo de fazer a verificação de antecedentes.

Passados alguns dias se arrependeu da decisão de contratá-la, porque não conseguia levar mulheres para casa sabendo que ela estava sob o mesmo teto. Não sabia por que ela continuava mexendo com sua cabeça. Alesha era uma empregada, não sua fodida esposa.

Até agora, ela manteve a distância e seguiu as regras. Seria uma pena se tivesse que matá-la.





Manter seu chefe feliz era a prioridade número um de Alesha. Conseguir este emprego era como se tivesse acertado na loteria. Ela tinha sua própria suíte e era tão bonita que quase chorou quando ele lhe mostrou. O pagamento era incrível. Seu chefe nunca estava em casa e não a incomodava. Alesha teve muitos encontros ruins com os homens quando trabalhou em alguns bares locais. Não demorou muito para mudar de carreira. Não suportava homens estranhos a tocando ou lhe fazendo constantemente propostas. Suas colegas de trabalho podiam gostar da atenção, mas isso apenas a deixava doente. Não havia muitas opções sem ter o ensino médio e os diplomas não eram para pessoas que mal conseguiam pagar o aluguel, muito menos livros.

Ela estava se saindo bem como governanta há oito anos, mas não foi até ser contratada por Xavier Moreno que as coisas realmente começaram a melhorar. A sua situação parecia perfeita demais, a tal ponto que temia constantemente que ele a dispensasse ou demitisse por estragar alguma coisa.

Ele saiu muito mais cedo do que o normal neste dia, então decidiu preparar um jantar especial, algo que exigiria mais tempo de preparação do que o habitual. Seus gostos podiam ser exigentes e ela se esforçava para fazer as coisas que ele apreciava quando descobria o que gostava e não



gostava. Até agora, sabia que detestava café e não gostava de cebola em seus ovos. Todos os dias eram uma experiência de aprendizagem.

Quando colocou algumas cenouras perto da pia, o alarme de segurança soou, sinalizando que alguém entrou pela porta da frente.

Ele estava em casa.

O seu coração acelerou. Sim, ele era seu chefe, mas estaria mentindo se dissesse que tinha apenas sentimentos platônicos por ele. O homem era um enigma, raramente conversava, indo e vindo às horas mais estranhas. Ainda não tinha ideia do que ele fazia para ganhar a vida e não ousava perguntar, com medo de irritá-lo. Ele era muito reservado e deixou isso claro quando a contratou.

Achava estranho que um homem da idade dele, com sua aparência e dinheiro, vivesse sozinho em uma casa tão grande. Não havia fotos de família, nem visitas de parentes e ele nunca trouxe uma mulher para casa, pelo menos não que soubesse. Mesmo que ele lhe desse todos os fins de semana de folga com pagamento integral, ela raramente saía da suíte. Aonde iria? Ali era o que tinha mais próximo de um lar. Até mesmo sua própria mãe passou uma borracha sobre o passado nove anos antes, quando se casou com o novo marido e isso incluía Alesha. Elas não se falavam desde então.

Claro que secretamente agradava a ela que Xavier nunca trouxesse encontros para casa. Isso mantinha sua



fantasia viva, aquela em que ele se apaixonava loucamente pela empregada. Ela riu baixinho.

— Algo engraçado?

Ela deixou cair o descascador na pia com um estrondo e girou, enxugando as mãos no avental

— Nada senhor. Eu não o ouvi entrar.

— Não me chame de senhor. Isso me faz sentir velho. — Ele jogou as chaves no balcão com um ruído e tirou o terno. Seus olhos foram para a arma presa ao seu corpo e ela congelou no lugar. Ele a notou olhando e abaixou os olhos.

— Relaxe, ela está registrada. Um homem não pode ficar sem segurança hoje em dia. — Ele piscou para ela.

Claro. Um homem como Xavier Moreno seria um alvo para criminosos. Ela nunca viu uma arma na vida real.

— Sinto muito, senhor.

Ele franziu a testa e cruzou os braços.

— Alesha...

— Eu sinto muito... Sr. Moreno.

— Você pode me chamar de Xavier. Eu não vou morder.

Xavier. Apenas ouvi-lo dizer seu próprio nome com o leve sotaque a deixou molhada. Ele era pura masculinidade, confiante e digno de babar. Este era provavelmente o máximo de tempo que passava com ele desde que foi contratada. Ele geralmente desaparecia antes dela começar a trabalhar na



cozinha, não era permitida na casa principal depois das nove da noite e ele sempre chegava tarde.

Ele sentou-se em das cadeiras de jantar e afrouxou o colarinho. Tinha tatuagens intrincadas que subiam pelo pescoço e ela precisou evitar olhar.

— Você acordou cedo esta manhã. — Disse ela, tentando iniciar uma conversa leve.

— Tive uma reunião de negócios com um novo cliente. Muito cedo para meu gosto. Acho que voltarei para cama por algumas horas.

— Você se deitou tarde a noite passada. — Ela mordeu o interior de sua bochecha, desejando poder pegar de volta suas palavras. Xavier amava sua privacidade e ela parecia uma perseguidora.

— Você é observadora.

Ele se levantou, virando o pescoço de cada lado.

— Sinto muito, as paredes são finas e tenho o sono leve.

— Mantereis isso em mente. — Disse ele. Xavier começou a se afastar.

Alesha queria dizer a ele para ficar, conversar com ela, contar mais sobre si mesmo. Amava o perfume sutil de sua colônia. Seu corpo inteiro notava tudo de Xavier, desde sua presença dominante até a intensidade em seus olhos escuros. Mas ficou quieta e pegou seu descascador. *Você é uma medrosa de merda, Alesha.*



Pouco antes dele sair da cozinha, ela reuniu coragem suficiente.

— Poderia me fazer um favor antes de sair?

— O que você quer?

Ela estendeu um frasco de vidro.

— Pode abrir isso?

Ele a olhou com ceticismo.

Quando se aproximou, ela percebeu o quão alto e musculado ele era, seus ombros e bíceps esticados contra o tecido da camisa. Não pode deixar de olhar para a arma que estava agora à distância de um braço. Isso a enervava. Xavier pegou o frasco e torceu-o com facilidade, em seguida, colocou-o no balcão. Ele não se afastou.

Quando o olhou para avaliar sua expressão, ele puxou a arma de seu coldre. Ela ofegou.

— Isso assusta você? — Ele perguntou. Tirou o carregador e verificou a câmara, em seguida, entregou a ela.

— Pegue.

Alesha balançou a cabeça.

— Não, eu não posso.

— Está descarregada. Você não eliminará seus medos a menos que os enfrente. — Ele se abaixou e agarrou seu pulso, pressionando a arma em sua palma. Estava fria e pesada contra a pele. Ela envolveu os seus dedos ao redor do



gatilho, ainda com medo, mesmo que isso fosse inofensivo. Ela se perguntou se Xavier tinha medo de alguma coisa.

— Boa menina. Isso mesmo.

Ele se moveu atrás dela até que suas costas ficaram pressionadas contra seu corpo. Xavier levantou os braços a envolvendo e colocando-os na frente dela. Cada movimento era lento e deliberado. Seu corpo vibrou, suas bochechas se aqueceram. Ele se curvou o suficiente para que seu rosto estivesse ao lado do dela. Até sentiu um leve roçar de sua barba na pele.

— Assim. — Ele sussurrou perto de seu ouvido.

— Olhe através da mira e fixe em seu alvo. Nunca hesite. Respire e puxe. — Ele colocou o dedo sobre o dela e puxou o gatilho. A arma fez um clique agudo e ela pulou.

— Tudo bem, eu tenho você.

Ela queria derreter em seus braços. O calor de seu corpo aquecia sua pele nua, sentia os arrepios pelo corpo.

— Eu acho que é mais seguro em suas mãos. — Disse ela, devolvendo a arma.

Ele pegou o carregador e depois colocou a arma no coldre como se tivesse feito isso mil vezes.

— Você é natural, Alesha. Eu lhe darei algumas lições.

O seu nome soava perfeito em seus lábios.

— Isso parece divertido. — Não, não era. Armas a aterrorizavam, mas queria outra chance de ficar perto de



Xavier. Uma lição particular soava íntimo, embora estivesse certa que ele estava apenas sendo um cara legal.

— Você está nervosa. Apenas quero que saiba que não precisa se preocupar enquanto morar aqui. Ninguém nunca a machucará.

Era uma coisa estranha de se dizer, mas gostava da confiança em sua voz. Ele a fazia se sentir segura. Alesha esperava que não tivesse ultrapassado os limites. Talvez a lição fosse uma má ideia. A última coisa que precisava era que as coisas ficassem estranhas entre eles e que perdesse o emprego por isso.

— Estou muito feliz trabalhando aqui. — Disse ela por precaução.

— O lugar nunca esteve mais limpo.

O desapontamento a assaltou. Ela era apenas a maldita empregada, precisava se lembrar disso. Ele era o sonho molhado de qualquer mulher. Alesha guardou suas fantasias no fundo da mente, onde elas pertenciam.





CAPÍTULO

DOIS

A última coisa que Xavier deveria fazer era mostrar para sua empregada sexy como segurar uma arma. Isso foi um grande erro da parte dele. O que também não gostou foi o olhar de decepção em seus olhos quando disse que a casa nunca esteve mais limpa. O que disse de errado?

Como poderia um elogio fazê-la reagir dessa maneira?

Ele estava tentando ser bom e isso não era algo que normalmente fazia.

Até ela aparecer, a casa era uma merda.

Honestamente, ele não gostava de limpar porcaria e como tinha muito dinheiro, tirava as roupas e apenas as jogava fora. Não havia tempo na sua vida para lavar roupa suja, lavar louça ou se preocupar com as contas da energia elétrica e de água.

Essa merda, por mais sexista que parecesse, era trabalho de uma mulher. Ele tinha coisas mais importantes para fazer.

— Você é capaz de colocar a porra de sua cabeça no lugar? — Viper perguntou.



— Eu quero chegar em casa para minha esposa e filho. Você está fazendo tanto barulho, que os pássaros estão se distraíndo.

Estavam deitados no telhado. O prédio abaixo deles estava abandonado, mas daria um ponto de vista perfeito.

O alvo?

Um dos chefes de uma rede especializada em tráfico de mulheres.

Boss tinha um sério problema quando se tratava de tráfico de mulheres e crianças, então quando o preço era bom, estava mais do que feliz em fazer a matança. Havia muitas coisas que Xavier sabia sobre Boss e o respeitava. E se ao menos o bastardo entregasse tudo o que sabia sobre sua irmã.

O que ele não entendia era os interesses contraditórios de Boss quando se tratava de mulheres. Ele tinha mulheres que trabalhavam no *Killer of Kings*.

Xavier as viu. Pequenas mulheres mortais que não pareciam fazer mal a uma mosca e ainda assim viu o quão letais eram. Com Boss, no entanto, havia as mulheres que matou, as mulheres que fodeu, em seguida, mulheres civis que sugeria que precisavam ser protegidas.

— Qual é o problema de Boss com este homem? — Ele perguntou.



— Não é a nossa função questionar por que fazemos certas coisas. Fazemos o trabalho e seguimos em frente. — Disse Viper.

— Eu sei o que fazer e que o trabalho significa, idiota. Você nunca fica curioso?

— Eu fico cerca de um minuto todas as noites antes de ir para cama quando consigo pensar em toda a merda que Boss faz. Depois disso, espero a próxima ligação e que meus filhos nunca descubram o que eu faço.

— Eu não sei como você pode ter filhos.

— Mais uma vez, *El Diablo*, eu não dou a mínima para o que você pensa. Todos nós fazemos uma vida com isso. Boss nos dá a oportunidade de fazer o nosso melhor trabalho.

Xavier bufou.

— Nós não somos uma merda de artistas.

— Não, somos piores. Pintamos as ruas com sangue e vemos as outras pessoas recolherem os pedaços. Eu não tenho nenhuma ilusão de que o lugar onde acabarei é o inferno. Tenho muitas mortes para pensar o contrário.

— Você acredita nessa merda?

— Acredito que quando morremos, não é nosso fim. Que nós vamos para outro lugar. Minha esposa, ela é a parte boa de tudo. A luz da minha escuridão. Ela estará no céu.

— Mas você estará no inferno? — Xavier perguntou.

— Estarei onde for preciso. Eu sei que tipo de homem sou. — Viper o olhou.



— Que tipo de homem é você? É sequer confiável? Eu sei que Boss deu seu voto, mas sei quem você é. Não tem sido fiel a nada e ninguém sua vida inteira. Provavelmente mataria todos nós pelo preço certo.

Xavier olhou para Viper.

Quando ele era mais jovem, Viper não estaria errado.

Crescendo sem nada, não teve nenhum problema em apunhalar os amigos pelas costas para conseguir o que queria. Estavam comendo merda num mundo de cão e não havia nada que alguém pudesse fazer para salvá-los. Sua mãe os vendeu como cachorros. Sua irmã foi tirada dele, não a viu desde então. Sabia o quão cruel o mundo era. Uma parte esperava que ela estivesse morta. Que alguém com misericórdia colocou uma bala em seu cérebro para que nunca conhecesse a verdadeira dor.

Este era seu maior medo, que a sua irmã estivesse em uma vida semelhante a dele.

A única coisa que o conduziu neste mundo foi sua sede de vingança. Encontrar os homens que a levaram. Fazê-los pagar.

Ele era um dos melhores rastreadores no mundo. Podia encontrar qualquer um, mas sua irmã lhe escapava a cada passo. Mesmo com as migalhas de Boss, ela ainda era um enigma.

Não havia quase nada que ele soubesse. Não havia como encontrá-la.



Boss conseguiu se apossar de informações como seu local de entrada e pseudônimo. Essa informação foi a razão para se unir aos *Killer of Kings*. Mas precisava de mais. Mesmo se ela estivesse morta, queria saber a verdade.

Poderia prestar sua homenagem e seguir em frente.

— Por que você concordou com este contrato? — Xavier perguntou, sorrindo.

Ele não se importava que o pequeno Viper não gostasse dele. Ser amado neste mundo nunca ajudou ninguém.

Viper balançou a cabeça.

— Você é um idiota se acha que algum de nós tem escolha nisso. Boss nos diz o que fazer e fazemos. Eu poderia estar em casa agora. Fazendo um bom churrasco. Minha esposa marinando bifes. Em vez disso, estou assando minhas bolas, esperando que esse pedaço de merda apareça para que possa explodir seus miolos. Não tenho vontade de estar aqui, mas esse é o preço que tenho de pagar.

Xavier encolheu os ombros, observando através de sua lente. O apartamento que estavam vigiando era impressionante, mesmo para seus padrões. Era espaçoso e via a cozinha de sua posição, todos os aparelhos que gritavam dinheiro.

Isso era o que ele não entendia. O crime não deveria compensar e mesmo assim derrubou criminosos mais ricos do que gostava de pensar.



A verdadeira realidade era que o crime pagava as contas.

Você paga algumas centenas de dólares esperando um policial fazer vista grossa e eles aceitam. Com os empresários era o mesmo.

Isso deixava Xavier doente, especialmente porque ele era um deles. A tentação do dinheiro quando era pobre foi muito forte para recusar. Isso significava poder e segurança.

Ele não era melhor do que aqueles pedaços de merda, por isso que nunca se olhava no espelho.

Houve um tempo em que olhava em seus olhos e se lembrava dos horrores que viveu. Isso o levou a continuar. Certificar-se que nunca sofresse nas mãos dos outros novamente.

Apenas que, com o passar do tempo, viu que quanto mais se olhava nos olhos, mais percebia que se odiava. Odiava o que via.

O verdadeiro monstro o olhava de volta.

— Nós temos movimento. — Inclinando a lente, ele viu seis homens entrarem no apartamento.

Havia uma mulher. Ela não usava nada e por algum motivo, se perguntou por que ninguém os impediu. Suas mãos estavam amarradas, uma fita cobria a boca e o seu rosto estava machucado.



Xavier focou a lente enquanto se moviam pelo apartamento. O homem bateu nela e jogou-a através do quarto. Ela caiu sobre a mesa com as mãos amarradas.

Os outros homens começaram a rir. Um deles sacou uma arma e disparou na mesa de vidro quebrando-a. O vidro quebrado cortou o seu corpo quando ela caiu.

— Espere por um momento. — Disse Viper.

— Precisamos de um tiro limpo para que possamos eliminá-los.

Ele estava feliz em esperar.

Malditos covardes, espancando uma mulher amarrada. Isso o atingiu. Ele imaginou sua irmã sendo jogada como lixo e ninguém para defendê-la. Ela teria agora a mesma idade desta mulher.

— Eu contei seis. — Disse Viper.

Eles apenas conseguiam ver quatro.

Xavier estava começando a ficar irritado.

Um dos homens levantou a cabeça, deu um tapa no rosto dela e depois usou os pés calçados com botas pesadas para esmagá-la nos vidros partidos. Podia imaginar seus gritos.

Um outro homem a chutou.

Ele teve o suficiente.

— Onde porra você está indo?



Ele se arrastou em direção à porta. Assim que viu o caminho livre, se levantou e desceu a escada. Não dava a mínima se não eram estas as ordens de Boss.

Não era assim que ele fazia negócios. Correndo, ele entrou no bloco de apartamentos. Viu um guarda na escada que estava brincando com uma bola. Tudo o que foi preciso foi uma lâmina no pescoço para matar o filho da puta. Antes que pudesse fazer barulho com a queda, Xavier o abaixou gentilmente no chão. Subindo os degraus de dois em dois, ouviu Viper rosnando em seu ouvido, mas ignorou.

Com as facas nas mãos, viu outro homem do lado de fora da porta do apartamento. O outro, que não conseguiram visualizar. Ele checkou o layout dos dois lugares.

Com o próximo guarda também morto, apoiou o corpo contra a parede.

— Quando eu disser, comece a atirar. — Disse Xavier.

— Que porra você está falando?

— Confie em mim. — Respirando fundo, ele pensou em sua irmã.

— Atire!

Ele chutou a porta, pegando-os de surpresa.

Balas quebraram o vidro das janelas.

Ele correu até o primeiro homem e o atacou com suas facas. Balas passaram por ele e usou o corpo do grandalhão como escudo, movendo-se mais para dentro do apartamento.



Retirando as facas, cortou a garganta do segundo homem, então ao homem que viu lá de cima abusando da mulher, cortou as bolas do bastardo, depois cortou a garganta, o sangue espirrando na camisa de Xavier.

Virando-se no espaço, viu vidro por toda parte e todos os homens estavam mortos.

— Xavier, saia daí.

— A mulher? — Ele olhou para a mesa de vidro quebrada.

— Eles cortaram sua garganta, Xavier.

Ele viu o sangue se acumulando debaixo dela. Chegou tarde demais. Mais uma vez, ele falhou.

— Você pode responder a Boss.



Alesha acordou com um sobressalto.

Afastando o sono de seus olhos, franziu a testa quando ouviu o barulho novamente. Algo estava descendo a escada.

O som de pancadas e vidro quebrando a tirou da cama. Vestindo um pijama, não estava de maneira alguma preparada para lidar com um potencial intruso. Xavier disse que estaria segura ali. Agarrando o taco de beisebol que levava com ela para todos os lugares, abriu a porta do quarto.

Esta era a primeira vez que um intruso invadia sua casa.



A casa de Xavier.

Não era sua casa.

Ela apenas trabalhava ali. Era apenas uma empregada. A mulher que ele mantinha para cuidar de sua casa e tê-la perfeitamente arrumada. Ela cozinhava, limpava e cuidava dos recados que pedia.

Não era nada mais do que uma mulher que se misturava em sua vida como uma peça de mobília. Alesha era um encosto.

A dor a atravessou ao pensar em quão pouco significava para ele. Não que devesse significar algo. Ele era seu chefe. Nada mais, nada menos.

Chegando à escada, estremeceu quando rangeu sob seu peso.

Quando ninguém pulou sobre ela, percebeu que estava em segurança, então deu os passos devagar, com receio do que poderia enfrentar.

E se fosse como em um filme de terror e estivessem usando uma máscara assustadora, empunhando uma faca que a cortaria em mil pedaços? Isso era apenas um sonho e estava prestes a ser rasgada em pedaços por um homem com facas nas mãos? *Nota para si mesma, nunca assistir a filmes de terror antigos dos anos setenta e oitenta antes de dormir.* Odiava filmes de terror, mas uma vez que começava, precisava saber o que aconteceria no final.

Controle-se.



Uma vez que desceu a escada, apertou o bastão mais firme.

Ela nunca foi boa no beisebol.

Descendo o corredor, entrou na sala de jantar, onde viu uma grande sombra. Gritou e girou o bastão, acertando em alguma coisa. O intruso, no entanto, não parou. Levantando o bastão, o puxou de volta para acertá-lo novamente quando ele pegou o bastão e puxou-o de sua mão.

Antes que soubesse o que estava acontecendo, o intruso a puxou para seus braços, segurando-a ainda mais forte. Ela gritou e lutou com toda sua força, mas quem quer que fosse sabia o que estava fazendo.

Ela não podia ir a lugar algum.

Ele era tão forte.

Ela morreria.

Não queria morrer.

Ainda havia muito para fazer. Tornar-se uma mãe, uma esposa, saber se o sexo era realmente bom.

— Você vai parar de se contorcer, mulher? Assim irá se machucar, a mim ou a nós dois.

Ela congelou.

Essa era a voz de Xavier.

Seu chefe.

Oh merda!



— Sim. Você está acertando a porra do seu chefe e tudo o que eu estava fazendo era pegar uma bebida. Bem, se a deixar ir, promete que não tentará nenhum dos seus movimentos mortais?

Ela assentiu. Não estava mais lutando. Não havia palavras que conseguisse falar agora.

E se tivesse matado seu chefe? E se a processasse?

Ele pagava a ela um bom salário, mas não o suficiente para levá-lo ao tribunal. Ela precisaria de um bom advogado? Seria ruim o suficiente perder esse emprego.

Xavier acendeu a luz.

Ela piscou algumas vezes para se acostumar com o brilho súbito. Quando o fez, congelou no lugar.

Xavier usava uma camisa branca e uma calça preta. Seus pés estavam descalços.

Ele segurava uma garrafa de uísque em uma mão. Ele apenas a segurou com um braço?

O taco que ela usou para atacar estava no chão a seus pés.

— Porra, é assim que você recebe todos os homens que entram nesta casa? — Ele perguntou.

Ela olhou para o corpo e rapidamente cruzou os braços sobre o peito.

— Seios bonitos. Você não precisa escondê-los. Não é como se não tivesse visto tudo antes. Acredite, não há muito neste mundo que eu não tenha visto.



Sua conversa sobre seus seios não foi o que a congelou no lugar.

O sangue em sua camisa era o motivo. Isso e um vislumbre de suas cicatrizes. Ele estava de costas para ela agora, enquanto colocava um pouco de gelo em um copo e adicionava o uísque.

Ainda congelada no lugar, viu quando ele levou o copo aos lábios.

— Quer um?

Ela balançou a cabeça. As palavras falharam. O que diria?

— Eu tive um dia realmente fodido, Ashley.

Ela franziu a testa.

— Alesha.

— O que?

— Meu nome é Alesha, não Ashley.

Ele começou a rir e ela se perguntou se disse a coisa errada. Você deveria corrigir uma pessoa maluca que estava bebendo? Ela se lembrava de seus dias trabalhando em bares e como precisava ter cuidado ao redor de bêbados. Eles sempre a deixavam nervosa.

Ele terminou sua bebida e serviu outra.

— Eu preciso para anestesiá-la dor.

— Você está ferido?



— Não, não estou ferido. Apenas... chateado. Eu odeio homens.

Ela franziu a testa.

— Eles são todos um monte de porcos. Açam que podem pegar o que querem. Machucar mulheres. Irrita-me. — Ele terminou a bebida e depois serviu outra.

— Sabe, houve um tempo que não me importava. As mulheres deviam ser usadas. Um bom par de peitos, uma bunda boa, três buracos para usar. Isso é o quão fácil era. Não queria ouvi-las falar. Queria ouvi-las gritar e gemer. Simples. Fácil.

Ela ficou um pouco excitada e ofendida. Isso não era bom.

— Então me lembrei *dela*. Minha irmã. Pensando naqueles monstros. Aqueles malditos porcos que machucam as mulheres. Isso custa. Essa violação. Dói. Não posso fazer isso e farei tudo para ajudar. Eu não ajudei hoje.

— Alguém o machucou?

— Este sangue não é meu. Você não bate muito forte para uma garota. — Ele a olhou e depois riu maníaco. Estava totalmente perdido.

— Sabe que trabalha para um monstro, certo? Um pedaço de merda desagradável. Eu matei muitas pessoas.

Ela engoliu o nó na garganta.

— Sim, esse sou eu. Acabo com vidas. Tão fácil de fazer. — Ele estendeu a mão e apertou os dedos juntos.



— Apagar a vida é tão fácil. Tão fácil.

Ele repetia a palavra fácil, mas ela não achou por um segundo que fosse fácil para ele.

— Eu mato Ashley.

Ela não o corrigiria desta vez.

Se estava pensando em matar, a última coisa que queria era que a matasse.

Ela não queria morrer.

Ele bebeu o uísque. Quantos eram agora?

Não deu nenhum passo para trás.

Ele era um assassino. Tinha sangue em suas roupas e em vez de correr, queria dar-lhe um abraço. Quando a manhã chegasse, se ainda estivesse viva, precisava ter a cabeça examinada.

Mordendo o lábio, o observou, percebendo que não estava com medo. Mas deveria.

— Quer dizer, eles a estavam machucando hoje e rindo. Quem ri quando você esmaga o rosto de uma mulher no vidro? Não é bom. Não está certo. Ela era pequena. Não foi alimentada e eles apenas a mataram. Boss estava com tanta raiva. — Ele pressionou um dedo nos lábios.

— Não conte a ninguém, mas faço parte de um grupo secreto. — Seus lábios se apertaram.

— Sim, um grupo secreto de assassinos. Boss é nosso chefe. — Ele começou a rir.



— Diz-nos quem matar e quando. Eu fui um menino mau. Não deveria beber. Não deveria lhe contar isso. — Ele soltou um arroteio.

— Eu não me sinto muito bem.

E então ela viu quando Xavier desmaiou no chão junto aos seus pés, o copo rolando da mão dele. O gelo encharcando o chão.

Que porra ela acabou de testemunhar?

Fugir e denunciar aos policiais parecia a coisa certa a fazer. Ficando de joelhos, levantou sua cabeça e checkou seu pulso. Ela não queria que os policiais viessem.

Quem quer que esse homem fosse, não precisava dos policiais, precisava de ajuda séria.





CAPÍTULO

TRÊS

Tudo estava escuro.

Um homem gemeu.

Levou um tempo para perceber que os sons vinham dele e seus olhos estavam fechados. Suas defesas entraram em ação e sentou-se na cama.

Sua cabeça doía e a luz feria seus olhos. As lembranças lentamente voltaram. Ele ficou bêbado. Não, completamente fodido.

E de volta à Colômbia, quando governava uma das piores gangues. Atribuía muito de seu sucesso ao fato de nunca ter tocado na merda que fazia. Sem drogas. Sem álcool. Isso foi a queda de tantos outros.

Na noite anterior quebrou sua própria regra e bebeu demais. Era um movimento estúpido em sua linha de trabalho, onde uma mente afiada era essencial para sobrevivência. Esfregou as mãos sobre o rosto.

Ele se lembrava de mais. A garota com a garganta cortada. A culpa. Boss furioso com ele e soltando sua raiva por não seguir o protocolo. O sangue em sua camisa. Xavier



olhou para baixo, movendo o edredom para o lado. Estava apenas de cueca boxer. Não se lembrava de nada depois...

Foda-se, que merda.

Ele saiu da cama, quase tropeçando nos cobertores.

Alesha. Ele não conseguia se lembrar de muito, mas ela estava lá na noite passada. O que ele disse? O que ela viu?

— É melhor você pegar leve. Recebeu uma pancada desagradável na cabeça.

Ele se virou completamente. Alesha estava sentada em uma cadeira perto do armário.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui.

— Quero dizer *aqui*. No meu quarto.

— Você se lembra de alguma coisa da noite passada? — Ela perguntou.

— Não muito. Exceto o fato de que nunca deveria ter comprado bebidas a caminho de casa. — Ele massageou a têmpora, o pulsar ficando mais forte.

— Sim, fiquei com a sensação de que você não está acostumado a beber.

— Mais alguma coisa aconteceu? — Ele perguntou com cautela. Xavier esperava que ela apenas o tivesse visto desmaiado ou resmungando algo incoerente.

— Como o que? A parte que você disse que gostava dos meus seios ou a parte em que disse que matava para viver?



Porra.

Ele começou a andar pelo quarto, indo e voltando. Alesha era inocente e por causa de sua estupidez, teria que colocar uma bala na cabeça dela. O que mais disse? Sabia que falou demais. Boss nunca concordaria com essa quebra de segurança. Ele já estava na lista de merda de Boss por causa da noite anterior.

Agora ele entendia o perigo de ter um civil trabalhando para ele. Um deslize e precisava limpar sua bagunça. Mas prometeu mantê-la segura.

— Sinto muito por tudo o que disse. Sabe, quando os homens bebem, apenas dizem merda estúpida.

— Então, você não é um assassino trabalhando para um grupo secreto de assassinos?

Ele zombou, forçando uma risada.

— Essa é boa. Eu devo ter uma imaginação melhor do que percebi. Muitos filmes tarde da noite.

— E o sangue em suas roupas?

Ele deu um tapinha no peito.

— Você me despiu, Alesha?

— Não tive muita escolha. Você desmaiou no chão. Eu o arrastei para cama, tirei as roupas ensanguentadas e lavei o melhor que pude. Você dormiu como um bebê a noite toda.

— Há quanto tempo você está sentada aí?



— Eu disse. A noite toda. Queria ter certeza que acordasse bem. Alguns bêbados morrem engasgados com o próprio vômito. Ouvi algumas histórias de horror quando trabalhava.

Ele se encolheu.

— acredite em mim, a festa de bebida não acontecerá novamente. Aprendi a lição.

— Eu ofereceria café, mas sei que não gosta.

Ele nunca se permitiu pensar demais em Alesha. Sua vida era agitada e ela era sua governanta. Xavier nunca teve romances ou compromissos. E mulheres bonitas como Alesha estavam destinadas a homens estáveis que poderiam dar todo o sonho da casa com cerca branca. Tudo em que o *El Diablo* era bom, era em matar.

— Você sabe muito sobre mim, verdade?

— Você falou sobre uma irmã.

O seu corpo inteiro ficou tenso. Graciella sempre foi sua fraqueza. Ela tirava seu foco e trazia seu pior. O seu desespero para encontrá-la tomou conta de sua vida.

— Eu não tenho uma irmã. — Disse ele, tentando convencê-la com seu argumento de que tudo o que disse na noite passada era besteira.

— Então, tudo foi uma mentira? A mulher que disse que eles mataram nunca existiu? Você tem uma imaginação muito fértil.



— Louco, hein? — Ele caminhou até a cômoda, apoiando seu peso nas mãos enquanto se inclinava para observar seu rosto no espelho.

— Eu pareço uma merda.

Ele costumava manter os cabelos na altura dos ombros em um rabo de cavalo curto. Agora estava solto e selvagem, com os olhos avermelhados. O que precisava era de um banho longo e frio.

Ficar na cama para se recuperar não estava nos planos. Boss tinha uma tarefa para ele hoje. Uma punição por ter fodido tudo no dia anterior. Aquela mulher morrendo no seu turno era punição suficiente, mas seria enviado em uma missão de reconhecimento. Boss sabia que elas o entediavam.

Era um evento black-tie, uma festa extravagante para angariar doações. Xavier não suportava aqueles esnobes ricos e precisava forçar um sorriso, se misturar com eles a noite toda. E precisava de uma acompanhante.

Seus pensamentos foram para Alesha novamente. Era um jogo que eles estavam jogando ou ela acreditava em todas as mentiras que disse? Sua esperança era conseguir eliminar esse seu lapso da cabeça dela, então não teria que matá-la. Não queria matá-la. Imaginar aqueles lindos olhos azuis permanentemente fechados fez com que ele se arrepiasse.

— Considerando o que se passou parece bem. — Disse ela, chamando sua atenção. Ele olhou de lado

— Você não me contou sobre o sangue.



Ele gemeu internamente.

— Foi uma noite louca. — Disse ele, sua frustração aumentando.

— Eu não me lembro de muito. Devo ter me cortado ou algo assim.

Ela se levantou, aproximando-se dele na cômoda. Alesha se virou para encará-lo, depois passou as pontas dos dedos por seu peito. Surpreendeu-lhe o quanto seu toque era bom. Achava ter perdido toda a sensação décadas atrás.

— Não, nem um único arranhão. Eu teria notado ontem à noite. Você é muito pesado também, a propósito. Não foi fácil arrastá-lo até à cama.

Xavier agarrou seu pulso, os seus dedos ainda em sua pele. Ela soltou um suspiro quase inaudível.

— Eu trabalho duro, mas também gosto muito de jogar. Às vezes as coisas ficam um pouco loucas com todas as bebidas e as putas. Tenho certeza de que me lembrarei, mas garanto que você não quer os detalhes.

Ela precisava seguir em frente e esquecer tudo o que viu ou ouviu. Precisava afastá-la. E se continuasse focando em coisas que não poderia explicar para ela, isso o deixaria com apenas uma escolha. E não queria ir por esse caminho.

— Certo. Não é da minha conta.

Ele soltou sua mão.



— Eu sei que é um dia de trabalho, mas considerando que você ficou acordada a noite toda por minha causa, quero que durma um pouco.

— Eu ficarei bem.

Xavier balançou a cabeça. Ela parecia exausta.

— Não, você vai dormir. Fim de discussão.

Ela foi até a porta do quarto dele e ele exalou de alívio. Talvez tudo acabasse bem e ela seguisse em frente, nunca mais mencionando essa merda. Esta foi a primeira e a última vez que ele ficou bêbado.

Não perdeu tempo em entrar no chuveiro, saboreando a água fria que caía em seu rosto. Se ao menos isso pudesse lavar a culpa. Ele chegou apenas alguns segundos atrasado no dia anterior. E se soubesse que aquele filho da puta cortaria a garganta daquela mulher, poderia ter feito as coisas de forma diferente. E se ao menos tivesse ouvido Viper e esperado antes de agir.

E se apenas...

Não conseguia desfazer o passado. Xavier bateu a palma da mão contra os azulejos, até que uma teia de rachaduras apareceu. Ele queria chorar, mas essa represa secou décadas atrás. Isso era ridículo. Xavier sabia melhor do que deixar suas emoções levarem a melhor sobre ele. O seu trabalho como assassino era perfeito, pois exigia ser insensível, sem coração, pronto para ir para o inferno e voltar para matar. Nunca foi um problema, mas aquela mulher o lembrou de Graciella.



Ele se lembrou de quando libertou a mulher de Chains quando estava presa em seu porão no ano passado. Toda vez que descobria uma mulher inocente sendo abusada, isso despertava uma fraqueza dentro dele, aquele instinto protetor do qual não conseguia se livrar.

Então seus pensamentos foram para Alesha. Podia evitar a verdade, mas sabia muito bem que a contratou por causa de sua atração. Sua inocência o atraiu e suas curvas selaram o acordo. Não é como se algo pudesse acontecer entre eles, mas a contratou mesmo assim. Agora a colocou em uma posição desconfortável. E perigosa.

Ela acreditou em sua história?

Precisava ter certeza.

Suas habilidades de atuação determinariam se ela viveria ou morreria. Mas seria um hipócrita se a matasse, não melhor que o pedaço de merda que cortou a garganta daquela mulher. Talvez isso possa ser seu próprio teste. Era hora de colocar as lembranças de sua irmã para descansar. Precisava se livrar de suas fraquezas.



Alesha se contorceu entre os cobertores, o tecido frio esfregando contra as pernas recém-depiladas. Não podia acreditar que realmente conseguiu dormir com tanta coisa em sua mente. Agora ela se sentia descansada e com a cabeça no lugar.



Isso não era uma coisa boa.

Ela começou a relembrar os eventos em sua cabeça, repetidamente, tentando entender tudo. Xavier já era seu chefe a alguns meses, nunca teve um único problema até a noite passada, então isso não era um padrão. Queria acreditar que ele apenas fodeu tudo e bebeu demais. E tinha uma imaginação louca. Mas sabia bem que não.

Depois de arrastá-lo para cama, despindo-o e lavar seu peito, ela olhou tudo. Sua carteira tinha várias identidades, com vários nomes fictícios. Suas costas estavam marcadas e não eram acidentes de infância, mas marcas profundas que deixou sulcos permanentes em sua pele. Xavier Moreno não era um homem comum. Sua história louca sobre assassinato e violência estava começando a parecer mais plausível.

Mas se não acreditasse no que ele lhe disse esta manhã, a alternativa era muito assustadora para considerar. Queria manter seu emprego, queria que tudo ficasse na situação atual. Alesha decidiu que seria melhor manter a boca fechada. Mesmo que ele nunca tenha trazido mulheres para casa, alegou ser um playboy que festejava muito. Fazia sentido, mesmo que não quisesse acreditar.

Abriu os olhos, o pôr do sol dando ao seu quarto uma coloração rosa. Como o enfrentaria novamente?

Sua visão periférica notou um pequeno movimento. Ela agarrou os seus cobertores e olhou para porta. Estava aberta e Xavier encostado no batente.



— Onde está minha arma? — Ele perguntou o seu tom de voz afiado.

— O que?

— Eu usava um arnês na noite passada. Você me despiu.

Ela se mexeu para se encostar à cabeceira da cama, com os cobertores até ao pescoço. Alesha lambeu os lábios.

— Guardei-a por precaução.

Não havia como deixar a arma carregada por aí enquanto ele estivesse bêbado. E se acordasse com raiva e tentasse usá-la contra ela?

Ele cruzou os braços sobre o peito, levantando uma sobrancelha.

— Planeja devolver?

— S...sim. Irei me vestir primeiro. Há quanto tempo você está aí parado?

Ele ignorou a pergunta dela.

— E as roupas que estava usando?

— Elas estão na minha banheira de molho. Espero poder esfregar as manchas de sangue. Tenho alguns truques que posso tentar.

Ele entrou no quarto sem pedir licença, abrindo a porta do banheiro. Ela o ouviu escoando a água da banheira, então saiu com um saco de lixo e as roupas molhadas nele.

— Elas não são reaproveitáveis.



— Eu nem tentei ainda.

Xavier não se parecia com o homem que viu na noite passada. Aquele homem estava quebrado, perdido e rasgado ao meio. Agora tomou banho, estava confiante, o mesmo chefe que viu todos os dias desde que foi contratada. O álcool podia realmente alterar uma pessoa dessa maneira ou havia alguma verdade nas coisas que ele disse ontem?

O que fazia para pagar por esta mansão?

Por que as horas estranhas?

Ela nunca questionou antes nada sobre ele ou seu estilo de vida, mas agora sua imaginação estava acelerada, sua mente tentando juntar tantas coisas. Talvez ele não fosse um empresário recluso. Talvez *trabalhasse* para um grupo secreto de assassinos. Alesha quase riu alto com os pensamentos ridículos. Quanto muito, provavelmente era apenas um homem de negócios corrupto.

Ele a olhou, os nós dos dedos que seguravam o saco de roupas molhadas ficando brancos. Sua intensidade fez seus mamilos endurecerem. Deus, o homem era lindo. Por que não falava nada?

— Qual o seu tamanho?

Ela franziu a testa.

— Como?

— Tamanho de vestido. Tamanho de sapato. Qual é?



Seus arrepios acalmaram. Pelo menos ele não estava tirando sarro do peso dela. Disse suas medidas, esperando que ele fizesse uma careta, mas não fez.

— Porque você precisa delas? Para um uniforme?

— Eu a levarei comigo está noite. Jantar formal. Saímos daqui a duas horas.

Que porra estava acontecendo? Ela passou a mão pelo cabelo, o cobertor caindo até a cintura. Os olhos foram para seu peito e suas bochechas coraram instantaneamente. Ela precisava de pijamas mais grossos.

— Não entendi.

Xavier se aproximou da cama dela. Ele apenas usava uma calça de moletom cinza escuro e uma blusa preta ajustada. Malhava como um demônio todos os dias depois de voltar para casa, geralmente por horas. Podia ouvir os pesos tilintando e seus punhos fazendo contato com um saco de pancadas. Isso era tudo o que conseguiu perceber, já que não tinha permissão para ir ao porão.

Ele sentou na beirada da cama e sua boceta instantaneamente pulsou. Ela apertou as coxas, tentando não se concentrar na largura de seus ombros nus, a dureza de seus bíceps ou a tinta escura em sua pele. Não ajudava que passou as mãos nele na noite passada enquanto estava inconsciente. Continuou dizendo a si mesma que estava apenas cuidando dele, fazendo seu trabalho, mas isso era uma completa mentira.



Era demais para ela. O que ele estava fazendo? Sua proximidade ultrapassou mais limites que poderia contar. E não se importava.

— Você entende mais do que você deixa transparecer, não é, Alesha? — Ele estendeu a mão livre e desenhou uma linha em seus lábios com o dedo.

— Não tenho certeza se posso confiar em você.

Ela não disse nada, enfeitiçada pelo seu toque e não tinha certeza se deveria ter medo de suas palavras.

— Eu tenho um jantar de negócios está noite, ainda não me sinto confortável em deixá-la sozinha. E já que preciso de uma acompanhante, isto funcionará muito bem.

— Eu não fiz nada de errado. E se é sobre a noite passada, estava apenas tentando ajudar.

Por que ele não confiaria nela sozinha na casa? Era sua governanta. Era seu trabalho manter as coisas funcionando enquanto ele estivesse fora.

— Sim, meu cordeirinho curioso. — Ele se levantou, caminhando em direção à porta.

— Você provavelmente não percebe que está casa e propriedade estão conectadas de cima abaixo. O melhor em vigilância de alta tecnologia.

Ela engoliu, não gostando de onde isso ia. O que ele a viu fazer? Estava em apuros? Ele a viu olhar em sua carteira?

Ele se virou quando alcançou a porta.



— Sua roupa estará aqui dentro de uma hora. Vamos chamar está noite de um teste de lealdade, Alesha.

— O que isso significa? — Ela sussurrou.

— Reputação é tudo no meu negócio. Não posso deixar uma pessoa manchar tudo pelo que trabalhei arduamente por causa de um mal-entendido. Isso é o que a noite passada foi, um mal-entendido.

Ela deveria ter mantido a boca fechada, mas tinha uma mente própria.

— Então, você nunca matou ninguém?

— Você já?

Conversar com ele era como arrancar dentes. Ela deveria tentar consertar todas essas pontes quebradas, concordando que era tudo um mal-entendido. Mas no fundo, sentiu sinceridade quando ele falou na noite passada, mesmo bêbado. Foi cru, honesto, real. Agora, completamente sóbrio, tinha a sensação crescente de que ele estava tentando encobrir a verdade.

— Sinto muito, pergunta boba, eu acho. — Ela saiu da cama com o cobertor firmemente ao redor de seu corpo.

— Pegarei a arma.

Ele observou cada movimento dela quando se abaixou da sua cômoda e abriu a gaveta onde mantinha seus sutiãs e calcinhas. Uma de suas roupas de baixo estava enrolada no cano da arma, ela correu para arrancá-la enquanto tirava



todo o arnês da gaveta. Entregou a ele, que jogou sobre o ombro.

— Onde iremos está noite? — Este era um encontro real? Ele realmente não confiava nela sozinha em sua casa agora? Isso não parecia bom para seu novo emprego confortável.

— Angariação de fundos formal. Eu as odeio. — Ele disse.

— Talvez seja suportável com você lá.

— A miséria adora companhia?

— Algo assim. — Disse ele.

— Por que você não convidou uma de suas transas da noite passada?

Alesha não era exatamente uma boa acompanhante. E o ciúme dela vinha se formando desde que contou sobre suas putas e festas. Ele inclinou o queixo para cima e ela não se afastou.

— Bem, se fingir que estou com a minha noiva, quero ter uma mulher que eu mesmo escolhi. Muito mais convincente.

— Então, fingiremos?

— É um evento apenas para casais e preciso retratar uma determinada imagem se quiser me misturar.

— E se misturar é bom?



— Eu deveria dizer que *nos integrar* é mais apropriado.
Nós não iremos nos misturar quando você estiver usando o
vestido que escolhi.





CAPÍTULO

QUATRO

Xavier se arrependeu do vestido que escolheu quando ela desceu a escada em direção a ele. Depois que encomendou a roupa para ela, se debateu sobre ela ir com o vestido de coquetel preto que moldava suas curvas, mostrando uma grande quantidade de decote ou o vestido vermelho. O modelo tinha uma figura semelhante à de Alesha e queria vê-la naquele vestido. Grande erro de sua parte.

Ela parecia sexy.

O vestido moldava seu corpo e alargava-se em seus quadris. Havia duas fendas de cada lado, mostrando uma visão tentadora das pernas. Os saltos o fizeram querer deitá-la e fodê-la com força.

Ele estava evitando-a desde esta manhã, dando-lhe tempo para dormir.

E se falasse alguma coisa sobre a conversa deles na noite passada, não teria escolha a não ser matá-la. Boss não permitiria que ela vivesse. Era uma ponta solta.

— Eu pareço bem para o trabalho?

Seu cabelo loiro escuro caía em cascata ao redor dela em cachos soltos.



Estava deslumbrante, não tinha dúvidas de que ela se encaixaria está noite. O objetivo era se misturar. Fazer parecer que eram um dos ricos e da elite. Não um assassino e sua governanta. Era muito engraçado agora que pensava sobre isso.

— Parece que sim.

Ele viu seu sorriso desaparecer.

— Tudo o que você precisa fazer hoje é ficar comigo. Sorria, não fale. E se alguém falar com você, finja que não os ouve ou entende.

— Isso parece rude.

— Você dará trabalho?

— Eu não darei trabalho. É simples assim. E se uma pessoa falar comigo, eu responderei.

— Você não está em posição de me dizer o que fará. Tenha cuidado. — Ele se aproximou dela. Porra, até cheirava bem, doce e tentadora. Seria preciso muito esforço para fingir desinteresse.

Ela revirou os olhos.

— Por favor, se fosse me matar, já teria feito isso.

— O que a faz pensar que não o farei?

— Eu não sei. Talvez porque depois de tudo que você revelou na noite passada como parte de sua chamada imaginação, eu não chamei a polícia ou o hospício. Ainda estou aqui e passei horas cuidando de você, limpando o



sangue de suas roupas. Acho que isso justifica não ser morta.
— Ela afastou o cabelo do rosto.

Sua mão tremia, a denunciando. Ela estava nervosa, mesmo quando tentava escondê-lo, odiava que ele fosse a causa disso. Alesha nunca deveria fazer parte disso.

— Você não pode dizer às pessoas quem somos.

— Eu não tenho intenção de fazer nada. Sequer quero ir para essa coisa. Você não tem mulheres que pode usar para isso? Eu não sou uma pessoa de eventos formais.

— Não. Você irá. — Ele agarrou seu braço, movendo-a em direção à porta.

— É melhor parar de me apertar. Não está sendo justo e me machuco facilmente.

Ele soltou seu aperto um pouco, mas não a deixou ir. Ela estaria mais segura com ele. Se Boss suspeitasse de algo, o bastardo a mataria.

Deixando sua casa, ele checkou todas as fechaduras e abriu a porta do carro para ela.

— Obrigada.

Ele esperou que ela entrasse. O vestido se abriu, revelando uma extensão de perna e porra, a queria novamente.

Com a porta fechada, ele se moveu para o lado do motorista. Esta noite não era sobre se satisfazer. Boss deu-lhe instruções simples.

Reconhecimento.



Procurar um potencial senhor do crime.

O evento formal ao qual iriam era uma fachada para o tráfico de mulheres e crianças. Boss queria um olhar dentro e verificar o layout da casa. E se Xavier visse alguma coisa, não agiria, apenas tomaria nota.

Isso seria difícil para ele. As mulheres eram uma fraqueza. Especialmente mulheres em perigo. Ele tinha o instinto de protegê-las e os acontecimentos da noite anterior estavam ainda frescos em sua mente.

— Então, estamos noivos?

— É tudo falso, lembre-se disso. — Disse ele.

— Eu não esquecerei. Apesar de nós não precisarmos disso para parecer autêntico.

— O que você quer dizer? — Ele perguntou, a conduzindo pela estrada.

— Estamos envolvidos. Isso significa que preciso de um anel. Eu não tenho um.

Ele segurou o volante com uma mão e colocou a mão no bolso do terno.

— Aqui. — Ele estendeu a mão para ela.

— Pronto. — Ele pegou o anel simples para usar como adereço.

— Você acha que servirá?

— É melhor que sim. Não temos tempo para conseguir outro anel.



Ela pegou o anel, ele a olhou, observando enquanto o colocava em seu dedo.

— Serve. Muito bem. É bonito.

Alesha colocou as mãos nas coxas e olhando para o anel em seu dedo, ele parecia bem. Parecia estar no lugar certo. Ele se sentiu culpado por não escolher algo ainda melhor. Alesha merecia algo que tivesse algum significado, não apenas um adereço. Ainda assim, isso faria o trabalho.

— O que mais faremos está noite?

— Misturar. Não puxe conversa, apenas ria nos momentos apropriados. Espero que você olhe para mim com adoração e finja que está apaixonada por mim.

— Uau, você não me disse isso quando me forçou a vir.

— Estamos noivos. Isso é o que normalmente acontece.

— Eu não sou atriz. Não posso fingir assim, Xavier. O que você está pedindo é demais.

— Eu vi a maneira como você me olha quando acha que não estou olhando. Você não me ama, mas certamente quer me foder. Quando olhar para mim, imagine que quer me foder e lidarei com o resto.

— Você é um idiota. — Ela disse, com os braços cruzados.

— Você negará isso?

— Eu não farei ou direi nada. Você não precisa falar sobre isso. Uau, agora me sinto como a empregada perdedora que tem tesão pelo chefe. Como vai me olhar? Planeja ser o



homem que tem uma mulher em seu braço enquanto procura outra para foder? — Ela perguntou.

— Simples. Olharei para você como se estivesse faminto. Como se um gosto nunca fosse o suficiente e se não precisasse participar deste evento estúpido estaria bem fundo dentro de você, até às bolas.

— Você não quer dizer isso.

— Não? É engraçado porque, no momento em que desceu, eu não conseguia pensar em fazer qualquer outra coisa.

A sua honestidade a silenciou.

Bom.

— Sinceramente, acho que você deveria escolher outra pessoa.

— Eu não tenho tempo. E se não lidar bem com esta noite, você pode dizer adeus ao seu emprego.

— Porquê? Não fiz nada de errado. Eu o ajudei. Lembre-se da noite passada quando não conseguiu nem mesmo ir para cama?

Ele ainda não conseguia acreditar que ela o levou para seu quarto. Deve ser forte, mesmo que ele não veja esta força. Mais cedo planejou mantê-la no escuro, mas viu o brilho em seus olhos. Ela sabia demais. A mulher era esperta e provavelmente, uma atriz muito melhor do que dizia. Não adiantaria esconder as coisas quando elas poderiam ficar feias rapidamente.



— Quer saber a verdade? Você é um problema. Eu nunca deveria tê-la contratado. Não precisava de uma governanta. Podia manter esse lugar em perfeitas condições sem você. Acontece que gostei do seu sorriso e achei que seria divertido ter uma mulher em casa. Grande erro da minha parte. Agora, se o homem errado descobrir quem você é, está morta. Entendeu? Morta, caralho. Então, esta noite você representará o papel de noiva amorosa e não entrará em nenhum problema. Quando eu disser o que fazer, você fará. Nenhuma pergunta será feita. E se quiser viver, obedecerá.

— Foda-se sua imaginação. Tudo o que você me disse ontem à noite é verdade, certo? Você é um assassino. — Ela se afastou dele, os seus dedos se movendo.

Ele não respondeu.

Quando parou do lado de fora do evento, esperava que ela estivesse pronta para olhá-lo como se fosse o único homem em seu mundo. Boss certamente a mataria se não o fizesse, bem, não havia como dizer o que aquele filho da puta faria.

Ninguém realmente conhecia o dono do *Killer of Kings*. Xavier tentou investigar o passado de Boss e não conseguiu nada. Não havia registro dele em lugar nenhum. Tentou usar Maurice, o gênio especialista em tecnologia do *Killer of King*, mas novamente, não encontrou nada.

O mundo não sabia que havia um demônio entre eles. Ele nem sabia se Boss era um homem bom ou ruim.



De qualquer forma, não o testaria. Não agora. Não quando já fodeu tudo uma vez.

Além disso, se alguém pudesse encontrar algum detalhe sobre a sua irmã, seria Boss. Continuava tentando-o, lhe jogando informações que nunca davam em nada.

Depois de quase uma hora de carro, Xavier parou atrás de uma longa fila de carros. Estavam a quatro carros da porta.

— Estamos chegando. — Disse ele.

— Eu vejo.

— Pode fazer isso, Alesha. Tenho fé em você.

— Claro. É um pedaço de bolo, certo? Apenas fingir que amo um monstro e que ele não me matará se não fizer isso direito. — Ela respirou fundo.

— Deveria tê-lo deixado no chão. Talvez tivesse morrido com seu vômito.

Xavier rosnou enquanto saía, entregando as chaves ao manobrista.

— Mantenha-o em bom estado.

Outro dos manobristas foi abrir a porta do passageiro, mas ele ficou na frente.

— Ninguém toca na minha mulher. — Pegando a mão dela, a ajudou a sair do carro.

— O show vai começar.





Bebendo a taça de champanhe, Alesha tentou não pensar muito sobre o braço de Xavier em sua cintura. Sua mão estava no quadril e era muito consciente de seu toque.

— Não beba demais.

— Sim, papai.

— Bem, se fosse seu pai, você estaria sobre o meu joelho agora, levando a surra da sua vida.

Isso não deveria a excitar. Não, não pensaria em estar sobre o joelho dele, com sua grande mão descendo sobre o traseiro.

Que porra estava errado?

Ela continuava relembrando todas as situações que aconteceram uma e outra vez nos últimos meses, percebendo em retrospectiva que fazia todo o sentido Xavier ser um criminoso. Isso era algum tipo de vigilância perigosa. O trabalho perfeito, era bom demais para ser verdade.

Terminando a primeira taça de champanhe, a colocou na bandeja de um garçom que passava. Ninguém ainda se aproximou deles, o que agradeceu. Que porra deveria fazer? Seus nervos estavam ficando loucos.

O salão de baile estava cheio de riqueza, as mulheres vestidas com roupas de grife, rindo e penduradas nos braços dos homens. Todos pareciam se encaixar. Agora, ela não



adoraria nada mais do que estar em casa com uma xícara de chocolate quente fumegante e um bom livro.

Em vez disso, continuou olhando para Xavier, esperando que as pessoas pensassem que estivesse apaixonada. Ela soltou um suspiro que sequer percebeu segurar.

— Acalme-se.

— Eu não posso. Estou sempre à espera que alguém saia, sabe? E comecem a atirar em nós.

— Tudo o que você precisa fazer é relaxar. Misturar.

— E se alguém lhe fizer alguma pergunta, sabe o que dirá?

Xavier sorriu.

— Nós descobriremos, certo?

Ela esperava que ficassem no cantinho onde ninguém falava com eles. Mas ele tinha outras ideias. Quis gritar quando começaram a se misturar com a multidão.

Alesha nem sabia por que duvidava de sua habilidade.

Ele sabia como trabalhar a multidão. No momento em que pararam, as perguntas vieram. Ela não pode deixar de ficar tensa enquanto esperava que Xavier dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Deveria saber que ele tinha um plano. Contou a eles sobre sua empresa especializada em tecnologia e repetiu alguns nomes e detalhes que claramente impressionaram alguns dos homens. As mulheres também o olhavam como se ele fosse um pedaço de carne.



Acreditavam nele, era muito convincente.

Ela colocou a mão em seu peito.

— Vamos dançar. — Ela disse.

— Podem me dar licença? Minha noiva adoraria dançar.

— Ele segurou sua mão, levando-a para a pista de dança.

Alesha olhou por cima do ombro, sem querer olhá-lo nos olhos.

— Você fingirá que não existo?

— Eu não sei se gosto de você agora. — Ela disse.

— Deixe-me saber quando você decidir. — A mão abaixou para sua bunda, ela odiou como essa ação a despertou.

Ele era um assassino.

Um assassino.

Não alguém que deveria querer em sua cama.

— Você já tem uma história?

— Isso é o que sou pago para fazer. Qualquer um aqui que procurar pelo meu nome e empresa, verá uma história inteira por trás. Tenho uma noiva e esses detalhes não são conhecidos, agora que a tenho.

— Por que a sua noiva não é conhecida? — Ela perguntou.

— Precisava encontrar alguém. Não posso escolher exatamente qualquer mulher. É um trabalho perigoso.

— Sou sua governanta. Por que eu?



— É divertido vê-la se contorcer.

Ela queria bater nele, mas absteve-se de fazê-lo. Por mais louco que isso fosse, ainda esperava ter um emprego amanhã de manhã.

— Bem, você me escolheu para fazer o papel, então planeja me contar mais sobre o que está acontecendo? É mesmo um assassino? Estamos em perigo?

— Eu mal posso esperar até que possa tê-la sozinha.

— Você é meu chefe.

Ele encolheu os ombros.

— Acha que isso importa para alguém como eu?

Duas vezes ele disse algo sexual. E não respondeu às suas perguntas. Não importava. Ela sabia a verdade.

Olhando em seus olhos, ele estava focado nela até que algo chamou sua atenção.

Ela olhou para trás e não viu nada.

— O que foi?

— Acabei de ver uma criança. Ela parecia... suja.

— Xavier, não há nada lá.

— Alguém a agarrou.

Ele estava falando loucuras. Não havia ninguém atrás dela.

— Você apenas deve fazer o reconhecimento, lembra?



— Eu não dou a mínima, porra. Descobrirei o que está acontecendo. Fique aqui. — Ele a soltou e ela não teve escolha a não ser vê-lo partir.

Ótimo.

Agora o que ela faria?

Ela estava tentada a segui-lo, mas ficou com medo de se perder e ele acabar em algum tipo de perigo.

Ela não foi treinada para isso. Por mais que quisesse que ele escolhesse outra mulher, estava feliz por tê-la escolhido. Xavier era um playboy. Ele mesmo disse. Mas ainda tinha esperança de que sentisse algo mais por ela.

Deixando a pista de dança, foi até o canto do salão de baile. As pessoas se misturavam.

O garçom parou ao lado dela e sorriu para ele enquanto pegava outra taça de champanhe. Xavier a deixou e agora beberia até que parasse de sentir medo. Bebendo o líquido claro, as bolhas fizeram cócegas em seu nariz. Ela ficou esperando, não tinha certeza de quanto tempo passou.

Ela apenas esperava um grande estrondo ou tiroteio.

Controle-se, Alesha.

— Agora, quem é o tolo que deixou uma linda rosa como você, desacompanhada?

Ela se virou para ver um homem com longos cabelos loiros presos em um rabo de cavalo. Seu terno e o modo como se vestia gritavam dinheiro.



— Ele precisou ir ao banheiro para fazer uma ligação de negócios. — Disse ela.

— Ah, negócios. A boa e velha peste que estraga toda a diversão.

— Estou bem.

Ela forçou um sorriso. Suas mãos tremiam e ela cruzou uma sobre o estômago enquanto segurava a taça com força, esperando que não a quebrasse. Não queria conversar e dizer a coisa errada.

— Importa-se se ficar com você?

— Fique à vontade. — *Deixe-me em paz.*

— É uma festa e tanto, não é?

— Sim. — Disse ela.

— Todo esse dinheiro e riqueza. Eles estão tramando e planejando como conseguir mais. Ninguém está satisfeito neste mundo. Sempre querendo mais. Sempre brigando.

— Você tem um problema com isso?

— Não. Eu possuo esta casa. — Disse ele.

— Oh.

— O meu nome é Dixon.

— Alesha. — Disse ela, apertando os lábios. Não sabia se Xavier deu-lhe um nome diferente antes. Merda.

Os nervos levaram a melhor, o corpete do vestido estava muito apertado enquanto lutava para respirar.



Dixon estendeu a mão e contra seu melhor julgamento, ela a pegou, apertando a mão dele.

— É um prazer conhecê-lo. — Disse ela.

— Não, não, o prazer é todo meu.

Puxando a mão para trás, ela estava ciente de seu olhar. Intenso. Focado apenas nela.

— Eu já a vi antes? — Ele perguntou.

Voltando sua atenção para ele, balançou a cabeça. — Não. Eu passo a maior parte do meu tempo com Xavier. Ele gosta de me manter por perto.

— Mas a deixou em um momento como este. — Ele fez uma careta.

— Eu sei que o trabalho sempre virá primeiro. — *Por favor Xavier venha me salvar.*

— Que tal eu a entreter? Venha. Vamos dançar.

Cada parte dela gritava não, mas não podia fazer isso. Precisava jogar junto e não fazer drama.

— Claro, que mal pode fazer?

Eu terei uma morte lenta e dolorosa, será tudo culpa de Xavier. Irei assombrá-lo, Xavier.

Dixon pegou a mão dela e colocou a taça de champanhe na mesa ao passarem. Em segundos, seus braços estavam ao redor dela. Colocou as mãos nos ombros dele, esperando não foder tudo.

— Você é a noiva de Xavier?



— Sim.

— Há quanto tempo estão noivos?

— Um ano... eu acho.

— Este é um longo compromisso.

— Ele gosta de me manter esperando.

— Eu pensei ter lido no jornal que estavam envolvidos apenas há quatro meses.

Ótimo!

— É o quanto ele queria contar à imprensa. — Ela encolheu os ombros. — Tivemos uma briga, acho que ele sentiu que a única maneira de compensar isso seria colocando um anel no meu dedo.

Eu não aguento muito mais. Xavier.

Ela queria irromper em lágrimas. Seu coração estava acelerado. Este homem o ouvia? Sentia como ela estava com medo? Quão nervosa? Uma onda de náusea a percorreu.

Tudo o que queria fazer era sair e se enrolar na cama, fingir que não existiam homens maus e assassinos.

— Você gosta do mar? — Perguntou Dixon.

— O mar? — Ela perdeu alguma da conversa no meio do seu pânico? — Tudo bem, eu acho. Muita água.

— Eu tenho um iate. Bem, se quiser ir para o mar, apreciar as ondas e a paisagem, adoraria levá-la. Claro, sem o seu noivo por perto.

Ela riu. Estava sendo paquerada?



— Com licença. — Disse Xavier.

— Obrigado por ficar de olho na minha mulher. Ficarei com ela agora. — Sua voz profunda estava cheia de confiança.

— Ah, o indescritível Xavier Moreno. Você realmente tem uma joia rara aqui. Uma realmente especial.

— Por isso que fiquei noivo.

— E parece ser um longo compromisso. Precisamos almoçar algum dia e, é claro, traga sua noiva. — Dixon beijou sua mão.

— Até uma próxima vez.

Assim que ele desapareceu na multidão, ela virou-se para Xavier.

— Nunca mais me deixe. — Disse ela.

Ele colocou os braços ao redor de seus quadris.

— Eu consegui o que precisava.

— E o que foi isso? — Ela perguntou.

— Um convite para almoçar.

— Você queria Dixon?

— Sim. Ele é quem está na tarefa de reconhecimento e parece que tem um fraquinho pela minha noiva.





CAPÍTULO

CINCO

Ele ligou para Boss para deixá-lo saber sobre a situação. Assim que mencionou que o homem estava atraído por seu encontro, Boss queria que ele a usasse como isca. Deveria ter esperado por isso. Sua tarefa chata estava se transformando em muito mais, mas não deveria envolver Alesha. Ele a levou porque suas únicas opções eram não a deixar sozinha em casa para ligar para a polícia ou amarrá-la em seu porão.

Xavier contou uma história de merda sobre mulheres e festejar muito. A verdade era muito mais sombria do que jamais poderia imaginar. Sem mencionar que ele não transou com outra mulher desde que contratou Alesha. Ela o confundia. E por causa de sua bebedeira, fodeu tudo.

— Você disse que eu apenas precisaria ir a *este* evento.

— Bem, as coisas mudaram. — Disse ele.

Ela segurou as lapelas do terno dele, olhando com aqueles grandes olhos azuis. Ele fez muita coisa ruim em sua vida, mas agora, desejou nunca a ter contratado. Assim ela não entraria em seu mundo perverso.



— Bem, se espera que eu continue jogando, precisa ser honesto comigo. Eu não sei o que está acontecendo e isso me assusta. Você me assusta.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca a machucaria, Alesha. — A sinceridade em sua própria voz o surpreendeu.

— Conversará comigo? *Realmente* o fará? Sem mentiras.

— Aqui não.

— Está bem. E a garotinha? — Ela perguntou.

— Foi-se. — A verdade era que não havia garotinha. Xavier jurou que viu sua irmãzinha, usando o mesmo vestido imundo que usava no dia em que a perdeu, mas era apenas mais uma ilusão. Estava perdendo a cabeça.

— Ok... por quanto tempo mais ficaremos? — Ela perguntou.

Ele não diria que já poderiam ter ido embora. Xavier gostava de suas mãos sobre ela muito mais do que deveria. Fodeu muitas mulheres... jovens, velhas, ricas e pobres. Nenhuma mulher com quem dormiu ao longo dos anos significou alguma coisa. Todas eram descartáveis. E sua pequena governanta com o coração de ouro despertou algo adormecido dentro dele. Ainda estava decidindo se isso era bom ou ruim.

— Mas primeiro precisamos fazer com que seja convincente.

— Como?



— Você deveria me beijar. Mostrar a todos aqui como está apaixonada. — *Incluindo Dixon.*

E de onde veio este ciúme? Começou a atacá-lo de dentro para fora no momento em que viu as mãos daquele filho da puta nela. Ele não era um homem ciumento.

Ela engoliu saliva.

— Ok, se você diz isso.

— Prepare-se, querida. Eu farei isso do meu jeito. — Ele se abaixou e segurou sua bunda, puxando-a mais contra seu corpo. Com a mão livre, segurou a cabeça dela e beijou-a com força. Esperava que ela ficasse rígida e lutasse contra ele. Mas derreteu, colocando os braços ao redor de seu pescoço enquanto o beijava de volta.

O mundo inteiro desapareceu. A escuridão. As lembranças fodidas que o mantinham acordado à noite.

Era apenas ela.

E o beijo.

Quando ele se afastou, os sons foram silenciados, sua visão obscurecida. E se não soubesse melhor, juraria estar drogado. E de que outra forma poderia explicar sua profunda necessidade de reivindicar Alesha? Ele sempre foi atraído por ela, mas saber que o arrastou para cama, cuidou dele e sentou ali a noite toda, mudou tudo. Ninguém nunca deu a mínima para ele, nem mesmo sua própria família. Era descartável, indesejado, lixo. Ser de alguma forma importante para outro ser humano... era viciante.



— Acho que funcionou. — Ela sussurrou, tocando sua boca.

— Sim, eu acho que sim. — Ele estava fodido e sem palavras. O que fazia?

Ele estava tentando seu melhor para se manter distante desde que revelou seus segredos. Esperava afastá-la, fazer odiá-lo para que pudessem manter um relacionamento de trabalho distante, um onde ele não tivesse que matá-la. Sabia que estava brincando com fogo. Alesha não agiu exatamente como imaginava. Então não sabia que porra poderia fazer.

E agora?

Poderia mantê-la? Ele a queria. Queria possuí-la. Foi-lhe negado tudo em sua vida até que aprendeu a tomar o que queria, independentemente do custo. Mas sempre foi sobre coisas, dinheiro, poder, armas, propriedade. Relacionamentos pessoais era um limite. Foi queimado muitas vezes, o suficiente para parar de se importar, parar de sentir.

Alesha se tornaria como todas as outras, como sua mãe, como os homens que tomaram sua inocência. Não podia arriscar ser vulnerável, entregando seu coração a uma mulher.

Mas havia algo ali, uma faísca entre eles quando se beijaram.

Ele se recompôs, segurando a mão de Alesha e levando-a até entrada principal. Como todos os outros dias de sua vida, estava em alerta, observando tudo ao redor enquanto caminhavam através dos convidados que se misturavam. Não



confiava em ninguém e nunca foi ingênuo o suficiente para pensar que estava em segurança.

— Vamos para casa?

— Sim, por quê?

— Eu não preparei o jantar e não ficamos para comer.

— Disse ela.

Ele acenou com a mão quando saíram, solicitando o seu carro a um dos manobristas.

— Então a levarei para jantar. É tarde e seria uma pena não vê-la nesse vestido por mais algumas horas.

Suas bochechas coraram. Ficava bem nela. Ele a imaginava assim depois de transar a noite toda. Xavier afastou os pensamentos, culpando sua furiosa ereção por ficar muito tempo sem fazer sexo.

Eles foram em direção ao centro da cidade. Continuou repassando os eventos em sua cabeça, tentando se lembrar de todos os detalhes para o próximo almoço. Esperava que Boss lhe desse tudo para colocar uma bala no cérebro de Dixon. Xavier já o estava imaginando com vívidos detalhes.

Nesta altura, Boss já teria descoberto que Alesha era sua governanta. Será que pediu a Maurice que invadisse a vigilância de sua casa? Sabia que Xavier ficou bêbado e contou tudo para uma estranha? Ele esperava que não. Quando Boss lhe disse para usar Alesha em sua vantagem, não viu problema em usá-la como isca. Estaria lá o tempo



todo e confiava em suas habilidades. Mas e se Boss quisesse eliminá-la após a missão? Não o faria.

— ... sua família.

Ele voltou à realidade, verificando os sinais de trânsito.

— Sinto muito, não ouvi.

— Você disse que não tem uma irmã, mas e seus pais? Eles moram perto?

Ele apertou os dentes. Por que ainda a ouvia? Porque ela significava algo para ele, embora desejasse apagá-la da memória neste momento. As mulheres sempre complicavam tudo.

— Não vamos falar de família.

— Xavier, você prometeu. — Sua voz soava animada, mas novamente, ela era muito mais jovem do que ele. Mais de uma década. O tom suplicante fez com que se sentisse compelido a obedecê-la.

Ele se mexeu em seu assento, seu pau desconfortavelmente duro. Até mesmo o cheiro dela enchia o interior do carro, distraíndo-o.

O restaurante ficava a apenas cinco minutos, então estacionou o carro.

— Alesha, por que precisa fazer todas as perguntas difíceis?

Ela inclinou a cabeça.



— Eu pensei que fosse uma pergunta simples. Estou apenas tentando iniciar uma conversa.

Ele soltou o cinto e se virou para ela. Seus seios estavam aparecendo pela parte de cima do vestido, fazendo-o lembrar de se comportar e manter suas malditas mãos para si mesmo. Um corpo tão pecaminoso com aqueles olhos inocentes. Apertou o punho, colocou-o no encosto de cabeça atrás dela.

— Família é uma pergunta difícil.

— Devemos ser honestos. Sem mentiras, lembra?

Ele respirou fundo, não estava acostumado a manter uma promessa.

— Eu não conheci meu pai, mas isso não era incomum em nosso bairro. Minha mãe, bem, aquela cadela nos vendeu para pagar suas dívidas. Entregou seus filhos, mudou para o outro lado e começou novamente. Sabe o que eles fazem com garotinhas que são levadas? Acha que eu venderia meus filhos para uma gangue, para alguém? Morreria primeiro. — Ele percebeu que estava gritando, o seu rosto apenas a centímetros do dela.

Xavier se afastou, passando a mão pelos cabelos. Seu coração estava acelerado.

— Sinto muito. — Ela sussurrou. Ele olhou para baixo e a mão dela estava em sua coxa.

— Por que você sente muito? É a minha vida de merda. Não é sua culpa.



— Eu gosto de como você é na realidade, mesmo que seja escuro e sujo. Minha mãe também não era uma santa. Depois que se casou novamente, não me quis mais. Não falo com ela desde então. É por isso que trabalho duro por tanto tempo.

Ele adicionaria a morte da cadela da mãe de Alesha em sua lista de tarefas.

— E você, Alesha? Venderia seus filhos pelo preço certo? Colocaria seus interesses acima deles?

— Eu nunca pensei muito em ser mãe. Quer dizer, tenho vinte e sete anos e ainda sou virgem. — Ela ofegou, batendo a mão sobre a boca.

— Sinto muito, eu...

Ele aproximou-se e beijou-a na boca, áspero e exigente. Uma energia incontrollável percorreu suas veias e facilmente se transformou em uma paixão que nunca conheceu. Queria possuí-la, corpo e alma. Tornarem-se um só. Xavier se aproximou no espaço apertado, passando a mão livre pela coxa dela, empurrando o vestido até o quadril. Abriu as pernas dela, colocando a mão entre elas para tocar sua boceta. Podia sentir a humidade mesmo através de sua calcinha. Ela tremia, agarrando seus ombros.

Uma maldita virgem? Ele a queria ainda mais. Sua necessidade de a reivindicar aumentou dez vezes.

Nem uma vez parou de beijá-la, mordiscando seus lábios, brincando com sua língua. Ela gemeu, segurando-o, deixando-o tomar o controle. Ele moveu-se pelo pescoço dela,



deixando beijos quentes. Seus seios eram deliciosos. Ele passou o rosto pelos montes suaves e macios, seus olhos fechados. Quando se afastou, sua barba deixou a sua pele pálida avermelhada.

— Xavier...

Ele contou até dez em sua cabeça, tentando domar a fera dentro de si. Alesha não era uma prostituta. Não a foderia em seu carro, não importava o quanto estivesse desesperado para entrar nela. Isso tudo estava ficando complicado e muito rápido.

— Vamos pensar melhor a respeito disso.

— Eu fiz algo errado? — Ela perguntou. Seus lábios estavam inchados, o vestido ainda levantado. Ele o desceu para cobrir as coxas novamente.

— Nós estávamos conversando. — Disse ele.

— Eu me distraí. Com *você*.

Ela lambeu os lábios.

— Eu não respondi à sua pergunta. — Disse ela.

— Não, Xavier, eu nunca desistiria dos meus filhos, não importa o que custasse.

Alesha sabia exatamente o que dizer para ficar sob sua pele.



Xavier era seu chefe, mas ela também estava se apaixonando por ele. A vulnerabilidade que mostrou na noite anterior quando estava bêbado, foi seu verdadeiro *eu*, o lado quebrado do homem. E se não tivesse descido e o pegado em seu torpor bêbado, ainda pensaria que ele era um homem de negócios frio e sem coração. Depois da noite anterior, ficou intrigada.

Agora sabia que havia muito mais de Xavier Moreno do que dinheiro e uma incrível boa aparência. Mais uma vez, ele mostrou um vislumbre de sua dor, uma infância traumática que não conseguia sequer imaginar. E *havia* uma irmã. O que ele negou.

Não iria pressioná-lo, não depois de se humilhar e revelar que ainda era virgem. Isso não era uma informação que compartilhava com alguém.

Ele não pareceu se importar e a paixão não foi unilateral. Apenas pedia a Deus que não fosse apenas mais um número para ele. Alesha queria curá-lo, mostrar-lhe que nem todas as mulheres eram sem coração.

— Devemos continuar a conversa mais tarde, não acha?
— Perguntou ele. Voltou para seu lugar. Quando a beijou pela primeira vez, praticamente se arrastou sobre ela, tocando-a e beijando-a como um homem possuído. Seu avanço dominante a subjugou, mas adorou. Desejou isso. Ainda podia sentir a mão pressionando sua boceta, queria que ele a tocasse assim novamente. Quando ele parou, sentiu-se decepcionada.



— Estamos começando a nos conhecer. Isso é uma coisa boa. Tenho muitas perguntas. — Disse ela.

— Como o que? Mais merda de família?

— Não, na verdade não. Estava pensando em suas noites selvagens. Sou apenas mais uma conquista para você?

Ele estreitou os olhos, mas ela viu os cantos de seus lábios se curvarem.

— Não há outras mulheres, Alesha.

— Mas você disse...

— Mentiras. Eu sou bom em mentir. Posso me esconder do mundo e colocar a máscara que quero que as pessoas vejam.

— Esta é outra máscara? — Ela estendeu a mão para tocar seu rosto, mas recuou antes de fazer contato. Seus olhos escuros, nariz reto, barba áspera e lábios grossos... cada detalhe de seu rosto era perfeito para ela.

— Eu não sei o que é isso. — Disse ele.

— Mas parece real.

Ela ajustou a parte de cima do vestido e os olhos dele foram para seu decote. Ele a fazia se sentir a mulher mais linda do mundo. Não havia como negar a fome em seus olhos.

— Eu não posso ser a aventura do meu chefe. Se for isso, por favor, encontre outra mulher para ser sua acompanhante amanhã.



— Eu disse que não há outras mulheres. Desde que você se mudou para minha casa, não transei com ninguém. E pare de me chamar de *seu chefe*. Eu tenho um nome.

— Xavier. — Ela pronunciou lentamente. Ele se inclinou para mais perto.

— Você apenas está preocupada com as mulheres? É uma coisinha destemida, verdade? — Ele tocou seu rosto, arrastando um dedo até chegar ao queixo. Inclinou seu rosto dela para cima.

— E maravilhosa.

— Xavier...

— Aí está novamente. Ouvi-la dizer meu nome, deixa meu pau duro.

Putá merda. Ela adorava sua boca suja. Isso a excitava, a deixava desesperada por mais. Quando aconteceu? O que estava se tornando?

— Você me confunde. — Disse ela. Alesha estendeu a mão, colocando a mão no terno dele. E ali estava, sua arma.

— Você sempre carrega uma arma?

— Sempre.

— Porquê? Sua vida é realmente tão perigosa?

— Você não tem ideia. E agora preciso protegê-la também. — Disse ele.

Ela afastou a mão.



— Por que eu precisaria de proteção? Não entendo porque alguém iria me querer morta. Sou uma governanta, nada mais.

— É minha culpa. Eu fodi tudo. —Ele deixou seu ar provocante e se virou, apertando o volante.

— Preciso usá-la como isca durante o almoço de amanhã com Dixon, eu o farei se isso significa concluir o contrato para meu chefe.

— Ótimo. Eu sou apenas uma isca para você. — Ela cruzou os braços sobre o peito, virando para frente, imaginando por que razão pensou ter algo acontecendo entre ela e um assassino de aluguel. Teria sorte se saísse desse pesadelo com vida.

— Alesha, olhe para mim. — Disse ele. Porque sua voz precisava ser tão profunda e áspera, como sexo? Ela queria ignorá-lo, mas olhou-o.

— O que? — Ela perguntou.

— Dixon não é um bom homem. Ele gosta muito de coisas ruins e não merece respirar. Apenas aceitei o pedido do meu chefe para usá-la amanhã, porque estarei ao seu lado o tempo todo. — Ele a forçou a olhá-lo, segurando o lado de seu rosto.

— Nunca deixaria ninguém te machucar. Não importa o que. Entende o que estou dizendo?

Ela estreitou os olhos.



— Você já me disse que é bom mentiroso. Por que deveria acreditar?

— Se você fosse qualquer outra pessoa, eu já a teria matado. As testemunhas têm uma vida muito curta neste jogo e meu chefe odeia pontas soltas, como menininhas que sabem demais.

Ela engoliu, sentindo uma mistura de emoções: lisonjeada, profundamente excitada e insultada. Algo estava errado com sua cabeça.

— Eu não sou uma menininha. — Ela sussurrou.

— Você tem vinte e sete anos. Não sou velho o suficiente para ser seu pai, mas não por muito. Ainda estou tentando entender o que você tem que me faz querer questionar tudo.

Ela tinha uma lista de perguntas para Xavier. Ele era um assassino? Quantas pessoas matou? Para quem trabalhava? Ela se perguntou se um assassino de sangue frio como ele era capaz de amar.

Em vez de fazer perguntas, apenas queria provar que era mulher o suficiente para ele. Num momento ele não conseguia manter as mãos para si mesmo, no outro a afastava. Ele a confundia, mas não podia negar que estava inexplicavelmente atraída.

— Vinte e sete anos não é criança.

— Não, você é muito mulher, não é, Alesha? O que acha que eu deveria fazer? A coisa certa é matá-la ou ser um bastardo e mantê-la para mim?



Seu coração estava acelerado, o estômago agitado.

— Como um brinquedo?

— Não, apenas minha para manter. — Ela observava seus lábios enquanto ele falava. Os olhos escuros não revelavam nada. Por mais que quisesse que ele lhe dissesse coisas que a confortassem, tudo o que ansiava ouvir, não imploraria.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu tenho direito a opinião nesta sua decisão?

— Você não pode forçar uma pessoa a amá-la, confie em mim, eu sei. Honestamente, se fosse você, diria para eu ir me foder. Talvez deva fazer isso.

— Que bom que não sou você.

Ele recostou-se no banco, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Alesha, eu não sou um bom homem. Você está procurando por algo em mim que nunca encontrará. Sou um monstro e você merece melhor.

— Não diga isso. Há bondade em todos, vi outro lado seu. Ontem. Hoje. Posso ver sob todas as suas máscaras. Não pode me enganar.

— Então, me diga o que você vê? Viu tudo na noite passada. As minhas tatuagens, minhas cicatrizes, meus demônios. Isso não a assusta?



Ela sorriu, estendendo a mão para segurar sua gravata, puxando-o para mais perto. Alesha se sentia poderosa, corajosa e um pouco apaixonada.

— Você não me assusta, Xavier. Eu vi o seu verdadeiro eu e gostei dele. Talvez até demais.

— Tenha cuidado. — Ele passou os dedos pelo cabelo e desceu para o pescoço dela, em seguida, apertou. Ela gemeu quando ele fez isso e seus lábios se separaram. Deus, se sentia como se pudesse ter um orgasmo a qualquer momento. Ele se inclinou para perto, tão perto que podia sentir o calor de sua pele. Seus lábios roçaram levemente os dela, mas ele não a beijou, deixando-a ansiosa por mais.

— Há outros lados meus dos quais pode não gostar muito.





CAPÍTULO

SEIS

— Odeio restaurantes. — Alesha disse pegando Xavier de surpresa.

Não que ele considerasse almoçar e jantar num restaurante todos os dias, mas não se importava com isso.

— Você quer ir para outro lugar? — Ele perguntou.

— Oh não, estou apenas dizendo. Bem, não estou muito entusiasmada com esse negócio de jantar enquanto balançamos no oceano.

Ele a olhou um pouco confuso. O hambúrguer que estava comendo tinha gosto de gordura. Era o melhor que podia fazer, não queria levar para casa e deixar seu carro com cheiro comida.

— Sobre o que está falando? — Ele perguntou.

— A coisa amanhã. O assassinato no barco.

— Ok, em primeiro lugar, nunca diga isso numa sala cheia de gente. É altamente secreto.

— Ótimo. Ótimo. Uau, entendi. Não diga mais nada. — Ela revirou os olhos e ele descobriu que era a coisa mais fofa.



Era estranho como achava as coisas fofas com Alesha, mas irritante com outras mulheres. O fato dela não se encolher com medo o intrigou.

— Você percebe o tipo de perigo em que está, certo?

Ela suspirou.

— Vamos ver, o tipo de perigo em que estou? Sim, eu sei. Vi todos seus... objetos. Sabe, do tipo que faz *boom*. — Seus olhos estavam arregalados e ele viu que ela estava tentando falar em código.

Rindo, ele balançou a cabeça e pegou outra batata frita.

— Isso significa que não vamos ao barco daquele cara amanhã?

— É um iate e não, isso significa que iremos.

Ele viu os lábios dela fazendo beicinho.

— Eu odeio barcos.

— Você sabe que isso pode ser um insulto?

— O que?

— Não é um maldito barco.

Ela revirou os olhos.

— Podemos sair do lance do barco? Eu não gosto disso. Não quero fazer parte. Não queria nem ser seu encontro para esta noite e sequer me alimentou bem.

— Eu a alimentei.

— Sim e vai me dar de comer aos lobos. — Disse ela.



Era a última coisa que ele queria fazer.

Se não tivesse fodido tudo, Boss não estaria respirando em seu pescoço, ele sequer aceitaria isso como uma sugestão.

— A última coisa que quero fazer é colocar você em perigo.

— Mas o fará. Está bem. Quer dizer, eu quero ajudar. Mesmo. — Ele observou quando ela soltou um suspiro.

— Eu sou apenas uma governanta. Uma empregada. Não sei o que você quer ou precisa de mim.

— Primeiro, você precisa se vestir adequadamente.

— Mais roupas?

— Você poderia parecer animada com isso. São roupas. As mulheres não amam esse tipo de coisa?

— Eu não sou como todas as mulheres. — Ela franziu o nariz.

— Então, qual é o plano?

— O plano?

— Você sabe. A missão. O que faremos? Como faremos? Com quem vamos jogar? — Ela perguntou, parecendo animada.

— Isso não é um jogo.

Outro revirar de olhos.

— Eu entendo que não é um jogo, mas preciso saber como será. Não posso ser como as outras pessoas e apenas deixar tudo acontecer. Não sou assim.



— Você não precisa se preocupar com nada. Quanto menos souber, melhor.

— No entanto, há esse homem, com quem você quer me usar como isca, não quero estragar tudo.

Xavier viu uma verdadeira preocupação e cuidado em seus olhos. Porque ela não podia ser diferente? Por que precisava fazê-lo se sentir assim? Não queria levá-la naquele maldito barco... não, iate. Ele queria mantê-la segura e a única maneira de fazer isso era mantê-la longe dos monstros que os cercavam.

Conhecia o mundo real e ninguém nele, nem mesmo ele, merecia alguém como Alesha.

— Eu não deixarei nada acontecer com você.

— Xavier, eu não sou idiota. Sei como isso funciona. Você precisará de mim para distraí-lo enquanto vai e procura por todo o ... lugar. Eu não me importo. Vou fazer o que puder para ajudar. Estou envolvida agora, então não há como voltar atrás. Aceito isso, mas não quero que nada aconteça com você. — Ela apertou os lábios.

Segurando a mão dela, a virou para poder olhar a palma da mão. Tão pálida. Passando o polegar por seu pulso, sentiu a pulsação acelerar.

— Você será uma distração e por essa razão, não posso dar mais detalhes. Estamos juntos. Você é minha noiva e iremos a um lugar perigoso.

Ela riu.



— Uau, nosso noivado não vai durar, não é?

— Todos passam por algumas dificuldades. Apenas precisa ser encantadora. Parece que Dixon já está de pau duro para você.

— E se ele tentar alguma coisa? O que você quer que eu faça?

— O que você faria? Diga-me o que faria, Alesha. Não estava fingindo esta noite e é por isso que ele se sentiu atraído. Não faça jogos. Seja você mesma e conseguiremos. Faremos funcionar.

— Você sempre parece tão confiante. Eu não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

— Você consegue. — Ele levou a mão aos lábios, beijando seu pulso.

Ele ouviu um leve suspiro e soltou a sua mão. Esta era uma má ideia. Não deveria beijá-la, tocá-la.

Ela era virgem. Desde que deixou esse pequeno detalhe sair apenas algumas horas atrás, não conseguia se concentrar. Queria ser o único a lhe dar prazer. Mostrar a ela como era estar com um homem de verdade.

O seu pau doía, não queria pensar em Boss e na ameaça que ele representava.

Queria Alesha, não havia nenhuma dúvida sobre isso.

Como poderia tê-la sem que Boss interferisse? Não queria foder seu lugar no *Killer of Kings* depois de no último ano trabalhar duro para provar a si mesmo.



Boss tinha os olhos em todos os lugares, então Xavier precisava ser cuidadoso. Especialmente, se fosse capaz de ajudar a encontrar sua irmã. Boss estava perto de lhe dar mais informações sobre ela, podia sentir isso.

Passando os dedos pelos cabelos, esperou que ela terminasse a refeição. No momento em que o fez, ele tirou algumas notas, deixando uma gorjeta generosa e saíram da lanchonete.

Ajudando-a entrar no carro, ele esperou que colocasse o cinto antes de se sentar. Agarrando o volante com força, não importava o que tentasse pensar, não conseguia pensar em uma razão ou desculpa para manter Alesha respirando e em sua vida. Como se meteu nessa confusão?

— Apesar de quando você me abandonou para ir bisbilhotar e estava conversando com um homem que me assustou, realmente gostei desta noite. — Ela alisou o vestido.

Ele se virou para olhá-la.

— Gostou?

— É a primeira vez que me visto assim. Gostei disso. — Ela apoiou a cabeça no ombro dele.

— Obrigada, Xavier. Hoje à noite, eu me senti como uma princesa.

Tudo o que ele estava pensando eram nas muitas maneiras que poderia fazê-la sua. Ela estava lhe agradecendo por uma boa noite e ele queria mais, muito mais. Pela



primeira vez pensava no futuro, na sua própria felicidade, numa mulher.

Apertando os dentes, ele dirigiu o restante do caminho, empurrando o pé no acelerador. Precisava levá-la para casa. Precisava da segurança de sua casa para poder fazer o que queria.

Sem dizer outra palavra e com a cabeça dela no ombro, dirigiu o mais seguro que pode.

Ela estava realmente com ele, não conseguia controlar essa necessidade que borbulhava. Estacionando em sua garagem segura, colocou todos os códigos necessários antes de sair do veículo. Ajudando Alesha a sair do seu lado do carro, colocou uma mão na parte baixa de suas costas e foram para a porta principal.

— Você acha que estamos sendo vigiados mesmo aqui?
— Ela perguntou.

Ele esperava que não.

— Pare de se preocupar com tudo.

Passando pela entrada, ele continuou segurando seu braço, fechou a porta, digitou o código, em seguida, pressionou-a contra parede.

— Eu não gosto deste vestido. — Disse ele.

— Você quem o escolheu. Pensei termos terminado com toda essa conversa de vestido.



Ele colocou as mãos nos quadris dela, movendo-as para cima para que ela não tivesse escolha a não ser levantar as mãos acima da cabeça.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— O que comecei mais cedo. — Ele levou seus lábios sobre os dela, precisando de outro beijo. Outro sabor não machucaria. Podia desligar suas emoções sempre que quisesse.

Seu pau endureceu e quando se pressionou contra o corpo macio, não pode evitar o prazer. Entrelaçando os dedos com os dela acima de suas cabeças, a segurou firme contra parede.

Não havia escapatória para nenhum deles.

Mantendo ambas as mãos no lugar com uma mão, passou a outra pelo corpo dela, tocando os seios, sentindo o mamilo contra a palma da mão. Quando moveu o dedo para frente e para trás, ela soltou um pequeno gemido e ele engoliu seus gritos. Ela estava se tornando sua obsessão.

Não conseguia o suficiente. Um beijo. Um gosto. Isso nunca seria o suficiente, não para ele.

— Eu preciso ter você. — Disse ele, terminando o beijo.

— Por favor, Xavier.

— Diga-me que você quer isso.

— Eu quero. Toque-me novamente.

Movendo uma mão entre suas coxas, ele tocou sua boceta. Colocou o dedo por baixo do tecido, provocando sua



fenda, sabendo que não entraria em sua boceta. Quando chegasse a hora de ter sua cereja, queria que ela estivesse em uma cama, com as pernas abertas para que pudesse segurá-la e apreciá-la. Não tinha certeza, mas estava seguro de que Alesha era a única virgem com quem se envolveu.

Ela soltou outro suspiro quando ele brincou com seu clitóris, apertando o nó sensível entre os dedos, apreciando seus gritos. Seus gemidos ecoaram pelo corredor, eram os melhores sons que uma mulher poderia fazer.

Com apenas mais alguns golpes em seu clitóris, ela estava gozando, gritando seu nome, implorando para ele não parar. Não foi difícil cumprir. Mesmo quando ela gozou e viu o orgasmo percorrer seu corpo, ele não queria parar.

Soltou sua mão e ela abriu sua calça e cinto, mas quando chegou ao zíper, o celular tocou. Ambos gemeram.

— Ignore. — Ela disse.

Ele pegou o celular e viu quem era. Boss estava ligando. Não havia como ignorar.

— Eu não posso. — Disse ele.

— Por favor, Xavier.

Eram negócios e ela era todo prazer. Enquanto mantivesse Boss feliz, seria capaz de mantê-la viva.

— Vá e tome um banho. Eu preciso atender. Dormir cedo a deixará descansada para amanhã. — Ele aceitou ligação.

— Sim. — Perguntou ele, olhando nos olhos dela.



Se ela falasse agora, havia um risco para sua vida. Esperava que ela não fosse tola o suficiente para tentar isso. Havia tanta coisa que poderia fazer para protegê-la, salvá-la. Boss era seu próprio exército.

Ela balançou a cabeça e se afastou, era visível sua decepção.

O cheiro de sua boceta ainda permanecia em seus dedos enquanto conversava com Boss. Ele fechou os olhos, encostando na porta da frente.

Esta mulher estava brincando com sua cabeça e ele precisava fazer o correto por ela. Não havia como permitir que algo acontecesse a Alesha. Mesmo quando tentou desligar suas emoções, elas ainda estavam lá. Ela era o verdadeiro negócio.



Era verdade.

Alesha odiava barcos.

Eles eram todos iguais, seja um iate ou um navio de cruzeiro.

Era um barco no oceano. Olhando para água, se perguntou se havia algum tubarão assassino ou criaturas marinhas gigantes que poderiam comê-la. Mantendo os óculos de sol, tentou não pensar nos perigos que a rodeavam por toda parte. Aquilo era um oceano. Além de todos os



grandes monstros maus que se escondiam sob as profundezas, havia também o risco adicional de se afogar. Isso seria uma merda.

Afogamento era uma das maneiras mais assustadoras de morrer, em sua opinião. Não queria se afogar. Por que nunca aprendeu a nadar?

— Eu não posso acreditar que seu noivo continua deixando você desacompanhada. — Disse Dixon, se juntando a ela. Seu corpo ficou tenso quando ele se aproximou.

— Sim, bem, considerando que ele ama ba... iates, seu estômago não concordou com ele. — Ela apertou os lábios. Xavier avisou-a muitas vezes no caminho até as docas para não chamá-lo de barco. *Iate, iate, iate.*

Todas as pessoas diziam.

— A sua perda é certamente o meu ganho. — Dixon segurava duas bebidas em suas mãos.

Sempre foi dito a ela para nunca tomar um drinque de um estranho e ali estava ela vivendo no limite. Num dia governanta, no outro, sedutora. O que viria a seguir?

Ele ofereceu-lhe um copo e ela aceitou sem questionar. Mantendo o controle, olhou sobre o corrimão para água escura que batia contra os lados do barco.

— Um centavo por seus pensamentos. — Disse ele.

— Estava realmente me perguntando se havia algum tubarão na água. — Ela forçou um sorriso. Xavier disse para ser ela mesma, mas não tinha a capacidade de flertar nem



um pouquinho. Não depois da noite anterior. Depois que ele a levou ao orgasmo apenas para mandá-la para o quarto como uma criança.

— Já viram alguns tubarões aqui. Eu mesmo gosto de sentar e observá-los. Também os alimento.

— Isso não é perigoso? — Ela perguntou.

— Apenas se você estiver afundando e se tornar a isca.

— Ha, uau, isso é tão engraçado. — Ela riu, pensando em sua própria situação difícil.

Ela tentava pensar em coisas para dizer ou fazer que não mostrassem a quão nervosa estava.

— Você age como se nunca esteve em um iate antes.

— É verdade. Eu não posso negar isso.

— Mas Xavier possui muitos deles.

Ela revirou os olhos.

— Claro. Tudo faz parte da imagem. Eu não gosto de fazer coisas assim. Prefiro manter meus pés firmes no chão. Sou uma mulher simples que gosta das coisas simples da vida.

Era bem verdade. Ela gostava de ter um teto sobre a cabeça, lavar, limpar e cozinhar, certificar-se que Xavier não vomitasse ou se engasgasse com isso. Claro, nunca em seus sonhos mais loucos pensou que seria de fato babá de um assassino. Isso estava tão longe de sua zona de conforto, mas também não imaginava ser acariciada por ele ou usada como isca. Sua vida mudou tão dramaticamente nas últimas



quarenta e oito horas que lutava para se manter de pé. Olhou ao redor do convés para ver se Xavier estava em qualquer lugar à vista. Ele lhe deu a desculpa de que precisava usar o banheiro.

Ela não tinha ideia do que isso realmente significava em código, apenas que significava alguma coisa. Ele era um assassino.

Tente se lembrar desse detalhe quando sua boca e mãos estiverem em você.

— É o que faz de você um achado raro, Alesha. Não está deslumbrada com esta vida. Eu posso ver isso.

Na verdade, estou realmente com medo de você.

Em vez de falar o que se passava por sua mente, apenas sorriu e tentou ouvi-lo. Enquanto ele falava, ela não podia deixar de se perguntar que segredos sombrios escondia. E se não soubesse melhor, pensaria que ele era sincero, mas Xavier disse que era um monstro.

— Que tal eu levá-la a um passeio? — Ele disse.

A última coisa que queria fazer era ficar sozinha com ele. Não vendo outra razão para argumentar, assentiu.

— Eu adoraria.

Ele colocou a mão nas costas dela, ela se encolheu. Optou por não usar um biquíni, em vez disso, decidiu-se por um maiô com um sarongue ao redor da cintura. Xavier disse que não havia outra opção para usar e claro, a maioria das mulheres a bordo usava biquínis.



— Você conhece todo mundo aqui? — Ela perguntou.

— Sim. A maioria deles são escavadores de ouro. Estão sempre perto de alguém com dinheiro.

— Você está acostumado com isso?

— Vem com o território. Quando se tem dinheiro, as pessoas querem e estão dispostas a fazer qualquer coisa para obtê-lo. E quero dizer qualquer coisa.

Ele a levou para parte de trás do iate. Havia duas pessoas se beijando.

— Vamos, há um convés inferior. Teremos privacidade.

Alerta vermelho.

Alerta vermelho.

Xavier me ajude!

— Por que não podemos ficar no convés? É tão lindo com toda essa vista.

— Você também verá a vista abaixo do deck. Não se preocupe. Há também ar condicionado. Ficará confortável, confie em mim.

Cada parte dela gritava para fugir, correr e se esconder. Em vez disso, o seguiu, porque era isso que deveria fazer. Xavier estava tendo seu grande momento. Não havia no seu contrato nada que dissesse que se tornaria isca para um possível chefe do crime e corria o risco de perder sua vida.

Dixon levou-a para o convés. A escada era estreita e ela se perguntou se a bebida que tomou estava drogada. Não era



isso que acontecia com mulheres ingênuas? Elas sempre eram drogadas depois de aceitar uma bebida de um estranho.

— Este é seu único iate? — Ela perguntou, lembrando-se de não o chamar de barco.

Ele riu.

— Seria como perguntar a um bilionário se ele possui apenas alguns diamantes.

Ela riu.

— Claro. Eu sou uma tola. — Sua pele se arrepiou, ela estava tão desconfortável, olhando de um lado para o outro e se contorcendo a cada segundo.

— O seu homem certamente a manteve protegida.

— É o que ele gosta de fazer. — Ela afastou alguns fios de cabelos do rosto.

Pisando no convés, ela sentiu o frio no ar. Sentiu muito frio, mas não disse nada ou se atreveu a reclamar.

— Você não tomará sua bebida? — Ele perguntou.

— Não estou com sede. Mas obrigada.

— Tem certeza? Apenas um gole? Por mim?

Ela não gostou de ser pressionada. Seu coração acelerou. Pegando a visão de um livro de pescaria, ela ofegou.

— Ah, então você gosta de pescar?

— Às vezes, eu não sou um especialista.

Nem eu companheiro.



— Você traz a noiva de outros homens aqui em baixo com frequência? — Ela perguntou, olhando para ele por cima do ombro.

Ele a estava olhando e não gostou de quão intenso era. Algo parecia estranho.

— Eu tenho que dizer que você é a primeira, Alesha.

— Sou especial então. Estou chocada. Um homem bonito como você sozinho.

— Não encontrei a mulher certa. — Ele continuou olhando para ela e lambeu os lábios.

Continue flertando. Continue fazendo o que precisa.

— Você a encontrará.

— O que faz você pensar que não estou olhando diretamente para ela? — Ele perguntou.

Isso era ruim. Muito ruim, de verdade.

— Dixon, você é muito gentil. Honestamente, estou lisonjeada, mas estou envolvida com alguém e eu o amo. — Ela não gostou de como foi fácil dizer que amava Xavier. Era melhor que ele estivesse salvando o planeta agora, porque estava tentando não entrar em pânico.

Dixon não entendeu a dica de que ela realmente não o queria.

Ele deu um passo em sua direção. Ela segurou a respiração.



— Muitas vezes me perguntei como seria encontrar uma mulher que gostasse de mim por mim mesmo. Não pela vida que posso dar a ela ou pelo dinheiro que posso oferecer. Uma mulher que olhasse para mim e veria o homem real.

Ele estava muito perto. Lutou para não se afastar do toque dele enquanto acariciava seu rosto. Isto ficava muito ruim.

Estava sozinha com um monstro. Seus dias como garçoneiro voltaram à lembrança, deixando-a ainda mais desconfortável.

Xavier não disse a ela toda a extensão dos crimes de Dixon, mas tinha uma imaginação fértil. A parte de trás dos dedos dele desceu até seu pulso, então ele segurou seu rosto, o polegar passando pelo lábio.

— Isso é realmente inadequado. — Disse ela.

— Acho que você precisa reconsiderar o homem com quem vai se casar. Toda oportunidade que ele tem a abandona, deixa sozinha. Eu não faria isso com você. Seria tratada como uma rainha comigo.

O espaço entre eles estava ficando menor, seus lábios estavam ficando assustadoramente maiores. Ela estava em pânico. Seu coração acelerou e não de um jeito bom.

Tudo dentro dela gritava para fugir. Uma mulher gritaria neste caso? Gritaria com ele? Deveria deixá-lo beijá-la?

Xavier, quando o encontrar, lhe darei um chute nas bolas e você merecerá cada segundo disso.



Os lábios de Dixon caíram sobre os dela e sentiu o estômago revirar. Este homem não era para ela.





CAPÍTULO

SETE

Alesha tropeçou para trás, mas Dixon a impediu de cair. Ela odiava as mãos dele. Odiava as mãos de qualquer homem nela, exceto Xavier. Essa farsa estava provando ser mais do que podia suportar. Com tantas mulheres lindas para escolher, por que Dixon estava obcecado por ela?

O som de uma pessoa se aproximando veio de trás dele. Dixon se virou para olhar e Alesha pensou ser Xavier.

Era uma mulher.

Ela era deslumbrante, com longos cabelos negros, lisos como vidro. Sua maquiagem era perfeita, seus lábios de vermelho rubi levemente separados.

— Sua mãe não o ensinou a não pegar sem pedir? — Ela perguntou.

Dixon zombou, jogando as mãos para cima. Ele se virou para olhar para Alesha.

— Você acredita nisso?

Ela encolheu os ombros.

Ele se virou novamente.



— Não me lembro de você na minha lista de convidados.
— Disse ele.

Ela sorriu, mas era um sorriso quase maligno.

— Detalhes.

— Você precisa ir. — Ele estendeu a mão para agarrar o braço da mulher, mas ela se moveu incrivelmente rápido, girando e encostando uma lâmina na garganta de Dixon.

Ela sussurrou em seu ouvido, alto o suficiente para Alesha ouvir.

— Você tem um harém de prostitutas. Acabe com isso.

A mulher deslizou a lâmina pela lateral do pescoço dele, com uma única gota de sangue escorrendo para dentro do colarinho. Então girou, colocando a lâmina em uma larga liga negra em sua coxa antes de subir a escada. Como podia se mover tão graciosamente naqueles pecaminosos saltos altos?

Que porra estava acontecendo?

Pouco antes de desaparecer de vista, ela olhou para baixo e fez contato visual com Alesha. Congelou até que a mulher estava fora de vista, então ofegou por ar, não percebendo que segurava sua respiração.

Dixon pegou o celular, conversou com sua equipe de segurança e depois o guardou.

— Eu sinto muito sobre isso. — Disse ele, limpando o pescoço com um lenço.

— Os loucos parecem sair da toca hoje em dia.



— Certo. — Ela disse, sem saber o que dizer. Onde estava Xavier?

— Talvez devêssemos ir onde há mais pessoas. Ela poderia tê-lo matado.

— Eu não tenho medo dela. — Disse Dixon.

— Minha equipe de segurança a prenderá em poucos minutos.

— Eles a jogarão no mar? — Ela perguntou para aliviar o clima.

Ele riu.

— Deveriam, mas não, entrarão em contato com a guarda costeira e a prenderão.

Ela assentiu.

— Bem. Alguém assim é definitivamente perigoso. Eu estava chocada demais para me mover.

— Eu posso protegê-la, Alesha.

Ela quase zombou em voz alta, tossindo levemente. Ele não conseguia sequer se proteger de alguma socialite. Xavier era o único homem capaz de realmente protegê-la. Ele mataria por ela? Agora, estava ocupado demais para pensar em sua segurança, mas era uma isca afinal. Xavier esperava que ela fosse até o fim com Dixon? Não significava nada para ele?

Sua mente correu quando Dixon se aproximou, começando o segundo round de seu avanço indesejado. Aparentemente, o aviso dessa mulher não teve efeito sobre



ele. Alesha ainda não conseguia tirar aqueles olhos escuros de sua mente.

— Eu preciso verificar Xavier. — Ela recuou.

— Ele é um menino grande. Tenho certeza que pode lidar com um estômago fraco. — Disse ele.

— Sugiro que você mantenha uma mente aberta. Confie em mim, um dia perceberá que Xavier nunca terá a estabilidade que eu posso oferecer.

— O que você faz para ganhar a vida exatamente, se não se importa que eu pergunte. — Conversar era melhor do que beijar e tocar.

— Importações e exportações. Não a aborrecerei com os detalhes.

— E o jantar ontem? Foi para uma instituição de caridade, certo?

— Uma angariação de fundos. Para os peixes-boi.

Ela estreitou os olhos.

— Peixes-boi? — Alesha foi até as janelas da cabine e olhou para fora, tentando parecer ocupada. Xavier disse que o jantar de caridade era uma fachada para o tráfico humano. Duvidava que os peixes-boi se beneficiassem do pequeno sarau de Dixon.

— É bom retribuir de vez em quando. — Disse ele.

— Certo. Claro.



— Xavier se envolve com alguma instituição de caridade? Nunca pensei nele como um filantropo como eu, mas posso estar errado.

— Oh, ele adora fazer doações. Aqui, ali. Baleias, focas, peixes-boi. Não consigo acompanhá-lo. — *Oh merda.* Ela odiava essas perguntas específicas para as quais não tinha respostas planejadas. Uma coisa era agir como ela mesma, mas outra era mentir no ato. A sagacidade rápida não era fácil quando seus nervos estavam em frangalhos.

— Você é uma boa mulher presa em algo que não pode sequer imaginar. — Ele jogou o lenço no bar e apoiou-a contra ele. Seu corpo inteiro ficou tenso. Queria dizer a ele para se foder, mas não tinha certeza de quão longe Xavier esperava que ela fosse com o plano.

Ele colocou a mão no quadril dela e todos aqueles anos de estar à mercê de bêbados e pervertidos quando trabalhava em bares voltaram correndo, o desamparo, a vergonha e a raiva.

— Não, eu não posso fazer isso. — Ela empurrou-o para longe, amaldiçoando-se por não conseguir cumprir a missão.

— Eu amo Xavier.

— Resposta errada. — Disse ele. No segundo seguinte a mão dele estava ao redor do pescoço dela, apertando com força suficiente para tirar sua respiração. Ela agarrou o braço dele com as duas mãos, ofegando por ar. Seus olhos eram sombrios e todo o comportamento de cavalheiro de até agora desapareceu.



— Você realmente acha que é meu tipo? Acreditou nas merdas que falei? — Ele riu.

— Alesha Marie Sanders. Não demorou muito para que meus homens soubessem tudo sobre você. Muito fácil mesmo. Xavier está ficando desleixado.

Ele sabia quem eram. Foi tudo uma armadilha. Tinham Xavier?

Ela se sentiu desfalecer, estava impotente para lutar contra isso. Sua visão ficou turva, a sala mais escura. Morreria? Ele a jogaria ao mar? Alimentaria os tubarões com ela? Uma grande sombra apareceu atrás de Dixon, como um demônio prestes a devorá-lo e um braço apareceu ao redor de seu pescoço. A mão na sua garganta caiu, ela tossiu o ar correndo de volta para os pulmões, a sala ficando clara com luz e cor.

— Tentando matar a minha noiva? — Xavier tinha Dixon à sua mercê.

— Você é um anfitrião terrível. Acho que teremos que cancelar nosso encontro para o almoço.

Dixon segurou o bíceps grosso de Xavier, tentando falar.

— Estamos no meu iate, no meio do oceano. Sabe quantos homens eu tenho no andar de cima? Todos sabem que você trabalha para o *Killer of Kings*.

Killer of Kings? Então, Xavier trabalhava para um grupo de assassinos. Tudo o que disse quando estava bêbado era



provavelmente a verdade. Alesha ainda estava congelada no lugar, a mão em seu pescoço.

— Que homens? — Xavier piscou para ela, seu coração acelerou mais ainda.

— Você foi o único que sobrou, Dixon. Acha que meu chefe mandaria alguém que não fosse um profissional?

— Você usou um civil. Eu a identifiquei em uma hora na noite passada.

— Na verdade, ela foi onde você errou. Deveria ter mantido suas mãos para si mesmo. Não gosto de compartilhar. — Então um som doentio de algo quebrando fez seu estômago revirar e a figura sem vida de Dixon caiu no chão em uma pilha, sua cabeça em um ângulo não natural. Ela olhou para o corpo.

— Você quebrou o pescoço dele. Ele está morto?

— Certamente espero que sim. — Xavier passou por cima do corpo como se tivesse feito isso mil vezes. Ele provavelmente fez.

Pegou seu telefone, passou por suas mensagens como se ela não tivesse quase morrido e todo seu mundo não estivesse de cabeça para baixo.

— Olá. — Disse ela, tentando chamar sua atenção.

Xavier não a olhou.

— Havia uma mulher. O que aconteceu?

— Eu não sei. Ela estava me protegendo, eu acho. — Ela não queria que encontrassem aquela linda mulher. Seria uma



grande distração e a confiança de Alesha já estava sofrendo um grande golpe nesse momento.

— Não posso acreditar que você está mais preocupado com ela. Eu poderia ter morrido Xavier. Percebe isso? Você se importa mesmo com alguma coisa?

Desta vez ele a olhou, guardando o telefone no bolso. Ele se aproximou, segurou o rosto dela com as duas mãos e manteve o contato visual.

— Acabei de matar quatorze homens e ninguém neste almoço era o mais inteligente. Tenho você com uma escuta e ouvi sua conversa com o meu alvo o tempo todo. Não a teria deixado sozinha com ele de outra forma. Assim que esteve em perigo real, apareci.

— Isso é uma loucura. Pensei que isso fosse um reconhecimento. — A sua voz sumiu. Não conseguia processar o que estava acontecendo. Seu mundo consistia em pessoas normais, como compras de supermercado, cozinhar e se preocupar com contas. Toda essa morte, o caos era algo digno de um filme.

— Isso foi ontem. — Disse ele. Xavier passou o polegar pela bochecha dela, um movimento lento e sensual.

— Eu ouvi no meu fone de ouvido o que não esperava. Você me ama? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Eu estava fazendo o meu papel. Você me disse para fingir.

— Não, eu lhe disse para ser você mesma.



— Bem, o meu verdadeiro eu o teria chutado nas bolas por me tocar sem perguntar. Estava me controlando, então não arruinei sua missão.

— Da próxima vez siga seus instintos. Ninguém tem permissão para tocá-la além de mim. — Xavier inclinou sua cabeça para trás, observando seu pescoço. Ele amaldiçoou, tocando levemente a área dolorida. Ela definitivamente teria hematomas.

— Eu deveria ter vindo mais rápido.

— O que acontece agora, Xavier? Nós estamos no meio do oceano. Existem cadáveres em todo lugar. Oh meu Deus. — Ela fechou os olhos com força.

— Eles o colocarão na cadeia.

— Você é muito fofa. — Ele a beijou na testa, sem sinais de preocupação em seu rosto. Sua presença e confiança a faziam se sentir segura.

— Não há nada com que se preocupar. É como um passeio no parque.

— Tudo deu tão errado. Ele disse que sabia quem eu era. O verdadeiro eu, não a sua noiva falsa.

— Foi exatamente como planejado, Alesha. Fiz o que meu chefe pediu e agora é hora de ir para casa.

— Apenas assim?

Ele pegou a mão dela, levando-a para a escada e para o convés principal do iate.



— Faço isso todas as noites. Esqueça isso. É um trabalho, nada mais.

— É fácil para você dizer.



Alesha tomou banho e foi dormir horas atrás. Os acontecimentos do dia mexeram com seus nervos. Xavier jurou que ela se quebraria em mil pedaços pela forma como estava. Ele precisava se lembrar que ela nunca foi submetida aos horrores que ele viveu e assassinato não fazia parte de sua rotina diária.

Ele sentou-se atrás de sua mesa no escritório, esperando que Maurice voltasse à linha em espera. Ele passou algum tempo na academia, descontando suas frustrações. Seus sentimentos por sua governanta estavam bagunçando sua cabeça. Aquela pequena parte de seu cérebro que tão facilmente ligava e desligava para evitar sentir emoções era inútil quando se tratava de Alesha.

Xavier pode ter dito a Alesha que tudo saiu conforme o planejado, mas isso era mentira. Dixon descobriu quem era Alesha, o que significava que outros sabiam. Ele não a queria em perigo ou que pudesse ser usada contra ele. Todos os assassinos de *Killer of Kings* com mulheres tinham essa responsabilidade pairando sobre suas cabeças. Ele não queria essa responsabilidade. Esse estilo de vida era sua



escolha e não queria arrastar uma mulher inocente pelo mesmo caminho.

Ele também não podia soltá-la, o que o levou de volta à sua situação original, queria algo que não podia ter.

— Software de reconhecimento facial. — Disse Maurice.

— Ela pediu para ser contratada há alguns anos para um trabalho de limpeza. Uma vez que as informações estão no arquivo, foi fácil hackear. Eles precisariam apenas da foto ou da impressão digital dela para obter as informações.

— Ok, nós sabemos como conseguiram. Eu quero saber o que eles planejam fazer com isso.

— Ninguém sabe. — Disse Maurice.

— A informação pode ter morrido com Dixon. Eles podem tentar colocar as mãos em Alesha para chegar a você por matar seu chefe.

— Sim. — Ele esfregou a têmpora.

— É exatamente por isso que acho que os assassinos devem ser solteiros.

— Você quebrou suas regras?

Ele exalou.

— Talvez. É complicado. — Maurice não era exatamente seu amigo, mas se comunicavam frequentemente para troca de informações. Ele geralmente tinha bons conselhos, mas não havia muito que Xavier estivesse disposto a compartilhar porque ele sabia que o hacker era leal a Boss em primeiro lugar.



— Você descobriu alguma coisa nas gravações sobre essa mulher?

— Ela não está em nenhum dos meus bancos de dados.

— Alesha disse que ela tinha Dixon à sua mercê. — Que porra isso significa?

— Há mulheres neste negócio, Xavier. Você sabe disso. Ela pode ser uma assassina contratada.

— Então por que não o matar quando ela teve a chance?

— Talvez ela estivesse lá por você.

Xavier zombou.

— Bem, se fosse realmente uma profissional, ela saberia que Alesha era minha namorada e a teria usado contra mim.

— Você está certo.

— Disse Maurice. — Provavelmente apenas uma amante abandonada que ele esqueceu. Ela queria sua vingança e conseguiu.

— Bem, se ouvir mais alguma coisa, me ligue.

Ele colocou o telefone de lado e se recostou na cadeira de couro, com os braços atrás da cabeça. Boss não deixou transparecer que sabia de alguma coisa, mas Xavier tinha certeza de que seu chefe sabia mais. Quando ligou para dar a ele uma atualização depois de deixar o iate, Boss o parabenizou por completar a missão. Xavier, sozinho, matou Dixon e seus homens mais próximos. Era o que ele mais amava fazer, trabalhar com as mãos. Isso era muito melhor que o reconhecimento.



Mas a missão ainda não acabou. A rede de tráfico era muito mais profunda e Boss tinha um cliente disposto a pagar bastante para erradicar o cabeça. Xavier deveria se juntar a Killian e Bain no dia seguinte. A Intel tinha seu alvo em uma fábrica perto do cais e era a oportunidade perfeita para acabar com todos eles. Quando a célula inteira se fosse, Alesha não estaria mais em perigo.

— Você ainda está de pé?

Ele pulou e endireitou-se na cadeira, olhando para a porta do escritório. Alesha estava ali com um robe rosa, com os braços ao redor dela.

— O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou.

— Eu sei que não deveria estar nesta parte da casa, especialmente no seu escritório, mas percebi que as coisas são diferentes agora. Não há necessidade de segredos.

Xavier se levantou, esquecendo que apenas vestiu um short preto depois do banho. Seu olhar percorreu todo o corpo dele. O jeito como ela o olhou deixou seu pau duro. Por que tinha tanto controle sobre esse seu apêndice?

— Isso não é o que eu quero Alesha. Envolver você foi um erro. Devemos tentar voltar ao modo como as coisas eram.

— É fácil para você dizer. — Disse ela.

— As coisas que vi não são coisas que uma pessoa esquece facilmente.



Ele aproximou-se, na esperança de colocar um pouco de medo saudável nela.

— O que você viu hoje não foi nada. As coisas que fiz com essas mãos, você não tem nenhuma ideia. — Ele levantou as mãos para reforçar o seu ponto. — E se pudesse ver as coisas que vi, não estaria tão ansiosa por mais.

Xavier se virou, passando a mão pelo cabelo solto e úmido.

— Suas costas. — As suas mãos estavam sobre ele, acariciando a pele. Ele estremeceu não acostumado ao afeto e carinho. E se tivesse que imaginar o paraíso, num lugar fora da escuridão de sua própria mente, seria a sensação dela o tocando. Era gentil. A preocupação em sua voz o confundia.

Ela traçou as cicatrizes que marcavam suas costas e então seus lábios beijaram as velhas feridas. Cada marca e corte era um lembrete do inferno que passou. Depois dos dez anos de idade, sua vida foi uma luta. Antes disso, a extrema pobreza roubou sua infância.

— Você já não viu isso antes?

— Eu estava mais preocupada em levá-lo para a cama e lidar com o sangue. O que aconteceu com você, Xavier?

— Não vamos por aí novamente. — Disse. Ele se virou e prendeu os dois pulsos dela para impedi-la de tocá-lo.

— Você não deveria estar aqui.

— Onde você conseguiu todas essas cicatrizes? — Ela perguntou, sem prestar atenção em seu aviso. Alesha era um



enigma. Sua destemida governanta. Ele soltou uma de suas mãos e ela alcançou o pescoço dele.

Ele colocou a sua mão sobre a dela.

— Você acha que me quer, mas não é verdade. Confie em mim sobre isso.

As mulheres boas eram atraídas por homens maus como mariposas atraídas pela chama. Talvez quisessem excitação, dominação ou o que porra não conseguiam, mas Xavier não era um homem mau. Era o pior pesadelo dela. Não seria capaz de amá-la, apenas a destruiria.

— Você me queria antes. Já esqueceu como me tocou?

Ele lambeu os lábios. O cheiro de seu xampu de morango, seus lábios inchados, o desejo em seus olhos, ela era um grande problema.

— Mais um erro. Não posso nem contar o número de mulheres que toquei da mesma maneira.

Ela estreitou os olhos e recuou.

— Você é um idiota. Continuo pensando que há algo aí, então fala essas coisas.

— Agora você está entendendo. — Ele disse.

— Ainda lhe resta algum sentimento? — Ela perguntou. Seus olhos se encheram de lágrimas não derramadas.

— Não chore por mim. Eu não mereço suas lágrimas.

Ela balançou a cabeça, limpando com raiva os olhos com a manga do robe.



— Porquê isso? Você ama outra mulher?

— Eu não amo outra mulher, Alesha. Algo está quebrado em mim. Fodido. — Ele colocou sua mão no peito e bateu nele algumas vezes.

— Não há nada que você possa fazer para corrigir isso.

— Então, devo acreditar que você não sente nada por mim?

Ele apertou a mandíbula com força.

— Eu sinto muitas coisas por você. — Ele pegou uma mecha do cabelo dela e a colocou entre o polegar e o indicador.

— Eu quero fodê-la. Como se sente sobre isso, minha pequena virgem?

Ela se virou, caminhando para porta, mas ele a agarrou pela cintura e a pressionou contra parede.

— Solte-me! Eu o odeio! — Lágrimas quentes desceram por suas bochechas.

Ele a segurou firme apesar dela se debater.

— Sinto muito. — Ele sussurrou. — Sinto muito, querida.

A tensão em seu corpo diminuiu, sua respiração pesada se acalmou. Ele se sentia como um bastardo, tentando assustá-la quando todos os instintos lhe diziam para protegê-la.

— Você traz o pior em mim.



— Como? Não o estou julgando. Estou apenas tentando entender. — Disse ela.

— No meu mundo, a bondade é uma fraqueza. O meu chefe pode senti-la como um cachorro cheira a merda. Eu não quero que ele a machuque.

Ela estendeu a mão e tocou sua bochecha.

— Você me protegerá.

— Você me dá muito crédito, Alesha.

Seus dedos se moveram por sua mandíbula.

— Eu me sinto segura com você.

— Não deveria.

Ela encolheu os ombros.

— Acontece que eu acredito que a bondade é uma força. Acho que as pessoas podem mudar, podem melhorar.

Alesha era uma luz para sua escuridão e ele queria mais. Podia ser um bastardo por não ir embora, mas se aproximou e beijou-a nos lábios.





CAPÍTULO

OITO

Parte de Alesha queria empurrar Xavier e dizer a ele para não toca-la. Estava magoada porque continuava alternando entre o quente e frio. Não tinha como saber o que fazer. Ela não fazia essas coisas com os homens.

Flertar não era natural para ela. Estava acostumada a ser esquecida. Ninguém nunca a queria.

Por isso era a governanta.

Fornecia um serviço que todos apreciavam, mas ninguém se importava com quem o realizava. Ela era apenas uma peça de mobília, no entanto, quando seus lábios tocaram os dela, não quis afastá-lo. Não tinha vontade de lutar com ele ou que essa magia entre eles acabasse.

E *havia* magia. Não conseguia explicar.

Ele era um assassino de sangue frio. Alguém de quem ela deveria ter medo e ainda assim não conseguia se segurar ou desviar o olhar. Mesmo quando sua vida esteve em perigo, se preocupou com ele, não consigo mesma. Não importava o que acontecesse com ela, mas não conseguia pensar no mundo sem que Xavier fizesse parte dele.



Depois do mais breve dos beijos, ele se afastou. Suas mãos seguraram seu rosto, os polegares acariciando as bochechas e ela apenas olhou em seus olhos escuros.

— Eu sei que você me odeia agora.

E essa era a verdade. Ela *o odiava agora*, neste exato segundo. Não havia nenhuma maneira de odiá-lo por toda a vida. Simplesmente não era possível. Queria protegê-lo. Queria limpar a lembrança das cicatrizes, de modo que a única coisa de que ele se lembrasse fosse a sensação dela, a lembrança de seu toque. O gosto do beijo dela.

Merda.

Estava perdendo a cabeça e não conseguia controlar isso. Xavier era o tipo de homem que deveria evitar, mas estava inexplicavelmente atraída.

— Eu não o odeio. — Ela lambeu os lábios, tentando encontrar sua voz. Sua garganta estava incrivelmente seca enquanto ela olhava para ele.

— Eu nunca poderia odiá-lo.

Ele sorriu. Era aquele sorriso irônico de quem sabe que ela realmente não o fazia. Por que precisava parecer tão sexy quando fazia isso?

— Eu simplesmente não gosto muito de você agora.

— Mas você não me odeia.

— O ódio é um sentimento forte.

— O qual você é incapaz de sentir, não é?



Ela não respondeu. Não valia a pena. Ele faria o que quisesse com a resposta dela, não tinha energia para mandá-lo parar ou lutar.

Um de seus polegares se moveu em direção à boca e ele tocou seus lábios.

— Dixon era um idiota.

— Por que você está falando sobre esse monstro? — Este era outro momento de frieza? Ela não conseguia acompanhar e isso estava mexendo com sua cabeça.

— Porque ouvi o que ele disse para você. Que não era seu tipo. A única razão pela qual não é o tipo dele é porque uma merda como essa não poderia lidar com uma mulher como você. Ele não saberia o que fazer se a tivesse em sua cama. Era um covarde. Atacava os fracos e achou que você fosse assim. Não tinha ideia do fogo dentro de você.

— Acho que você tem a mulher errada aqui, Xavier. Eu não tenho fogo.

Ele sorriu. Um sorriso genuíno e honesto.

Ela quase desmaiou.

— Ele comprava e vendia mulheres. Estava acostumado a elas ficarem aterrorizadas ou drogadas demais para se importarem com o que acontecia. Você não é assim. Foi honesta, doce e sexy, tudo em um pacote.

Ela balançou a cabeça.

— Você está errado.



De repente, ele a pressionou contra parede. Suas costas bateram com um baque. Seu corpo estava nivelado contra o dela e ela sentiu seu pau duro contra o estômago.

— Você sente isso, bebê? Sente como a quero? Deixa-me louco. Acha que hoje foi fácil para mim? Nunca me importei com ninguém antes. Nunca quis. Tudo o que sempre quis fazer era entrar, matar e acabar com tudo. Em vez disso, precisei ouvi-la divagando com Dixon. Para muitos homens, sua divagação poderia ser uma merda cansativa, mas para mim não. Quero ouvir seus pensamentos, seus medos, tudo. Você me distraiu e queria machucar Dixon por não prestar atenção, mas acima de tudo, queria torturá-lo por dias e semanas, fazê-lo implorar pela morte muito antes de dar-lhe o que merecia... por sua causa. Porque disse essas coisas vis. Porra, Alesha você é tudo. Não deixe que nenhum homem a faça pensar diferente.

— Por que você está dizendo essas coisas quando estava sendo tão mau apenas alguns minutos atrás?

— Eu não sou um bom homem. — Ele inclinou para perto, ela franziu a testa enquanto ele parecia inalar seu perfume.

— Eu nunca serei bom. Sou um monstro até a medula. Sempre fui. Sempre serei. Eu sei o que é a morte. Olho em seu rosto todos os dias, a desafio. Tenho brincado com isso desde que era criança e a ofereço as minhas vítimas de bom grado. Mas nunca será você. É muito boa para um homem como eu. — Ele olhou para os lábios dela, ela o ouviu gemer.



— Você está me deixando louco. Não deveria querê-la. Não deveria me importar se está bem aqui, neste momento, minha para saborear, para tocar.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, seus lábios já estavam nos dela e ela perdeu todo o pensamento. Deveria afastá-lo.

Dizer para se foder. Para deixá-la sozinha. Mas não podia fazer isso.

Mesmo quando suas mãos agarraram os ombros dele, preparando-se para afastá-lo, não o fez. Agarrou-o com força, implorando, faminta e desesperada por seu toque. Sua língua traçou seus lábios, ela gemeu, abrindo os lábios e deixando-o entrar.

Não queria afastá-lo.

Parte dela estava apavorada por ele poder afastá-la, insistir que não era bom o suficiente. Quanto mais tentava afastá-la, mais ela o queria.

O calor inundou sua boceta enquanto as mãos se moviam para baixo de seu corpo, uma delas pelas costas até à bunda. A outra seguiu até os seios, apertando sua carne. Ele esfregou a palma da mão em seu mamilo, ela se arqueou, querendo seu toque mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Por favor, por favor. — Disse ela, gemendo seu nome, precisando dele.



— Porra, você é tão sexy e bonita, me faz desejar-la tanto. Entende isso? Nenhuma mulher me deixou tão desesperado.

— Eu quero você, Xavier.

— Sim, eu sei que você quer.

Ele puxou o robe dela, que se abriu para revelar a camisola simples. Ela tinha o desenho de um sorvete na frente. Era tão pouco sexy que era irreal, mas Xavier não pareceu se importar. Ele puxou a camisola até as coxas e sua mão tocou o estômago.

— Você está molhada para mim agora?

— Sim. — Sua calcinha estava úmida.

O calor inundou suas bochechas quando ele a segurou entre as coxas, seus dedos pressionando o tecido da calcinha para que entrassem em sua fenda.

— Eu sinto como você está molhada. Quer o meu pau. Quer meus dedos e a minha boca. Realmente não deveria tê-la. — Ele gemeu enquanto continuava esfregando. A fricção contra seu clitóris era incrivelmente boa. Viu estrelas diante de seus olhos, mas ele não parou. Nem uma vez.

Por favor. Por favor. Não pare.

Ela não conseguia pronunciar as palavras, esperava que ele entendesse o que queria dele.

— Um bom homem se afastaria. Um bom homem não pensaria em colocá-la sobre a mesa para lambar o creme de sua boceta e depois abri-la, tomando-a e enchendo com sua porra, mas com você, Alesha, eu perco todo o pensamento e o



maldito senso comum. — Ele soltou um grunhido e em um segundo sua calcinha foi arrancada do corpo. Ele empurrou as pernas dela e sua mão voltou a acariciar o clitóris.

Desta vez não havia nada entre seus dedos e o corpo dela. Ela estava aberta para ele, aberta, esperando e pronta.

Seus olhos tremeram e se fecharam enquanto ela se arqueava ao seu toque, então gritou quando os lábios se fecharam ao redor de um de seus mamilos através da camisola. Ele chupou através do tecido, em seguida, foi para o outro. O puxão no tecido parecia aumentar a sensação contra seu peito e ela gritou sentindo o desejo entre as coxas.

Ele deixou seus mamilos molhados, bem como a camisola enquanto a chupava.

— Eu preciso ver você. Tire a camisola.

Ele não precisava dizer duas vezes. Levantando a camisola infantil, a jogou no chão. Ficou diante dele completamente nua, esperando que desse a próxima ordem. Ela estava à sua mercê e não sentia medo. Longe disso.

Seus lábios estavam secos e ela esperou. Xavier passou os olhos pelo corpo nu dela. Podia sentir sua fome e isso apenas aumentou o seu desejo.

— Você não tem ideia de como é sexy, não é? Como me faz sentir. Estou muito duro e é por sua causa. Por causa do que quero fazer com você.

— O que você quer fazer comigo?



— Quero fazê-la esquecer tudo a partir de hoje e apenas lembrar-se do meu toque.

Ela queria isso mais que tudo. Os eventos de hoje não era o que queria lembrar. Ambas as mãos dele tocaram a cintura dela, a puxou para longe da parede.

— O que você está fazendo?

— Levando você para o meu quarto.



A última coisa que Xavier deveria fazer era levar Alesha para sua cama e fodê-la. Ele tinha uma lista completa de quais eram as coisas certas a fazer. As coisas boas, no entanto, não queria jogar pelas regras. Quem quer que aquela mulher fosse, poderia visar Alesha. Antes que chegasse a ela hoje, ela poderia estar morta e ele nunca conheceria a suavidade de seu corpo contra o dele.

Isso não funcionaria. Não para ele.

Não podia deixar passar outro segundo sem conhecer o toque dela, memorizar seus beijos e possuir seu corpo. No momento em que o fizesse, esperava poder elaborar um plano para salvá-la.

Boss não conseguiria colocar as mãos nela. Ele não tinha problemas em usar uma mulher para conseguir o que queria.



Xavier pegou-a nos braços e levou-a para seu quarto. Ela não lutou contra ele, suspeitava que tinha a ver com o estado nu dela e com o fato de estar molhada para ele. Tão pronta.

Queria transar com ela, tomá-la, fazê-la sofrer por ele. Apagar a lembrança do toque de Dixon.

Ele a colocou de pé no momento em que entraram em seu quarto. Segurando seu rosto, ele tomou o beijo que desejava, amando a sensação de seus lábios.

— Toque-me, Alesha.

Ela passou as mãos pelo peito dele, seu toque era tão leve que estava deixando-o louco. Queria que marcasse o seu peito com as unhas, implorasse por mais e exigisse que transasse com ela.

Xavier precisava continuar se lembrando que ela era virgem. Que nunca conheceu o gosto de um homem ou experimentou o que ele poderia dar a ela.

Ela passou a mão pelo peito dele, movendo-as sobre os ombros.

— Estou farta de esperar.

Afastando-se dela, ele tirou o short de ginástica. Em seguida, se livrou de sua cueca boxer, não querendo que apertasse seu pau. Envolvendo os seus dedos ao redor da ereção, ele olhou para seu corpo mais cheio. As curvas que queria sob ele. Imaginou aquelas grossas e succulentas coxas ao redor de sua cintura enquanto se movia dentro dela.



Ela já era um vício e sequer teve um gosto. Não sabia como ele podia sentir fome por ela se não lambeu sua boceta ou a sentiu ao redor do seu pau.

Diminuindo a distância entre eles, a empurrou de costas até que suas pernas bateram na cama e ela caiu. Ele a empurrou para trás, caindo com ela, tomando seus lábios em um beijo ardente. Xavier desceu por seu corpo, lambendo e chupando cada mamilo sem a camisola entre eles.

Desta vez, ela gritou. O som era melhor que magia, seu pau ficou mais duro que madeira.

Seus gemidos ecoaram nas paredes, o excitando ainda mais. Não queria que ela parasse. Ela tinha seios grandes e lindos. Suaves e perfeitos. Chupando cada mamilo, ele a sentiu arquear. Seus dedos afundaram em seus cabelos, segurando a cabeça dele enquanto mordiscava aqueles apertados feixes de nervos.

Tão viciante. Não conseguia evitar o desejo que o consumia.

— Por favor. — Disse ela, gemendo o seu nome.

— Sim, assim, bebê. — Afastando-se um pouco, ele pressionou suas mãos na cama, impedindo-a de tocá-lo.

— Você mantém as mãos aí.

— Eu quero tocá-lo.

— Logo. — Ele não seria capaz de durar se ela o tocasse. Precisava manter o controle ou ficaria louco.



Ela manteve as mãos ao lado de seu corpo, ele trilhou beijos até seu estômago, a língua mergulhando em seu umbigo antes de deslizar até sua boceta. Puxando-a para a beirada da cama, abriu suas pernas, olhando para sua boceta molhada.

Ela ainda é virgem. Lembre-se disso. Tenha cuidado.

Usando o dedo, provocou seu clitóris e suas costas arquearam. Os seus gritos eram como uma música doce para seus ouvidos e ela ainda não teve tudo dele.

Substituindo o dedo com a língua, a observou enquanto chupava seu clitóris, olhando para seu corpo. Um dia teria que filmá-la, porque queria ver cada reação enquanto lambia sua boceta. Ver a necessidade se construir dentro dela.

— Oh, Xavier, isso é tão bom.

Usando os dentes, deu uma pequena mordida, a dor fez as pernas dela se abrirem ainda mais, como se não conseguisse o suficiente do que fazia. Sabia que não conseguia o suficiente, estava faminto por sua boceta. Ela seria dele, apenas dele. Ele a manteria tão satisfeita que ela nunca iria querer sair.

— Por favor, por favor.

— Você gosta da minha boca na sua boceta? — Ele perguntou.

— Sim, por favor, não pare.

— É minha, Alesha. Eu nunca deixarei nada acontecer com você. Seu corpo pertence a mim. Eu a possuo. Fará tudo



o que eu quiser, porque sabe o que eu posso fazer por você. Posso lhe dar um prazer incrível. — Enquanto ele falava, acariciava seu clitóris, sabendo que usava seu próprio prazer contra ela.

A pobre virgem não teve chance. Ele não achava que poderia sobreviver se algo acontecesse com ela.

Precisava fazer tudo em seu poder para mantê-la segura. Outros membros dos *Killer of Kings* encontraram mulheres. E de alguma forma, arrumaram uma maneira de ter essa vida e sua amada, os dois juntos.

Por que ele não podia ter isso?

— Sim, Xavier, eu farei qualquer coisa. Apenas, por favor, não pare.

Ele não tinha intenção de parar e mesmo que conseguiu sua submissão, enquanto estava prestes a dar-lhe um orgasmo alucinante, a manteria.

No momento em que a tomasse e a reivindicasse como sua, seria o dia em que sua outra vida deixaria de existir. Ela pertenceria a ele em todos os sentidos.

Seria sua mulher.

Teria o anel dele no dedo e se certificaria de que ela fosse a mulher mais feliz do mundo.

Você está falando merda agora.

Que porra está errado? Você não pode manter uma mulher.

Ainda precisa encontrar sua irmã.



Ele empurrou todos esses pensamentos para fora de sua mente, em vez disso, focou na linda mulher sob ele. Lidaria com todo o restante quando a hora chegasse.

Chupando seu clitóris, ele usou a ponta da língua para deslizar para frente e para trás, olhando para vê-la desmoronar.

Ela era tão linda, toda suave, curvas pálidas e inocente. Seus peitos se moviam e mal podia esperar que ela gozasse. Ele a deixaria tão molhada que poderia transar com ela com facilidade. Como não era um homem pequeno, com certeza doeria.

Mantendo os lábios de sua boceta abertos, lambeu, chupou e provocou seu clitóris, levando-a mais perto do limite. Ele a manteve ali mesmo no limite, deixando-a esperar, aumentando sua excitação, provando-a até que não aguentasse mais e deixasse ela gozar.

A fez atingir seu limite, apertou o rosto contra sua boceta, engolindo o creme doce enquanto ela gritava seu nome.

O som ecoou nas paredes e ele adorou.

Xavier sabia que poderia se acostumar com isso e que esse gosto não seria o suficiente. Como poderia? Alesha era tudo, soube disso desde a primeira vez que a viu. Ela se ligou a uma parte de sua alma que acreditava ter desaparecido há muito tempo com sua irmã.

Não, isso era muito mais.



Alesha atraía o monstro dentro dele, provocando-o, jogando com ele, fazendo-o querer sair e brincar, porra e ele o fez. Isso e muito mais. Não conseguia o suficiente.

Ele teve inúmeras mulheres ao longo dos anos e todas não significaram nada. O compromisso não estava destinado para ele, não depois de ser vendido pela mãe e perder a irmã. Dizer que tinha problemas com mulheres e confiança era um eufemismo. Mas Alesha viu seu verdadeiro eu e não fugiu gritando. Ela não sentia medo e o fato de se importar era algo que nunca experimentou.

Quando ela foi para um segundo orgasmo e sua boceta estava praticamente escorrendo, ele pressionou um beijo em seu clitóris e ajudou seu corpo exausto a se mover contra os lençóis.

— Isso foi incrível. Eu não tinha ideia de que seria assim. — Disse ela.

— Bom. Apenas fica melhor. — Ele se moveu entre suas coxas, saboreando a suavidade de sua pele. Ela era uma mulher tão cheia de curvas, tão doce, tão aberta, tão inocente.

E toda minha.

Ele nunca foi bom em compartilhar. Não havia dúvidas que lutaria com Boss por ela.

— O que foi? — Ela perguntou.

— O que?

Ela deu a ele aquele sorriso sexy que amava tanto.



— Você está me olhando... de forma estranha.

— É porque estou pensando em pegar sua cereja. Tomar tudo para mim.

— Você não tomará nada se estou dando livremente.

— Está me dando sua virgindade? — Ela assentiu.

— Por quê?

— Porque eu quero, Xavier. Você significa muito para mim.

Ele lembrou como ela disse a Dixon hoje que o amava. Por uma fração de segundo ficou mudo com suas palavras. Ninguém o amou.

El Diablo, o assassino, não sabia o que fazer ou dizer, por que sentiu esperança. Algo que não sentia há muito tempo e sequer achava ser capaz de tal emoção.

Essa governanta, sua mulher inocente, estava deixando-o de joelhos e precisava ser cuidadoso. Porque se Boss por um segundo sequer soubesse que ela significava alguma coisa para ele, estaria ferrado.

— Eu nunca recebi um presente tão precioso antes.

Ela estendeu a mão e segurou seu rosto.

— Você parece um homem das cavernas. É apenas meu corpo, Xavier.

— É uma parte de você e apenas pode ser dada uma vez.

— Para ele, homens que mereciam ter esse tipo de inocência



não matavam pessoas no fim de semana ou como parte de suas vidas.

— Eu valorizarei isso sempre. Terá uma parte de mim, Alesha.

— Qual parte?

— Você já sabe. — Ele se inclinou, reivindicando seus lábios, não querendo deixá-la ir. Ela era tão linda, tão doce, seu tudo. Sabia que continuava repetindo as mesmas coisas, mas não podia deixar de se maravilhar com a força pura dela.

Abrindo suas coxas, segurou seu pau duro, que não perdeu a rigidez enquanto conversava com ela. É como se seu corpo não soubesse como ser desligado por ela. Sua voz, seu sorriso, cada parte dela o excitava.

Passando a ponta para cima e para baixo em sua fenda cremosa, ele deixou o seu pau molhado, querendo tornar isso mais fácil possível para ela. Não queria colocar um preservativo, mesmo sabendo que deveria.

Pele com pele.

Carne contra carne era o que queria.

Sem nada entre eles, ele manteve contato visual, movendo seu pau para sua entrada. Queria vê-la quando finalmente a fizesse sua.





CAPÍTULO

NOVE

Alesha segurou os lençóis enquanto Xavier pressionava a cabeça de seu pau em sua boceta escorregadia. Ela nunca esteve mais pronta para alguma coisa. Seu corpo estava praticamente vibrando para ele tirar sua virgindade. Isso não era um bem sagrado, mesmo aos vinte e sete anos nunca encontrou um homem digno para oferece-la. Xavier podia parecer a pior escolha possível, mas o via sob todas as camadas endurecidas. Viu o garotinho, viu o homem quebrado naquele dia quando estava bêbado. Havia muito mais sobre ele do que as aparências mostravam. E se escondia bem debaixo das aparências.

O seu cabelo escuro estava solto, caindo até o queixo. Aqueles olhos escuros a lembrava uma pantera caçando. A sombra da barba de várias horas no rosto dele era áspera, sabia como sentia se esfregando entre suas pernas. Alesha olhou para seus lábios grossos e os ombros maciços pairando sobre seu corpo. Seus braços eram duros, musculosos, enquanto apoiava seu peso em um antebraço sobre ela.

— Mais. — Disse ela.



Ele estava incrivelmente lento para um bad boy tão implacável. Isso a excitou e a fez sentir especial, saber ele estava indo devagar por ela, mas honestamente não precisava disso.

— Calma, querida. Deixe-me aproveitar isso. Quero sentir sua boceta apertando a porra do meu pau. — Ele continuou se movendo mais fundo, centímetro a centímetro. Ela sentiu suas paredes se alongando para acomodar seu tamanho. A plenitude era esmagadora, arrepios percorriam sua pele enquanto todos seus nervos pareciam explodir com energia sexual.

Ela se contorceu sob ele, ondas de calor a deixavam louca. Alesha passou a mão pelo cabelo dele, afastando-o do rosto. Ele parou e depois se inclinou para beijá-la. Colocou os braços sob os ombros dela e se moveu entre as pernas dela. Ela gritou em sua boca quando ele afundou até ao punho.

Ele a beijou, mas isso era muito mais. Ela sentiu sua conexão solidificar, sentiu suas vulnerabilidades, a paixão, tudo o que ele mantinha trancado.

Seu pau pulsava dentro dela, mas ele não se movia.

— Ele é meu agora? Eu possuo o seu pau?

— Você é dona dele. Meu pau e *meu* coração. — Ele passou os lábios sobre seus olhos, em seguida, pressionou a testa na dela. Isso era muito mais que sexo.

— Eu me sinto tão cheia. — Ela sussurrou.

Ele respirou fundo, como um homem no limite.



— Por favor, diga que se ajustou para me ter dentro de você.

— Estou mais do que pronta para isso.

— Você não tem ideia do controle que estou usando agora, menina. — Ele puxou para fora e lentamente empurrou de volta, provocando-a, deixando sua boceta faminta por mais.

— É tão apertada, tão deliciosa, porra. Quero fodê-la com tanta força até quebrar essa maldita cama.

— Deus, sim. Faça.

Ele pegou um ritmo lento, deslizando para dentro e para fora, criando um atrito ao qual seu corpo respondeu, desejando muito mais. Ela tocou-lhe com os calcanhares, desesperada pelo que sabia que ele queria realmente dar a ela. Alesha não era uma mulher frágil. Poderia lidar com Xavier e seu grande pau.

Ela queria seu pau duro.

— Você está tão molhada, tão succulenta. — Ele gemeu, acelerando o ritmo. A cama começou a tremer, a cabeceira batendo na parede com cada impulso de seus quadris. Ele a encheu até o punho uma e outra vez. Cada vez que batia contra seu clitóris, ela subia mais alto.

— Diga-me que adora ser preenchida com meu pau.

Ela fechou os olhos, com outro orgasmo se construindo dentro dela, tirando-lhe as inibições.

— Diga-me bebê. Eu quero ouvi-la.



Alesha amava o som dele falando sujo.

— Eu adoro seu pau.

— Você é apenas minha.

— Apenas sua. — Ela repetiu.

— Boa menina. Este corpo pertence a mim agora. Meu para foder. Meu para proteger. — Ele acariciou seu pescoço, chupando o lóbulo da orelha dela. Tudo o que ele fazia gritava experiência e habilidade. Ela adorou cada minuto na cama de Xavier. Estava pronta para se comprometer com ele, corpo e alma. Ele estava pronto para se sacrificar da mesma maneira?

— Você é meu?

Ele se afastou para olhá-la.

— Você é a única mulher para mim, Alesha. Estava fodendo por aí. De agora em diante, darei prazer a você e a mais ninguém.

— Nunca mais me afaste. Não importa o que aconteça.

— Ela disse entre respirações.

— Prometo.

Uma semana atrás, ela nunca teria acreditado na série de eventos que viveu recentemente. Seu chefe gostoso com uma grande conta bancária acabou sendo um assassino profissional. E fodia como uma máquina. Ela entregou a ele sua virgindade... em troca ele prometeu uma vida inteira juntos. Ela estava sendo ingênua ou isso era tudo real?



Eles se beijaram, famintos e desesperados. Ela não conseguia o suficiente dele.

Então se moveu mais forte, mais fundo, suas costas cobertas com um fino brilho de suor. Ele entrou e saiu de seu corpo, todo músculo e força endurecidos.

— Goze para mim novamente. Solte-se. — Disse ele.

Ela parou de lutar e relaxou os músculos, segurando-o pelo pescoço. O orgasmo veio até ela, calor e calma inundando a parte inferior do estômago. Então ela empurrou, seus quadris se arquearam enquanto ordenhava o pau de Xavier repetidas vezes em deliciosas ondas. Foi levada para o céu e de volta aos braços do diabo.

Ele gemeu, segurando-a mais apertado contra o peito enquanto a seguia, enchendo-a com sua semente. O peso de seu corpo desceu levemente até que se apoiou novamente. Quando a intensidade do seu amor se acalmou, apenas se ouviam os sons de sua respiração pesada.

Xavier rolou para o lado, apoiando a cabeça com a mão enquanto a olhava.

— O que? — Ela perguntou.

— Você fica linda depois do sexo. Suas bochechas estão coradas e rosadas. Tal como imaginei. — Ele estendeu a mão e afastou os cabelos soltos do rosto dela. Ela estava suada, seu coração ainda batendo forte.

— Diga-me uma coisa, Xavier. Você ainda se sente da mesma forma agora que o sexo está fora do caminho?



— Por que não sentiria isso? Não sou um adolescente. Eu sei o que quero e não pretendo fazer isso apenas uma vez.

Ela se virou para o lado para olhá-lo. Alesha traçou a ponta do dedo ao longo da tinta em seu pescoço. Ele era o homem mais sexy que conheceu. Como algo tão bom poderia ser ruim?

— O que acontece agora?

— Eu tenho um trabalho rápido para fazer amanhã e depois vamos descobrindo as coisas.

— Que tipo de trabalho?

Ele franziu a testa.

— Meu chefe quer que eu lide com o restante da célula criminosa com a qual Dixon estava envolvido. É muito mais do que apenas ele.

— Você precisa de um encontro novamente? Eu posso ajudar. — Ela não pode deixar de sorrir. Embora não fosse a melhor atriz, quando estava no iate foi emocionante e aterrorizante ao mesmo tempo.

— Acho que posso lidar com isso. Eu lhe disse que a protegeria e planejo cumprir a promessa.

— Se eu puder ajudar? Não tenho medo, Xavier.

Ele tocou a ponta do seu nariz de brincadeira.

— Você é destemida, não é, bebê?

— Às vezes. — Ela segurou seu pulso, olhando para as cicatrizes em sua mão.



— Nem sempre.

— E do que tem medo?

Ela encolheu os ombros.

— Bem, de você ser morto. Perdê-lo antes mesmo de termos a chance de nos conhecermos.

— Eu a *conheço* muito bem, Alesha. — Ele piscou, movendo os dedos ao longo da curva do seu peito.

— Isso não foi o que eu quis dizer. — Ela o golpeou de brincadeira.

Não demorou muito para que seus medos profundos subissem à superfície.

— Tenho medo que você desapareça. — Sua mãe fez o mesmo e o pensamento de que isso acontecesse novamente a fez se sentir ansiosa e sozinha.

— Eu geralmente sou bom nisso. Aproximar-me das pessoas é algo que sempre evitei, sabe? Quando você aprende desde cedo que todo mundo quer usá-lo para algo, para de confiar. Para de se preocupar.

Ela engoliu saliva.

— É diferente com você, Alesha. Abriu meus olhos, me fez perceber como é bom alguém se preocupar comigo.

Alesha entrelaçou os dedos com os dele.

— O que aconteceu com as suas mãos?



Ela sentiu o muro que ele mantinha ficando mais forte, mas não queria o relacionamento deles baseado em segredos ou mentiras.

— Antigas cicatrizes.

— Não deveria ficar bêbado antes de se abrir para mim.

— De onde eu venho, não é como aqui. Isso lhe daria pesadelos. — Ele lambeu os lábios e mais uma vez, ela queria apagar o passado de suas lembranças.

— Depois que minha mãe nos vendeu, passei por anos de tortura, sendo forçado a fazer todo tipo de merda.

— Xavier...

— Está tudo bem. Eu sobrevivi. Aprendi a calar tudo. Esquecer a dor. — Disse ele.

— Acho que tudo isso me endureceu e vivi por vingança. Fiz muita merda na minha vida.

— Não foi sua culpa.

— Você não precisa me defender. Eu sei o que fiz. O problema agora é fazer com que as pessoas acreditem que mudei. Os homens com quem trabalho não confiam em mim, não importa o que você acha que sente, também não confia em mim.

— Estou tentando o meu melhor. Ainda estou aqui depois de tudo o que aconteceu. Eu lhe dei minha virgindade.

Ele sorriu.

— Sim, você fez. Um presente que não mereço.



Ela se inclinou para frente e beijou seus lábios.

— Não podemos mudar o passado, Xavier, mas podemos fazer um futuro melhor. Eu estou começando a partir de hoje.

Ele a colocou sob seu braço enquanto rolava de costas, os dedos acariciando-a gentilmente na nuca. No dia seguinte ele arriscaria sua vida novamente. Quantos dias e noites ela teria que se preocupar com ele voltando para casa vivo ou não? A fé de Alesha em novos começos podia ser forte, mas um relacionamento com um assassino a testaria.



Xavier puxou a gola mais para cima. Estava um frio cortante no ar naquela hora da manhã, especialmente perto de água. Ele olhou para além dos contêineres empilhados no cais, para o horizonte distante. Não importava o quanto tentasse esquecer o passado, continuava o assombrando. Não se arrependia do assassinato, da traição, da violência... porque todos mereceram o que lhes aconteceu. O que não podia esquecer era a irmã que deixou para trás. Ela estava viva? Morta? Boss sabia mais do que deixava transparecer?

Ele sempre teve essa pequena fraqueza, uma parte que não suportava ver um homem abusar de uma mulher. Tudo se resumia a ela... Graciella. Eles a arrastaram para longe, chutando e gritando. Ele observou sua irmãzinha até que não pode mais vê-la. Então seus próprios pesadelos começaram. Desde o dia em que foram separados quando eram crianças,



nunca soube o que aconteceu com ela. Parte dele não queria saber, por que provavelmente seria demais para lidar. Mas teria que encontrá-la, pedir perdão por não ser capaz de salvá-la. Ele não era mais um menino. E nada no céu ou na terra o impediria de salvá-la hoje... ou de proteger Alesha.

Uma sirene soou à distância, trazendo-o de volta ao presente e lembrando-lhe por que estava ali.

Xavier foi até o ponto de encontro. Bain e Killian seriam seus parceiros neste ataque. Os três seriam capazes de derrubar um maldito exército. Embora não trabalhasse muito com Bain, Killian era um dos homens que o treinou. Boss tinha exigências rígidas para qualquer um que quisesse se juntar ao *Killer of Kings*.

A maior parte de sua vida, ele foi *El Diablo*. Não tinha piedade enquanto subia no topo de todas as organizações criminosas a qual pertenceu. As coisas eram diferentes agora. Ele não tinha vontade de governar o *Killer of Kings*. Tudo começou como uma troca de informações, mas agora queria ser alguém em quem confiassem e se tornar um companheiro para os outros assassinos. Mas a confiança precisava ser conquistada. Talvez criar uma nova vida nunca estivesse escrito para ele.

Ele encontrou Killian na esquina de um contêiner, encostado na parede de metal enquanto verificava o carregador de munição da sua arma.

— Bom dia. — Disse Xavier.



Killian acenou com a cabeça uma vez e continuou checando a sua arma.

— Você trouxe café?

Xavier ignorou o bastardo irlandês e deixou sua mochila.

— Eu trouxe as armas grandes.

Em sua visão periférica viu Bain caminhando em direção a eles. Aquele filho da puta sempre parecia pronto para matar. Ele já o viu sorrir?

— Dois chegaram. Deve haver pelo menos mais um veículo a caminho. Maurice tem olhos em toda a nossa localização. — Disse Bain.

— Faremos prisioneiros? — Perguntou Xavier.

— Este é um golpe único. A equipe de limpeza está de prontidão.

Um banho de sangue. Xavier podia lidar com isso. Era mais difícil tentar manter os alvos principais vivos para serem interrogados quando as armas entravam em ação. Isso deveria ser fácil. Eles tinham poder de fogo e experiência mais que suficiente para o trabalho.

— Sim e *desta vez* sem civis. — Disse Killian.

— O que isso quer dizer? — Xavier não gostou do seu tom ou do que sugeria.

— Viper me contou o que aconteceu na semana passada. Uma vergonha de merda o que aconteceu com aquela garota.



Ele queria colocar o punho na boca torcida de Killian, mas manteve a calma. Sabia que as mulheres eram o ponto fraco de Killian. Sua história era quase tão fodida quanto a de Xavier. Mas ele não ficava sentado à espera que lhe dessem uma ordem para algo que nunca pretendia que acontecesse.

— Eu tomei uma decisão.

— Não funcionou muito bem, não é?

A frequência cardíaca de Xavier aumentou. Ele enfrentou o outro assassino.

— Eu conheço você. Teria feito a mesma coisa.

Killian encolheu os ombros.

— Talvez sim. Talvez não. O que está em questão é você. Podemos confiar que vai cumprir as regras? Seria bom se pudesse ir para casa para a minha esposa e meus filhos hoje à noite.

— Então vá embora agora, covarde. Os garotos grandes podem lidar com isso sem você.

Eles estavam cara a cara agora, nenhum deles disposto a recuar.

— Parem com isso. O outro carro acabou de chegar. — Disse Bain.

A tensão se dissipou à medida que se acalmaram. Xavier conheceu Killian durante o ano passado em seu treinamento. Ele era um homem bom, duro e suave ao mesmo tempo. Xavier estava mais fodido consigo mesmo. A lembrança daquela garota sendo morta a apenas alguns metros dele



ainda assombrava seus sonhos. Mas não podia voltar no tempo e consertar as coisas.

— Ok, vamos deixá-los ficar confortáveis, depois começamos.

— Precisamos de uma distração? — Perguntou Xavier.

— Eu não sei do que você está falando. Não precisamos de uma distração do caralho. Nós temos isto. — Ele segurou um de seus rifles de assalto.

— Somos três. Deve ser moleza. — Disse Bain.

Killian ajustou seu cinto.

— Ei, *El Diablo*, apenas há uma maneira de entrar nessa torre. Não cague agora.

Bain deu um tapinha no ombro de Killian.

— Relaxe, garotão.

Todos olhavam na mesma direção que Bain. Um pequeno carro amarelo estava estacionado à distância e uma mulher subiu a escada de metal até a torre de vigia. *Alesha*

— Que porra é isso? — Perguntou Killian.

Ele a observou. Sua mulher. A única coisa boa em sua vida. Ela o seguiu até aqui, seguiu-o sem que percebesse. Que porra ela estava pensando? Onde é que estava com a cabeça que não percebeu que estava sendo seguido?

— Ela é a minha governanta.

— Diga isso novamente. — Disse Bain.



— Porque é que você traz sua empregada para um tiroteio? Ela arruinará o nosso elemento surpresa e será morta.

— Merda, ela deve ter me seguido. Eu vou entrar. — Disse Xavier, puxando sua Glock e indo em frente. Bain colocou uma palma no peito para segurá-lo.

— Há muita coisa em jogo. — Disse Bain.

— Eu não quero que uma mulher inocente se machuque por minha causa.

Ele deveria confiar nesses homens, dizer-lhes que Alesha era sua mulher, dizer-lhes que era um tolo apaixonado? Eram todos assassinos casados, então talvez pudessem entender as emoções turbulentas que ferviam dentro dele agora.

Por que mencionou isso para Alesha? Ela pensou que era a *Nancy Drew* ou alguma merda de detetive e não tinha consciência de que todos os trabalhos que ele fazia era na realidade a diferença entre a vida e a morte.

— Não se preocupe, ela ficará bem. — Disse Killian.

— Nós lidaremos com isso.

— Como?

— Já fizemos isso antes. Improvisamos. — Killian andou de um lado para o outro no pequeno espaço.

— Talvez se atirar na perna dela, isso a levará ao chão antes deles começarem a atirar.

— *Não, não, não.* Volte ao início. — Disse Xavier.



— Talvez uma distração seja uma boa ideia. Eu posso explodir um dos contêineres. — Bain retirou um explosivo de sua jaqueta.

Killian franziu o cenho.

— Boss quer isso fora do radar. Sem explosões.

— Dois de nós entramos e atiramos, o outro protege a garota e a leva em segurança. Será que isso funciona? — Perguntou Bain.

— OK. Vamos fazer isso. — Disse Xavier.

Cada minuto que passava tirava um ano de sua vida. Ela estava sozinha naquela sala com todos aqueles porcos. Os cabeças do tráfico de seres humanos que não pensariam duas vezes antes de ferir Alesha.

Ela não tinha ideia do que estava fazendo. Ouviu sua conversa na noite anterior com Boss e Killian? Seu pequeno furacão seria morto. E se saíssem vivos, ele lhe daria a surra de sua vida.

Os três se aproximaram do prédio, mantendo-se abaixados, os contêineres coloridos como seus escudos. Era cedo, a tripulação em terra ainda não chegou. As gaivotas juntavam-se perto da água, o barulho enchendo o ar da manhã. Ele segurou a respiração, concentrando-se, sabendo que não podia perder Alesha.

A escada era de metal e as janelas da torre davam uma visão completa de tudo, desde o pátio e as docas, até à



escada em que os três subiam. Era hora de *El Diablo* sair e brincar.





CAPÍTULO

DEZ

Dez horas depois.

— Você realmente disse a ela para vir ajudá-lo? — Boss perguntou.

O sangue escorria do lado de Xavier, mas ele não se importava com isso. Passou por pior. Era a mulher deitada na cama que mais importava para ele. Tudo o que poderia ter dado errado hoje, aconteceu. Ele nunca passou por esse caos.

Ele estava tão cansado. Bain e Killian estavam com ele. Tudo foi de mal a pior.

Alesha o seguiu até ser atingida e agora estava inconsciente, o seu corpo ligado a um monte de máquinas.

— Obvio que não. O que você acha que eu sou? — Perguntou Xavier. Nunca nenhuma vez se arrependeu de uma decisão. Nenhum erro era cometido em seu trabalho, porque ele sabia que porra estava fazendo. Sempre soube o que estava fazendo.

Desde que se lembrava, lidar com o que acontecia quando a merda batia no ventilador era a cena dele.



Pressionando a mão no vidro, via as luzes e ouvia as máquinas apitarem.

Ela se machucou, levou um tiro e foi tudo culpa dele. Se não tivesse mencionado sua missão, ela ainda estaria em casa sã e salva.

Ele não queria que ela se envolvesse. Por que precisou aparecer?

Boss agarrou-o pela garganta e pressionou o lado do rosto contra o vidro.

— Você acha que eu não sabia o que estava acontecendo? Que eu não sabia como você falou sobre ser parte do *Killer of Kings*? Não pode foder, mijar ou até mesmo cagar sem eu descobrir. Sabe porquê, porque tenho inimigos que o assustariam para caralho. Eu sei o que é a escuridão. Olhei para ela muitas vezes. Conheço os meus homens e conheço as mulheres em quem eles enfiam seus paus. Você fodeu isso. Acha que porque é o *El Diablo* isso o faz invencível? Hoje você deixou todo mundo na merda e se ela morrer ali, isso pesará em sua consciência, não na minha.

— Foda-se. — Ele se afastou, tentando bater o punho contra o rosto de Boss.

— Eu não fiz nada.

Boss sequer piscou.

Ele simplesmente agarrou no pulso de Xavier, torceu-o e não teve escolha senão cair de joelhos ou seu pulso seria quebrado.



— Você é um garoto, Xavier. Um garoto à procura de sua irmã. Você não é nada. Tinha um trabalho para fazer, sequer conseguiu fazê-lo. — Boss olhou para ele com desgosto, soltando-o.

— Tire ele daqui.

— Eu não irei a lugar nenhum. Não sairei de perto de Alesha. Você me deve isso, Boss. Trabalho para você há quase um ano e ainda não tenho minha irmã de volta.

— Eu não lhe devo uma merda.

— O que quer de mim? — Xavier ficou de pé, batendo no peito. Ele não se importava com a dor que sentia. Teve ferimentos muito piores.

— Eu fiz tudo o que você me pediu.

O amor de sua vida estava em coma e ele foi o único responsável por colocá-la ali.

— Diga-me o que você precisa que eu faça.

O silêncio caiu no corredor. Eles não estavam em um hospital, mas em uma ala especial que Boss possuía.

— Você precisa sair deste prédio agora.

— Eu não a deixarei.

— Você não tem escolha. Já causou danos suficientes. Aprenda a manter a boca fechada.

— Você é um maldito monstro. Acha que eu vou deixá-la com você?



Boss bateu com o punho no nariz de Xavier e ele cobriu o rosto quando o sangue começou a jorrar. Com certeza quebrou.

— Você acha que eu sou o monstro aqui?

— Deveria tê-la deixado em paz. — Disse Xavier.

— Você pensou que seria o único responsável. Poderia tomar todas as decisões porque o que é que eu sei? Hã? Eu não sei como manter as pessoas seguras?

— Você não pode me manter longe dela, Boss. Esse não é o seu lugar.

— Você fodeu toda essa missão, Xavier. Posso fazer que merda eu quiser e o que eu sei, é que você colocou a vida dela em risco.

— Você apenas a matará. Não deixarei isso acontecer.

— Eu não a matarei, idiota. Eu a protegerei de si mesma. Eu a mantereí segura e isso quer dizer longe de você. Tire ele da minha vista agora. Não o quero aqui ou em qualquer outro lugar.

No segundo seguinte, ele estava sendo puxado pelo longo corredor.

— Foda-se isso. Não, me deixe ir. Eu juro, Boss, você faz isso e tem um inimigo em mim.

— Adicionarei você à minha longa lista.

Boss o saudou e voltou para o quarto de Alesha.

— Não! Deixe-me ir.



Não adiantou. Eles o colocaram no elevador, com uma faca em sua garganta e estava descendo em direção ao estacionamento.

Não.

Ele não podia deixá-la.

Alesha

Não queria que ela o ajudasse com a missão. Isso foi tudo uma grande cagada. Boss já sabia que Xavier amava Alesha. Ele queria que admitisse isso?

A lembrança do sangue espalhado ao redor dela, ela caída no chão sem reação, encheu sua cabeça.

— Você precisa manter a calma agora. — Disse Killian.

— Eu preciso ir até ela.

— O que você precisa fazer é colocar sua cabeça no lugar, não fará essa merda lá em cima, entende? — Disse Bain.

— Se vocês não me deixarem ir, farei suas esposas viúvas, me entenderam? — Ele fez a sua pesquisa sobre todos os assassinos dos Kings. E se fosse entregar sua vida a Boss, pretendia saber com quem ia para cama.

— Você faz isso e estará morto dentro de cinco minutos depois de deixar o prédio. — Disse Killian.

— Eu teria cuidado com quem ameaça e aceite o meu conselho.



As portas do elevador se abriram e ele foi jogado para fora. Não havia ninguém à vista.

— Então é isso? Apenas deixou Boss vencer? Ele não pode me culpar pelo que aconteceu. — Xavier não podia ir embora.

— Você acha que Boss quer isso? Não deveria ter contado a ela os seus planos. Deveria ter feito seu trabalho. No momento em que assinou com o *Killer of Kings*, concordou com isso. Por que acha que o seguimos? — Killian balançou a cabeça.

— Ele é um monstro. Nós sabemos isso. É um maldito valentão e um bastardo, mas quer saber uma coisa, ele tem nossos melhores interesses no coração. Você hoje colocou a vida dela em perigo, não Boss. — Com isso, Killian bateu a mão no botão do elevador.

— Resolva a sua merda.

— E as informações sobre a minha irmã?

— Boss me disse para dizer-lhe para se foder. — Disse Bain.

As portas do elevador se fecharam e Xavier olhou para elas, não podia acreditar que foi expulso do *Killer of Kings*. Essa merda não deveria ter acontecido. Ele não era o tipo de bastardo para ser deixado de lado.

Alesha poderia ter morrido esta noite por sua causa.

Passando a mão pelo rosto, agachou no chão, sentindo a dor atingi-lo rápida e feroz.



Que porra faria se ela morresse?

Tirando o celular do bolso, discou o número de Maurice.

Ele tocou várias vezes antes de ir para a caixa postal. Isso nunca aconteceu. Ele não parou quando saiu do estacionamento do prédio para rua. Discou de novo e de novo até que Maurice finalmente atendeu.

— Eu não deveria falar com você. — Disse Maurice.

— Haverá alguma maneira de você falar comigo? — Xavier perguntou.

— Você está na maior lista de merda conhecida pelo homem. Estou pensando em desligar.

— Espere. Eu preciso saber o que Boss faz em situações como esta. — Ele esfregou a parte de trás de sua cabeça, verificando todos os que passavam.

Ele era um assassino famoso que acabou de deixar irritado o chefe do *Killer of Kings*. Ele se perguntou se Boss o marcaria como um alvo.

— Olha, eu não posso dar nenhuma dessas informações.

— Eu não quero problemas. — Disse Xavier.

— Eu preciso saber que ela ficará bem.

Houve silêncio do outro lado do telefone.

Paciência não era exatamente seu ponto forte agora e estava ficando fodido, porque Maurice estava sendo uma dor na bunda.



Erros como esse nunca aconteceram com ele.

— Maurice, pelo amor de Deus, você sabe que eu estou bem.

— Xavier, isso nunca aconteceu antes.

Isso o fez parar.

— Como?

— Olha, todo mundo lida com as mulheres de forma diferente. Boss nunca teve que intervir numa situação como essa, nem teve que cuidar de uma mulher. Ela é uma civil e corria o risco de ser morta. Foi exposta aos traficantes que você precisava derrubar. Boss está cuidando dela porque não confia em mais ninguém. Isto deveria ser uma missão limpa. Deveria tê-la mantido fora do circuito. Eu não sei o que o chefe fará, porque nunca aconteceu antes. Sinto muito Xavier, você realmente fodeu tudo e todos estão irritados.

Com isso, Maurice terminou a ligação.

Ele parou perto de um banco e se abaixou sobre ele com um gemido.

Esfregando os olhos, não conseguia pensar. Batendo na cabeça repetidamente, soltou um grito, ciente do fato de que estava chamando a atenção. Não se importou. Precisava tirar a imagem dela da cabeça para saber o que fazer a seguir.

Não importava o que Boss dissesse, não desistiria nem jamais cederia.





A boca de Alesha estava seca e algo estava preso em sua garganta. Ela agarrou o tubo quando um homem grande entrou em foco. Ela o ouviu tentando fazer com que parasse, mas não conseguiu.

Xavier!

Onde porra ele estava?

Ela não tinha a menor ideia de onde estava ou o que fazer.

O seu coração acelerou e ela ouviu as máquinas emitirem um sinal sonoro, deixando-a saber que deveria estar em algum tipo de hospital.

— Merda, ela é uma coisinha dura, não é?

— Boss pare, você vai assustá-la.

— Alesha, me escute. Você precisa ter cuidado. Ficou fora por alguns dias. Acalme-se. Está em boas mãos. Somos amigos de Xavier.

Ouvir seu nome a acalmou o suficiente até uma enfermeira entrar na sala. Nos minutos seguintes, finalmente tirou o tubo da boca e colocou água na frente dela. Ela chupou o canudo bebendo o líquido como se fosse uma tábua de salvação.



O homem que reconheceu vagamente ficou no quarto enquanto a enfermeira lhe fazia algumas perguntas realmente irritantes.

Ela perguntou seu nome, a idade, qual era seu animal de estimação favorito. Coisas sobre as quais não queria falar.

— Onde está Xavier? — Perguntou ela, virando-se para o homem que ficou ao lado da cama, mesmo quando a enfermeira saiu da sala.

— Como você está se sentindo? — Ele perguntou.

— Ouviu como estou me sentindo com as vinte perguntas que a enfermeira me fez.

— Você é um pouco espinhosa. Imaginei *El Diablo* procurando por alguém mais tímido, com um pouco menos de fogo.

Ela o olhou.

— Quem é você?

— Ah, vejo que não me reconhece. Eu sou Boss.

Ela tentou pensar, mas apenas conseguia pensar em Xavier falando sobre ele.

— Você é o chefe de Xavier?

— Algo parecido.

Ela esfregou a cabeça. Sentia dor de cabeça e estava na companhia desse homem há menos de cinco minutos. Tanta coisa aconteceu e todos os detalhes estavam incrivelmente confusos.



— Onde está Xavier? — Ela perguntou novamente.

A única pessoa que ela queria ver era o homem que já estava no seu coração há algum tempo. O homem que rapidamente começou a amar.

— Ele se foi.

Ela olhou para o homem. Ele parecia ser um dos maiores homens que já viu. Ele parecia tão assustador que enviou um arrepio por sua espinha.

— O que você quer dizer com ele se foi? — Ela perguntou, tentando segurar as lágrimas. Ele a abandonou? Era agora mercadoria estragada?

Não parecia estar em um hospital normal, mesmo com todas as máquinas. O homem ao lado dela era um estranho, Xavier não estava em nenhum lugar à vista, tudo era demais.

— Você precisa se acalmar ou de outra forma terá um ataque cardíaco. — Boss agarrou seu braço, sentindo o pulso.

Isso não ajudou a acalmá-la e apenas serviu para deixá-la com mais medo.

— Por favor, eu quero ver Xavier.

— Isso não acontecerá. Para sua segurança e a do meu investimento.

— Investimento?

— Xavier é conhecido como *El Diablo*. Eu passei muito tempo tentando contratá-lo porque não se compromete. Ele tem um foco na vida, encontrar sua irmã. Posso trabalhar



com isso. Uso isso para minha vantagem. Eu tenho informações suficientes para mantê-lo trabalhando para mim.

— Você não pode segurar e esconder informações de sua irmã para ele. Isso não é justo.

Boss bufou.

— Por que as mulheres precisam ser tão hormonais? Eu farei o que quiser. Ele era destemido, cumpria as ordens e executava com uma eficiência que me impressionou. Então claro, você apareceu, não é? Mexeu com a porra da sua cabeça e arriscou a nossa missão. Você se lançou de cabeça e quase se matou.

Ela olhou para o monstro ao lado dela. Como Xavier poderia trabalhar para ele?

— Eu quero ir até ele.

— Eu sou muitas coisas, Alesha, mas não sou um homem que confia facilmente. Gostaria de ficar de olho em você enquanto se recupera. — Boss conferiu seu relógio.

— Está sentindo dor?

Ela não falaria com ele.

Olhando para frente, tentou pensar em como sair dali.

— Você quer ser teimosa? Isso é bom. Eu lidei com muitas mulheres em pior estado do que você. Pegarei uma xícara de café. Nem pense em fugir. Não irá muito longe e não gosto que testem a minha paciência.



Boss levantou-se e no segundo seguinte, ela estava sozinha. Exalou, seu corpo caindo. O único som era o da máquina.

Ela limpou as lágrimas, achando-as inúteis. A única pessoa que queria era Xavier.

Sentando-se na cama, começou a puxar os fios que estavam ligados a ela. Gritou enquanto tirava a agulha que estava presa em sua mão.

Não gostava de sentir dor, mas preferia lidar com isso a permitir-se ceder àquele bastardo. Deixando de lado o cobertor que a cobria, amaldiçoou. Usava uma bata de hospital e dando uma olhada rápida viu que era aberta nas costas. Não estava usando roupa íntima também.

Escapar era sua única solução. Colocando os pés sobre a beirada da cama, se levantou e gritou com a dor. Sua coxa estava enfaixada e quando levantou o vestido, viu que havia também uma bandagem em seu abdômen. A dor era intensa.

— Esta é realmente uma má ideia. — Disse ela.

Ela foi baleada na coxa. Alesha lembrou o pânico na voz de Xavier enquanto ele gritava que foi atingida. Ela também levou uma bala no estômago. Isso foi muito diferente do almoço no iate. Deveria ter se importado com seus próprios negócios e deixado Xavier fazer o que ele queria.

— Ótimo, Alesha. Você sabe mesmo como estragar as coisas. — Ela foi até a doca para tentar ajudar Xavier, mas acabou piorando tudo.



Ela não se sentaria e permitiria que seus ferimentos a mantivessem presa. Usando a cama como apoio, deu um passo, tentando conter seus gemidos. Quando chegou à beirada da cama, não havia nada para segurar.

Alesha deu outro passo, mas sua perna não aguentou a dor e ela caiu no chão. Sentiu-se tonta e manteve a cabeça no chão, esperando que o chão frio a ajudasse a se concentrar.

Ela respirou fundo várias vezes. Dentro e fora.

— Vamos, Alesha, você pode fazer isso.

E de olhos fechados, ela começou a mover o corpo em direção à porta, rastejando, determinada a vencer. Arrastando-se ao longo do chão, a dor ficou mais intensa, mas continuou. No instante em que chegou lá, se ajoelhou e abriu a porta. A porta se abriu e ela caiu.

— Você precisa continuar.

Ela se arrastou pelo chão, consciente da dor. Quando olhou para a coxa, viu o curativo coberto de sangue.

Os pontos que tinha em seu abdômen também estavam sangrando. Colocando a mão no estômago, tentou pensar no que fazer. Não havia como voltar atrás, apenas seguir em frente.

Arrastando-se pelo chão um pouco mais, precisou descansar.

— Xavier. — Ela gemeu seu nome, esperando ser capaz de fazê-lo aparecer apenas chamando seu nome.

Não funcionou.



— Merda! Que porra você está fazendo? — Boss estava de volta e ela olhou para cima. Ele colocou o café em uma bandeja e se abaixou.

— Xavier! — Ela gritou o nome do homem que amava. Talvez ele estivesse por perto e a ouvisse.

Boss era o último homem que queria, mas ele a pegou em seus braços como se não pesasse nada.

— As mulheres serão a minha morte. Que porra há com você? Xavier colocou toda minha missão em perigo falando com você. Odeie-me o quanto quiser, querida, mas não tenho certeza do que fazer com nenhum de vocês neste momento.

— Ele não me queria envolvida. A culpa é minha, não dele.

Ele a colocou tão gentilmente na cama que a assustou. Ela não esperava que estivesse tão preocupado.

— Traga a enfermeira de volta para cá. Ela tentou escapar. — Disse Boss, rosnando para o celular.

Ele balançou a cabeça antes de se afastar da cama.

A enfermeira não demorou muito. Aparentemente, Alesha arrebentou alguns de seus pontos. Ela odiava que Boss a visse em uma posição tão vulnerável.

— Você precisa descansar! — A enfermeira a olhou.

— Eu estou farta de seus pacientes, Boss. Eles me deixam louca!

— Você recebe bem para fazer o que lhe é dito. Foda-se. — Disse Boss.



— Custa muito ser legal com as pessoas? — Alesha perguntou.

— Não. Você é legal com as pessoas e elas o fodem. Simples assim.

— Então, você não é legal com ninguém?

— Eu lhes pago bem pelos trabalhos que quero. O que mais as pessoas precisam? — Perguntou Boss. Ele empurrou um carrinho com uma bandeja para frente e levou até ela para que pudesse comer.

— Coma.

— Por que você não pode deixar Xavier vir aqui? Eu não entendo.

— Eu estou irritado com ele e agora quero matá-lo. E se ele vier aqui, acabarei atirando em sua cabeça.

Ela pegou a colher e olhou para Boss. Ele tomou um gole de café e ela não pode acreditar que estava o ouvindo ameaçar o homem que amava.

— Por que você não fugiu? — Perguntou Boss.

— Eu tentei.

— Não, quando você descobriu a verdade. Sabe que há muitos homens e mulheres por aí que pagariam uma fortuna pela localização de Xavier? Ele foi descoberto. Você poderia estar agora em uma ilha particular, aproveitando a riqueza.

Ela encolheu os ombros.



— Não passou sequer pela minha cabeça. Além disso, Xavier me pagou para cuidar de sua casa. E como sua casa era parte dele, então cuidei dele também. Eu não sou uma traidora. Sou leal.

— Sim, por sua conta e risco.

— Você sabe onde está sua irmã? — Ela perguntou.

Boss olhou para ela.

— Sim.

— Um bom homem diria a ele onde encontrá-la.

— Eu tenho uma novidade para você, princesa, eu não sou um bom homem.

Ela revirou os olhos.

— Você está sentado comigo, uma mulher que não conhece, para garantir que seja cuidada. Acho que há mais para você do que o idiota que tenta mostrar ao mundo.

— Então agora você acha que *entende* o chefe de seu chefe.

Ela não pode deixar de sorrir. A enfermeira colocou de volta todas as agulhas que monitoravam seu corpo.

— Isso é tão estranho. — Disse Alesha.

O silêncio caiu entre eles. Ela comeu um pouco de sopa, achando-a um pouco aguada.

— Xavier não está pronto para saber as informações que tenho. Quando estiver, me certificarei que saiba o que eu sei.

Ela se virou para Boss. Ele a olhou de forma intensa.



Ela assentiu.

Ele podia não acreditar, mas tinha um coração,
simplesmente o escondia bem.





CAPÍTULO

ONZE

Seis semanas depois

Uma batida na porta ecoou nas primeiras horas da manhã. Xavier se levantou da cama e checkou o relógio. Eram duas da tarde.

A sua cabeça doía. As noites mal dormidas estavam chegando a ele. Vestiu um short pegou uma arma da cômoda e foi atender a porta da frente.

Era Viper, o último filho da puta que queria ver. Talvez o segundo último.

— O que você quer?

— Boss quer vê-lo. — Disse ele.

— E eu devo me importar? Não sou um cachorro para quem pode ligar quando quer alguma coisa. Lembre-se, foi ele quem me cortou, então sou um agente livre.

— Funciona para mim. Direi a ele que você se recusou.

— Viper se virou para sair.

— Espere. — Xavier engoliu seu orgulho e respirou fundo.

— Por que ele quer me ver?



— Não perguntei.

— Ele me deixará ver Alesha? — Já fazia mais de um mês desde o dia em que ela foi baleada. Ele conseguiu algumas informações logo após o incidente, ameaçando um dos funcionários quando saiu do trabalho. Os ferimentos de Alesha foram superficiais, um tiro limpo na coxa e uma bala de raspão no estômago. Saber que a vida dela não estava em perigo foi a única coisa que o manteve são todo esse tempo.

— Como eu disse...

— Certo. Dê-me um minuto para vestir roupas.

Viper entrou e fechou a porta atrás dele, vagando pela ampla sala de entrada.

— Lugar legal.

— Sim. — Nada material importava sem Alesha. Ele estava completamente apaixonado por ela. Xavier vestiu uma calça e pegou uma camisa do armário. Depois de se vestir, voltou para sala.

— Para onde iremos?

— Você conversará com Boss. Isso é tudo que precisa saber.

Xavier ajustou o coldre da arma e colocou a jaqueta. O outro homem observou-o atentamente.

— Por que você me odeia tanto?

A mandíbula de Viper flexionou.



— Você é uma bomba relógio. Fodeu conosco na última missão. Conheço sua história. Se não posso confiar em você, não é um amigo, certo?

— Apenas estava tentando fazer a coisa certa. Não sou o mesmo homem de antes ou pelo menos estava tentando mudar, construir uma nova vida. Você não aceitará. Nenhum de vocês me dará uma chance.

Viper balançou a cabeça.

— *Killer of Kings* é a nossa vida. Não para você, no entanto. Está aqui apenas porque quer informações de Boss. Isso não é reconfortante para os homens com quem deveria trabalhar. Você não tem uma segunda chance quando se trata de vida ou morte. É uma viagem apenas de ida se não proteger as nossas costas.

— Foi mais do que apenas obter informações muito antes do meu treinamento terminar. Pela primeira vez na minha vida senti como se pertencesse a algo, que encontrei o meu lugar. Acho que estava errado.

— Vamos.

Ele seguiu Viper até o carro e entrou no lado do passageiro. Chegaram à estrada e em poucos minutos o celular de Viper tocou. Depois de atender, ele entregou-o a Xavier.

— Ainda impaciente? — Perguntou Boss.

— Não.

— Bem. O tempo cura todas as feridas, verdade?



— O que você quer? Já fez seis semanas e nem uma palavra.

Xavier estava fazendo contratos como agente independente, tentando se manter ocupado para não ficar obcecado com Alesha. Era apenas uma questão de tempo antes de a recuperar e sabia disso. Nunca desistiria até que a tivesse de volta. Boss não podia escondê-la para sempre.

— Você não é um homem comum, não é mesmo? Senti que precisava de um tempo extra para esfriar a cabeça e pensar nas suas ações. E talvez no que quer da vida.

— Eu quero Alesha. Nada mudou.

— Achei que diria isso, então tenho uma oferta para você.

Ele não gostava do som disso. As ofertas de Boss não foram muito boas para ele. Ainda não tinha sua irmã e já estava com os *Killer of Kings* há quase um ano.

— O que você quer?

— Estou me sentindo generoso hoje, então você tem uma escolha. Eu entrego Alesha para você, mas continua trabalhando para o *Killer of Kings*.

— Eu pensei que tivesse terminado comigo. Mandou-me embora.

— Você precisava esfriar a cabeça. Quer mais tempo?

Xavier respirou, controlando as suas emoções.

— Não.



— Bem. Então, posso liberar a Alesha e você continua trabalhando para...

— Tudo bem, eu farei isso. — Disse Xavier.

— Trabalharei para você. Seguirei todas suas ordens.

— Eu ainda não terminei. — Disse Boss.

— Você aceita o que lhe estou oferecendo *ou* obtém a localização de sua irmã.

— O que você quer dizer? Está me fazendo escolher? — Ele estava gritando, mas não se importava neste momento.

— Eu deveria ter informações sobre Graciella depois de concordar em trabalhar para você desde a primeira vez.

— Eu lhe dei algumas informações.

— Um pseudônimo? Um ponto de partida? Que bem isso me fez?

— Eu poderia tê-la encontrado com essa informação. Faça sua escolha, *El Diablo*. Não tenho o dia todo.

Desde que ele tinha dez anos de idade, jurou encontrar a irmã da qual se separou. Sua vida inteira, ela esteve sempre em sua mente. Como adulto, usou inúmeros recursos para encontrá-la. Sua irmã se tornou uma obsessão.

Agora estava sendo forçado a tomar uma decisão impossível. Boss era um bastardo.

— Você se diverte com essa merda? Deixa o seu pau duro, me irritar?



— Isso não me preocupa, você deveria beijar minha bunda por oferecer-lhe qualquer coisa. Este é seu passe livre para sair da prisão, então calaria a boca e o pegaria antes que acabe.

Xavier não precisou pensar sobre isso.

— Ficarei com Alesha. Apenas faça acontecer.

Houve silêncio na linha.

— Interessante.

— Onde ela está?

— Você continuará trabalhando para o *Killer of Kings*?

— Já superamos todos os detalhes. — Disse Xavier.

— Você a manteve longe de mim por quase dois meses e não quero esperar mais um dia.

— Coloque Viper na linha.

Ele jogou o telefone de volta para o motorista e passou as duas mãos pelos cabelos. Ele não o prendeu hoje, divagou. Boss esperava que ele escolhesse sua irmã? Estava desapontado por voltar a trabalhar com ele? Não tinha certeza qual era o jogo que Boss estava jogando, mas não queria fazer parte disso. Aquele homem estava fodendo com sua vida e com tudo o que era importante para ele, isso não fazia sentido.

— Estaremos lá as dez. — Disse Viper a Xavier depois de guardar o telefone.



Xavier observou o cenário que passava pela janela do passageiro, meio atordoadado.

— Eu pensei que quisesse encontrar sua irmã. Foi assim que Boss conseguiu que fosse trabalhar para ele desde o começo, não é?

Ele assentiu.

— Então, por que não pegar as informações? Apenas ficou com sua empregada por algumas semanas. Não faz sentido para mim.

— *Eu não fiquei com ela.* — Disse ele.

— Quanto tempo demorou até você saber que sua mulher era a única?

Viper sorriu, mantendo os olhos na estrada.

— Eu fui contratado para matá-la. Não saiu como planejado.

— Então, quanto tempo?

— Algumas semanas, eu acho. Talvez menos.

— Exatamente o meu ponto. — Disse Xavier.

— Eu procuro por minha irmã toda minha vida. Ela é minha família, a única parte do meu passado que quero manter. Mas sacrificarei tudo por Alesha. Apenas o fiz. Você deveria saber como é.

Viper bateu no volante com um dedo.

— Eu nunca imaginei você como um homem que se importasse. Não achei que tivesse um osso fiel em seu corpo.



— Bem, aí está você. Eu fui rotulado como demônio a maior parte da minha vida porque não tive outra escolha. Era a sobrevivência do mais apto.

— Sim, a minha infância foi basicamente mais do que os pesadelos são feitos. Parece ser um assunto em comum entre os homens de Boss.

Xavier encolheu os ombros.

— Bem, quando um homem cresce nos subúrbios com uma colher de prata em sua boca, transforma-se em um colarinho branco, não mata para viver.

— Bom ponto.

A tensão entre eles diminuiu. Parece que escolher Alesha no lugar de saber informações lhe rendeu pontos com o *Killer of Kings*.

Eles chegaram um pouco mais tarde na frente de um hotel elegante. Boss provavelmente o possuía. Ele controlava metade da maldita cidade. Antes que Xavier pudesse sair do carro, a porta giratória mostrou Alesha. Ela estava ali parada em um vestido azul-marinho, com o cabelo solto na brisa leve.

Ele saiu do carro, mas parou abruptamente na calçada, preocupado se ela queria vê-lo. Talvez o odiasse por envolvê-la em sua loucura. Talvez Boss tivesse feito uma lavagem cerebral nela.

Ambos estavam congelados no tempo, encarando um ao outro. Ela estava linda, o sol destacando seus olhos azuis.



Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu, então ela correu. Correu em direção a ele. Assim que entrou em seus braços, ele segurou o braço dela, girando-a brevemente. Segurou-a com força, com alívio por não o ter rejeitado e a calma o invadiu. Ele a tinha de volta.

— Xavier. — Ela o beijou em todo o rosto, eram pequenos beijos.

— Bebê, eu nunca a deixaria ir.

— Senti sua falta. — Disse ela, inclinando-se para olhá-lo.

Ele a colocou de pé.

— Como você está se sentindo?

— Estou bem. Eu precisava de você.

— Boss me manteve longe. Queria estar aqui, eu juro.

Ela passou as mãos pelo peito dele.

— Eu sei. Podemos sair daqui?

Ele olhou para Viper e o assassino assentiu.

— Sim, vamos sair daqui.

Isso era perfeito, um novo começo. Mas Xavier não conseguia deixar de sentir a sensação de que estava perdendo algo crucial. Boss era complicado e retorcido. Xavier não gostava de como isso foi fácil, mesmo que Boss continuasse retendo informações sobre sua irmã. Tudo o que sabia era que ele não podia cometer erros. Qualquer outra falha e na



próxima vez Boss poderia manter Alesha longe dele para sempre.

Eles se sentaram juntos no banco de trás do carro de Viper. Ele passou a mão pelo cabelo dela, ainda em choque.

— Eles a machucaram?

Ela balançou a cabeça.

Ele puxou a barra de seu vestido para ver sua coxa. Os pontos estavam se curando bem. Passou os dedos levemente sobre a cicatriz.

— Eu sinto muito, Alesha.

— Foi minha escolha. Você não queria me envolver, então não se culpe. — Disse ela.

— Além disso, os médicos disseram que eu ficaria como nova em pouco tempo. Ainda manco um pouco, mas acho que é mais o hábito neste momento.

— Eu fodi tudo. Você é minha para proteger.

A culpa não o deixava. Ele esperava que ela ficasse em casa, não que o seguisse e ficasse em perigo.

Xavier notou que não estavam indo na direção de sua casa. Sentou-se mais ereto, olhando para os dois lados.

— O que há de errado? — Ela perguntou.

— Viper, você esqueceu onde eu moro?

— Apenas fazendo o meu trabalho. Nada pessoal.

Seus cabelos se arrepiaram.



— Onde estamos indo? — Ele colocou a mão no cabo de sua Glock dentro da jaqueta.

— Boss tem uma tarefa para você. Para vocês dois, na verdade.

— Não. Ela acabou de sair do maldito hospital. Boss perdeu a cabeça?

— Era um hotel. Um dos melhores. Não um hospital. — Viper jogou um envelope no banco de trás. Xavier abriu e começou a folhear o conteúdo.

— Eu não estou preparado para isso. — Disse ele.

Viper parecia imperturbável.

— Bem, se trabalha para o *Killer of Kings*, você sempre precisa estar preparado. Desde que estive em férias, o restante de nós limpou a maior parte da rede de tráfico humano. Restam apenas três pessoas. Boss quer que você termine pessoalmente.

Ele queria vê-los todos mortos. Eliminar a célula completa significava que Alesha estaria mais segura e fora do radar.

— É muito perigoso para Alesha. Eu lidarei com isso. Leve-a para casa.

— Sinto muito, amigo. Boss foi muito explícito. Além disso, é um clube privado de alto nível. Você ficará bem. — Disse Viper.

— Os convites estão no envelope, juntamente com os alvos.



— Existem apenas duas fotos. Quem é o terceiro?

— Boss dará a Alesha o terceiro homem em trinta minutos. Há um celular no banheiro feminino que ela precisa pegar. É a apólice de seguro de Boss para garantir que você siga as ordens.

Ele amaldiçoou em voz baixa, mas manteve seus comentários para si mesmo. Boss queria lealdade. Queria garantir que Xavier não recusasse, independentemente de Alesha. Ele faria seu papel, mas não colocaria a missão acima de Alesha por ninguém.

Ela apertou sua coxa, segurando-o. Ele se virou para olhar para ela.

— Ficaré tudo bem, Xavier. Eu não estou com medo.

Ele sorriu.

— Claro, que você não está. — Xavier se inclinou e roçou os lábios nos dela. Em poucos segundos o beijo se aprofundou, e ele se aproximou, precisando de mais.

Viper limpou a garganta.

— Ei eu estou aqui. Boa sorte. Há uma bolsa no portamalas para você.

— Ficaré à espera?

Viper mudou de posição depois de estacionar.

— Chains está de prontidão. Mande para ele uma mensagem quando terminar. Tenho que ajudar Pepper a preparar a festa de aniversário do nosso filho amanhã.



Soava meio louco, misturar a vida de um assassino com os compromissos familiares, mas era exatamente o que Xavier esperava alcançar com Alesha. Esta era sua própria versão distorcida da realidade no *Killer of Kings*.

Ele ajudou Alesha a sair do carro, pegou a mochila do porta-malas e juntos caminharam para o clube privado. Ele esperava que este fosse o último teste a que Boss o sujeitava.



A ausência fez o amor crescer ainda mais no seu coração. Assim que Alesha viu Xavier, tudo em seu mundo parecia certo. Ela se sentiu como Rapunzel, trancada em uma torre, esperando por seu cavaleiro salvá-la. Boss sequer a deixou ligar para ele. Ele era um enigma.

Alesha sentiu uma escuridão dentro de Boss. Algo perigoso e desumano. Ele também era inteligente, sempre um passo à frente de todos. Uma combinação letal. Disse a ela que estava mantendo-a longe para o bem de Xavier, para todos no *Killer of Kings*. Não fazia sentido. Continuou dizendo que um grande dia estava chegando. Ela pensou que estivesse falando sobre ela se reunir com Xavier, mas era algo maior e isso a assustava.

No começo, pensou que Boss odiasse Xavier, mas logo descobriu que ele o respeitava e o via como um prêmio, algum tipo de troféu para sua organização. Ele parecia colecionar os piores entre os piores oferecendo mais. Apenas



um monstro poderia controlar um grupo desses. Ele precisava ser o pior.

— Eu não quero você envolvida, Alesha. Fique perto da porta enquanto observo o lugar. — Disse Xavier, segurando-a enquanto se aproximavam da porta da frente.

— Você ouviu o que Viper disse. Preciso pegar o telefone no banheiro feminino. Ele espera que atenda. Eu não estragarei tudo para nós.

Ele fez uma careta, mas abriu a porta para ela entrar. Ela estava esperando um clube de golfe, mas este lugar estava muito acima do seu nível de pagamento. Parecia ser um clube social para todo o dinheiro antigo da cidade. Sentia-se completamente fora de seu elemento.

Xavier entrou como se fosse o dono do lugar.

Ele ficou de pé, observando a sala, procurando por seus alvos. Ela se sentia segura ao lado dele. Esperava que não fosse baleada hoje. Sua recuperação não foi divertida, mas sempre lidou bem com a dor.

Um empregado vestido de terno se aproximou deles. Xavier nem falou, apenas entregou-lhe os convites.

— É um prazer tê-lo conosco, Sr. e Sra. Moreno. Por favor, aproveitem a estadia.

Assim que o homem se afastou, uma mulher ocupou o seu lugar, segurando uma bandeja de taças de champanhe. Xavier balançou a cabeça e ela saiu.



— Como se sente ao ser chamada de Sra. Moreno? —
Perguntou ele.

Ele não tinha ideia. Ela daria tudo para pertencer a ele.

— É bom.

Eles entrelaçaram os braços e andaram pelo clube. Havia alguns casais, mas principalmente grupos de homens com muito dinheiro nas mesas com mulheres seminuas penduradas neles. Percebeu rapidamente que esse não era um lugar para a elite de colarinho branco, mas para o submundo do crime.

— Eu vejo um deles. — Ele sussurrou, sem olhá-la. Ela seguiu seu olhar e reconheceu o homem daquele dia nas docas. Era o único fumando um charuto no sofá.

— Ele me reconhecerá. — Disse ela. Sua frequência cardíaca já estava aumentando e eles acabaram de chegar.

— Por que você não olha no banheiro feminino, querida? — Ele disse em voz alta, apontando para porta de um corredor estreito.

Ela assentiu com a cabeça, feliz por fugir para acalmar seus nervos. O celular deveria estar escondido, colado sob o balcão. Quando entrou no banheiro, havia outras mulheres lá dentro, então fingiu usar o banheiro. Uma vez que estava livre, saiu do cubículo e o sentiu sobre as pias. Doeu quando se agachou, mas conseguiu, agarrando o telefone quando começou a tocar.



O seu coração acelerou mais, mas ela rapidamente se recuperou e o colocou em seu ouvido.

— Olá. — Ela sussurrou.

— Você pode falar normalmente, Alesha. As pessoas usam o telefone no banheiro o tempo todo.

— Sinto muito.

— Direi duas palavras. Você entenderá quando chegar a hora. Não diga nada até então. — Disse Boss.

— Até quando? O que está acontecendo aqui?

— Eu gosto que as coisas aconteçam naturalmente. Com uma pequena ajuda, claro. As pessoas não aprendem a menos que experimentem as coisas em primeira mão. Quando meus homens pensam que os estou destruindo, apenas estou ensinando uma lição ou abrindo os olhos para algo que não conseguiriam ver por si mesmos.

— Você não está fazendo nenhum sentido.

— Viúva negra. Essas são suas palavras. Agora vá e se misture. Ouvi dizer que você é uma boa atriz.

Foda-se.

Quando ela saiu do banheiro, a porta do banheiro masculino do outro lado do corredor se fechou, fazendo-a pular. Houve mais barulho, mas continuou pelo corredor. Foi em busca de Xavier, não o encontrando onde o deixou. Em poucos segundos, seus braços a envolveram pela cintura por trás. Ele beijou seu pescoço, lembrando-a como era um bom



amante. Fazia dois longos meses e apenas queria ficar sozinha com ele. Sem mais dramas.

— Onde você estava?

— Apenas usando o banheiro.

Ela se virou em seus braços.

— O homem que vimos?

— Já foi resolvido. Um já foi, faltam dois. Você recebeu a ligação?

Ela assentiu. Porra, ele trabalhava rápido. Suas habilidades a excitaram, seu corpo já vibrando. Ele a levou para um canto sossegado, depois levantou a barra do vestido.

— O que você está fazendo?

Ele a calou com um beijo profundo e apaixonado. Ela fechou os olhos e absorveu seu perfume masculino. Uma mão apertou sua bunda, enquanto a outra serpenteava sob o vestido e na frente de sua calcinha. Antes que pudesse protestar novamente, ele colocou dois dedos em sua boceta. Ela ofegou, agarrando seus ombros para evitar desmoronar.

Algumas pessoas caminhavam pelo corredor atrás deles, mas ninguém parecia se importar com o que estavam fazendo. Ser tão atrevida em público era estranhamente excitante. Seu clitóris pulsava, o calor saindo de seu corpo.

Xavier a fodeu com o dedo enquanto deixava beijos em seu pescoço.

— Você sentiu a minha falta, bebê?



— Oh Deus. — Ela ofegou, desejando seu pau.

— Você está atuando, Xavier?

— Nunca com você. — Ele beijou sua testa e se afastou.

— Hoje à noite, mostrarei uma coisa nova. — Ele piscou e seu coração acelerou. Ela queria que ele transasse com ela ali mesmo contra a parede. Isso era o quanto a tirava da realidade com apenas um beijo.

Eles caminharam ao redor, fingindo se misturar, seu corpo ainda excitado. Uma banda tocava ao vivo na sala ao lado, uma mistura de violino, harpa e piano. Alguns casais dançavam nas proximidades.

Xavier a segurou ao seu lado enquanto apreciavam a música. Quase parecia um encontro, menos o homem morto no banheiro e o outro alvo em seu radar.

Então Alesha a viu. Seu coração parou por um momento. Ela apertou a mão de Xavier. Deve ser ela, o terceiro assassino, aquele que Boss lhe falou no telefone.

— O que há de errado? — Perguntou Xavier.

Sua boca parecia algodão e demorou um pouco para que as palavras saíssem.

— É ela. — Disse Alesha.

— A viúva negra.

Era a linda mulher do iate. Aquela que a salvou de Dixon. Não fazia o menor sentido.



O corpo inteiro de Xavier ficou tenso e ele olhou para a mulher vestida de vermelho na pista de dança. Então Alesha notou que o homem com quem ela dançava era o segundo alvo. Pareciam ser um casal.

Xavier deu um passo atrás e quando ela olhou para sua expressão, havia algo confuso em seu olhar. Ele a lembrava de uma criança perdida e confusa. Ela tocou seu peito, desesperada para curá-lo.

— Você não precisa fazer isso agora. — Ela tentou o consolar.

— Bem, se for demais para você

— Você não entende. — Disse ele.

— A viúva negra é a minha irmã.





CAPÍTULO

DOZE

A viúva negra levou o homem para fora da pista de dança. Não havia como Xavier a deixar fora de vista. Não agora. Não depois de todo esse tempo. Mantendo a mão de Alesha na dele, se moveu através da multidão de pessoas mantendo-a em sua linha de visão.

— Eu não acho que deveríamos segui-los.

— Eu não a deixarei ir embora. — Ele manteve a mão em sua arma, Alesha em suas costas e pronto para assumir qualquer coisa.

Ele sorriu ao passar pelas pessoas, sempre fazendo seu papel. No tempo em que esteve longe, aprendeu que havia regras a seguir com o *Killer of Kings*. As vidas estavam sempre em risco, precisa se preparar se necessário fosse enfrentar todo o mundo.

— Esta não é uma boa ideia, Xavier.

— Eu não dou a mínima para o que é. Boss fez isso de propósito. Ele me deu uma escolha. Você ou ela. Não o deixarei machucá-la. —Conhecendo Boss, ele já assinou sua certidão de óbito.



— Boss não é de todo ruim, você sabe. Ele não o machuca apenas pelo prazer disso.

— Você é uma psicóloga agora? — Xavier perguntou.

— Está sendo uma dor na bunda de propósito agora? Acalme-se, Xavier.

Ele não iria se acalmar. Essa era sua irmã. Ela foi um fantasma por trinta anos. Não podia simplesmente se afastar.

Eles entraram num corredor afastado. Ninguém estava por perto.

E de repente, ele ouviu um baque.

Todos seus sentidos ficaram em alerta máximo. Ele fez Alesha segurar sua jaqueta enquanto se dirigia para a porta, abrindo-a, levantou sua arma e olhou nos olhos de sua irmã.

Por uma fração de segundos ele foi transportado de volta para o dia em que ela foi puxada de seus braços. Seus gritos pedindo ajuda enchendo o ar. O completo fracasso que sentiu em saber que não lutou forte o suficiente. Era apenas um menino.

Mas os olhos nos quais olhava agora não estavam mais cheios de medo. Ela segurava um garrote. O homem, um dos seus alvos, tinha-o envolvido no pescoço e o sufocava até a morte. Ela nem parecia fazer muito esforço para tirar a vida dele. Segundos se passaram e a viúva negra sorriu para ele. *Graciella Moreno.*

— Olá meu irmão. Há quanto tempo.



O homem nos braços dela desmoronou. Ela o deixou ir. Ele caiu no chão morto.

— Graciella.

Ela franziu o nariz.

— Faz muito tempo desde que fui chamada por esse nome. Chamam-me a *viúva negra*, se as pessoas viverem tempo suficiente para dizer isso, Xavier.

— Estive procurando por você todo esse tempo.

— Não o suficiente. Estou aqui há muito tempo. O bastante para ver os erros que você está cometendo.

— Que porra aconteceu com você?

— Muitas coisas. Coisas das quais eu não falo. Nós não podemos conversar aqui. Esta é uma zona quente e quero viver. Eu sei que Boss o trouxe aqui e tudo mais, mas isso é a minha morte. Ele é um bastardo intrometido. E se acha por um segundo, que farei o que ele quer, pode pensar em outra coisa. — Antes que ele pudesse reagir, Graciella passou por ele.

Não havia como não a seguir.

— Nem pense em se livrar de mim. — Disse Alesha.

— Nós estivemos separados por muito tempo. Além disso, gostaria muito de conhecer sua irmã antes que ela o mate.

— Ela não me matará.



— Eu odeio dizer isso para você, Xavier, mas ela parece irritada.

Ignorando Alesha, ele segurou a mão dela e seguiu Graciella para fora do prédio. Ela matou o outro assassino sem que ninguém percebesse. O corpo caiu no canto, parecendo ter bebido demais.

Sua irmã era uma assassina. Não era de admirar que Boss não teve problemas em segui-la. Ela se encaixaria bem no *Killer of Kings*.

— Vou encontrá-lo em sua casa. — Disse Graciella.

— Podemos nos encontrar em um café. — Ele não queria que ela se fosse. Esta era a primeira vez que via sua irmã em anos. Ela era uma mulher agora, forte, nada como ele se lembrava.

— Não é seguro. Eu preciso me trocar e agora, preciso me misturar. Estarei na sua casa às cinco horas. — Graciella virou-se para ir embora.

— Não. — Disse ele.

— Não vá.

Graciella suspirou.

— Eu não tenho tempo para toda essa carência, Xavier. Entenda. Estou viva há muito tempo. Acredite em mim, sei como cuidar de mim mesma. Não preciso do meu irmão tentando fazer isso. Eu o encontrarei em sua casa.



Ele a observou ir. Alesha ainda estava ao seu lado. A missão terminou. Seu mundo estava certo e mais uma vez uma porra de confusão.

— Xavier?

— Vamos, vamos levá-la para casa antes que Boss decida mudar de ideia. — Ele não se esqueceu do filho da puta e o faria pagar de alguma forma.

Ela não discutiu com ele enquanto a ajudava a entrar no carro.

Nenhum dos dois falou durante o caminho de volta para sua casa. Uma vez lá dentro, trancou todas as portas e o seu celular tocou.

O identificador não identificou o número do telefone, mas atendeu assim mesmo. Alesha foi para a cozinha e ele a seguiu.

— Olá. — Ele disse.

— Por que você parece tão miserável? Eu dou o que você quer e ainda está irritado? — Boss perguntou.

— Você sabia que Graciella estaria lá.

— Claro. Eu não poderia exatamente dar tudo de uma vez. Queria ver o quanto você se importava com sua mulher. Os outros homens precisavam ver que você é fiel. Pergunte a Alesha se ela está sentindo a minha falta.

— Ela não está.

— Você não perguntou a ela. Eu sou um homem decente assim que me conhece.



— Eu não tenho intenção alguma de conhecê-lo. Que porra você quer? — Ele perguntou.

Boss respondeu.

— Estou vendo que a viúva negra não foi muito amável.

— Você sabia quem ela era todo esse tempo?

— Claro. Nada passa por mim, já lhe tinha dado todas as informações para encontrá-la. A pura verdade, Xavier, é que você estava com muito medo.

— Foda-se você.

Alesha colocou as mãos nos ombros dele, oferecendo-lhe o conforto e o apoio que precisava. Agora, sua mente estava em todo lugar.

Boss riu.

— Admita Xavier. Ela não precisa de você. Nunca precisará de você. De vocês dois, ela é a assassina mais mortal. Espero que goste do que descobriu. — Com isso, Boss desligou.

Jogando o telefone de lado, Xavier viu quando ele bateu na parede se despedaçando.

— Você está bem?

— Aquela era minha irmã, Alesha. Eu não a vejo há tanto tempo. Ela era inocente, uma garotinha aterrorizada e eu falhei com ela.

— Você não falhou comigo. — Disse Graciella, inclinando-se no canto da porta.



Xavier ficou em alerta.

Ela se trocou, o cabelo preso em um longo rabo de cavalo, os óculos de sol sobre a cabeça. Havia um sorriso em seus lábios. Ela usava uma jaqueta de couro, calça justa e uma camisa branca.

Ela entrou na cozinha, sentando-se.

— Eu posso imaginar você vivendo em um lugar como esse. É legal. Apenas o que meu irmão iria querer.

— Você não me conhece.

— Conheço. Eu sei tudo sobre Xavier e *El Diablo*. Mantive um olho em você ao longo dos anos. Teve muito sucesso.

— O que aconteceu com você?

Graciella sorriu, mas não alcançou seus olhos.

— O que acontece com a maioria das meninas que são levadas? A pior coisa possível. Eu fui vendida no mercado negro. Acontece que muitos homens gostam da ideia de foder uma criança. Então você pode usar a imaginação. A história continua até eu ser jogada nas ruas da Inglaterra. O meu corpo era uma bagunça sangrenta. Minha vida arruinada. Minhas esperanças ruíram. Um homem me ajudou. Ele não estava interessado em meu corpo, mas gostava do meu espírito de luta. Disse que se trabalhasse para ele, todos que já me machucaram enfrentariam as consequências. — Ela levantou as mãos.



— Foi uma oferta que não pude resistir. Claro, ele tinha suas próprias razões para me querer por perto. Havia homens que queria que eu matasse. Ele não podia fazer isso sozinho. Forneceu todo o dinheiro que precisava. — O sorriso em seus lábios morreu.

— Claro, eu deveria saber que não terminaria com ele. Era um dos homens que ajudavam a vender meninos e meninas. Eu não podia deixá-lo viver.

— Essa não é a história completa. — Disse Xavier.

— Claro que não é. Você não tem a história completa. Tudo que precisa saber é que vivi uma vida no inferno e sobrevivi a isso. Isto é o que faço. Tenho mais mortes do que você. Não sou mais a doce irmãzinha. Ela morreu na mesma noite que foi usada. Eu não posso lhe dar o que você estava procurando.

— Mas você sabia que eu a estava procurando?

— Claro. — Graciella estendeu a mão e ele também.

— Eu sei que você esperava ser o vencedor nessa história. O herói. Eu não preciso de um herói. Sou uma lutadora. Cuido de todas as minhas batalhas e espero que um dia você possa ficar... feliz por mim.

Ele odiava isso.

— Eu te amo, Graciella. Sinto muito por ter falhado com você. Nenhuma dessas merdas deveria ter acontecido.

O sorriso estava de volta.

— Você não falhou comigo. — Ela olhou para Alesha.



— Cuide do meu irmão. Certifique-se de que ele seja amado e protegido.

— Sim.

— Bom.

— Espere, você não pode ir. — Disse Xavier. Esta reunião demorou décadas para acontecer. Ela passou por mais inferno do que ele poderia ter imaginado, queria desfazer todos os horrores.

— O mundo nunca dorme por mim. Eu preciso ir, senão acabarei como um dos minions de Boss. Aquele bastardo não irá parar enquanto não conseguir o que quer. Prefiro ficar um passo à frente e tirar os contratos debaixo do seu nariz.

— Você poderia se tornar parte do *Killer of Kings*.

Graciella fez uma careta.

— Eu odeio dizer isso, mas eles são um pouco mansos para mim. Além disso, trabalho sozinha. Nada neste mundo é fácil e não tenho tempo para me apegar. Nós falaremos novamente em breve.

Ele a observou se levantar. Ouviu seus saltos clicando no chão e não a seguiu. A Graciella que ele conhecia, não existia mais. Ele esperava que ela não fosse embora para sempre. *El Diablo* conseguira encontrar a paz e ela também.

Alesha colocou a cabeça em seu ombro.

— Ficaré tudo bem. Eu prometo. — Ela disse.

— Eu tenho você. Eu sei que ficarei bem.



Ela segurou o seu rosto e o fez virar para olhá-la.

— Eu senti tanto sua falta.

— Boss disse que você gostou da companhia dele.

Ela revirou os olhos.

— Ele acha que é um comediante. Acredite, nem está perto de ser engraçado. Apenas queria estar com você. Ficar aqui. Amá-lo. — Ela acariciou sua bochecha.

— Por favor, me diga que podemos ficar juntos agora. Sem mais segredos.

— Bem, você conheceu a minha família. É tudo que tenho para oferecer.

— Eu acho que a sua irmã gosta de mim.

— Ela se foi, Alesha. Ela realmente se foi. — O seu encontro rápido o atingiu como um golpe no estômago.

— Ela voltará.

— Como você sabe disso?

Alesha segurou-o contra o peito, os seios suaves tão convidativos.

— Porque ela se importa o suficiente para vir aqui e conversar. Se realmente não se importasse, ela não viria.

Ele puxou Alesha em seus braços, pressionando o rosto contra o pescoço dela. Esta era sua casa. Ela era sua mulher e a amava mais do que tudo.

— Eu nunca a deixarei ir.

— Bom, porque não quero ir a lugar nenhum.





Dois meses depois

— Não me deixe cair. Por favor, não me deixe cair. —
Alesha pediu, rindo enquanto Xavier a segurava um pouco mais contra seu corpo

Depois que tiveram o casamento mais brega em Vegas, com Boss, vários dos homens do *Killer of Kings*, assim como a presença de sua irmã, ele decidiu levá-la para o hotel. Entraram no elevador e ele se recusou a deixá-la ir.

Ela não conseguia parar de rir quando a apoiou contra a parede do elevador com seu corpo. Com os braços sobre o peito, ela apertou as mãos quando as portas do elevador se abriram e não teve escolha a não ser ir com ele enquanto caminhavam em direção ao seu quarto.

Boss a protegeu. A verdade é que ela *gostou* da companhia dele durante sua estadia prolongada. Embora não teve o desprazer de testemunhar o lado sombrio de que muitos falaram.

Ele era todo durão e com má atitude, mas o achava maravilhoso. Ele tinha um lado doce e tentava escondê-lo, mas falhava miseravelmente.

— Eu não a deixarei cair.

— Então, por que está demorando tanto com a chave?



A porta se abriu, mas Xavier ainda não terminou sua missão. Ela gemeu quando a levou para o quarto. Ele chutou a porta no caminho para dentro com ela ainda em seus braços, sentindo-se como uma criança e tão cheia de vida.

Ele se virou e de repente a deixou cair... a poucos centímetros do colchão.

Ela soltou um grito e começou a rir. — Está é a maneira estranha de carregar sua noiva.

— Nós não estamos em casa ainda. Eu tenho um novo plano para isso.

— Você tem?

— Sim.

Alesha observou-o quando começou a soltar a gravata. Mesmo quando a irritava, ela ainda achava que ele era um dos homens mais sexy que já viu.

— Você gosta do que vê?

— Muito. — Ela sorriu para ele.

— Levante-se. Tire suas roupas.

— Apenas assim? Fique nua? — Ela perguntou.

— Eu quero você completamente nua, porque nos próximos dois dias, sua bunda não verá nenhuma roupa.

Ele colocou as mãos nos joelhos dela, inclinou-se e beijou-a.

— Você promete?



— Bebê, você é minha esposa agora. Sra. Moreno, o amor da minha maldita vida. Eu não a deixarei ir, nunca. — Ele a beijou novamente antes de puxá-la.

— Agora, quero que você se dispa. Que me mostre seu corpo, porque beijarei cada centímetro dele e então a foderei de tantas maneiras diferentes, que você não será capaz de andar direito.

Ela se levantou e ficou de costas para ele, para que pudesse abrir o zíper. Ele o abriu e ela tirou o vestido. Era simples, mas impressionante, mais do que poderia ter sonhado para seu casamento. Virando-se, ficou na frente dele em sua lingerie branca, ouvindo o gemer.

— Você gosta do que vê? — Ela perguntou, repetindo a mesma pergunta que ele fez há alguns minutos.

Xavier tirou a calça, mostrando seu grande pau. A ponta já estava molhada com o seu pré-sêmen.

— O que você acha? — Ele correu a mão para cima e para baixo, indo da base até a raiz e de volta para baixo novamente.

— Você sabe o que eu quero?

Ela assentiu.

— Fique de joelhos, bebê.

Quando ela foi tirar a calcinha e o sutiã, Xavier a parou.

— Eu vou tirar tudo.

Ela ficou de joelhos e Xavier se aproximou, seu pau perto de sua boca. Olhando, ela abriu os lábios, envolveu os



dedos ao redor do seu comprimento e o saboreou. Sentiu o aroma almiscarado de seu pré-sêmen e logo passou a língua. Gemendo seu nome ao redor dele, ela o levou para o fundo de sua garganta. Ele a ensinou a melhor forma de fazer isso. O que ele gostava.

Ela segurou suas bolas com a mão livre, brincando com elas, provocando-as. Seu pau parecia inchar em sua boca e quando ela o chupou, ele rosnou.

— Nossa primeira vez esta noite não será comigo gozando nessa boca bonita. — Ele afastou seu pau, pegando-a. Seus dedos ainda estavam em seus cabelos enquanto a segurava no lugar, devorando os seus lábios.

Ele terminou o beijo enquanto a girava. A mão se moveu entre as coxas, tocando sua boceta. Ele puxou o tecido fino da calcinha, arrancando-a dela.

Sua mão estava novamente em seu sexo sem nada entre eles. Ela se contorceu para frente e para trás, desejando seu pau. Amava as mãos dele por toda parte, o cheiro de sua colônia e a aspereza de seu toque.

Ele deslizou um dedo por sua fenda, mergulhando dentro dela. Ela gritou seu nome. O nome de seu marido.

Xavier ainda não acabou quando a pressionou na cama. A ponta de seu pau pressionou sua entrada e deslizou dentro dela profundamente. Agarrando o lençol, ela tentou manter sua sanidade, mas Xavier a estava deixando louca. Seus dedos provocavam seu clitóris ao mesmo tempo em que



movia seu pau dentro dela. Ela se sentia tão cheia, tão completamente tomada por seu homem.

— Olhe para nós, bebê. Veja meu pau tão fundo dentro de você. Isso é uma visão maravilhosa. Tão bonita, porra.

Alesha virou a cabeça, do outro lado da cama, havia um enorme espelho. Ela viu os dois. A cena erótica a excitou. O corpo de Xavier era duro e não conseguia parar de olhar.

Xavier puxou o suficiente para que ela pudesse ver seu pau. Já estava molhado com sua excitação.

Ele empurrou novamente e ela ofegou. Ele era tão longo, sua ereção latejava.

— Eu não vou durar, porra. Não depois de ter esses lábios doces ao redor do meu pau. Porra, bebê, você é toda minha. Tudo que estou fodendo é meu. — Ele bateu dentro dela, acariciando sua boceta, levando-a ao limite. Ela ofegou, a pressão aumentando mais e mais, então explodiu. Seu nome saiu de seus lábios, como sempre acontecia.

Este homem.

Este assassino louco agora era dela.

Aos olhos da lei.

Aos olhos deles.

Ela era dele e ele era dela.

Xavier a seguiu em êxtase, seu pau inchando enquanto a fodia mais forte, indo ainda mais fundo enquanto jato após jato de porra derramava dentro dela.



Ele se inclinou sobre ela, seus lábios no pescoço enquanto chupava sua pele.

— Este é apenas o começo.

Ela ofegou quando ele saiu. No segundo seguinte, mesmo com o seu esperma escorrendo de sua boceta, a levou para o banheiro.

Ele ligou o chuveiro, a puxou para baixo da água fria. Ela soltou um grito e ele riu.

— Xavier, que merda?

— Estou protegendo minha mulher.

— Não por ficar com frio. — Ela limpou a água de seus olhos. Quando sua visão ficou clara, ela o viu sorrindo.

Embora este não fosse um sorriso qualquer. Era genuíno e cheio de amor. Era o tipo de sorriso que apenas o viu dar a ela.

— O que foi? — Ela perguntou.

— Eu nunca pensei que chegaria um dia em que eu seria tão feliz.

— Você está feliz?

— Sim, Alesha. — Ele segurou seu rosto.

— Você não tem ideia.

Ele não precisou inclinar a cabeça dela para trás enquanto já o olhava.



— Você me faz tão feliz. Vê-la hoje, sabendo que desistiu da ideia de um casamento doce e tradicional na igreja, fez algo comigo.

Três dias atrás, ela invadiu a casa, irritada com tudo. A igreja que escolheram para realizar seu casamento remarcou a data três vezes. As flores que queria eram um preço ridículo e a mulher recusou-se a fazer um bolo de limão para o casamento. As lojas de vestidos de noiva foram rudes com ela sobre seu tamanho. Então, é claro, foi difícil confirmar os convidados. Como Xavier lembrou, havia o risco de nem todos os convidados comparecerem.

Organizar seu casamento não deveria ser estressante.

Ela lhe disse que desistiu de tentar lhe dar o casamento perfeito. Dentro de três dias, estavam em Vegas, com alguns dos seus convidados... e foi perfeito. Comeram um bolo de creme. Foi um dia que muitos teriam odiado, mas para Alesha, foi um sonho que se tornou realidade.

Enquanto ela estivesse com Xavier, o que importavam os detalhes?

Quem se importava se tinham as flores certas, a igreja ou o bolo perfeito? Para ela, nada importava. Enquanto ele a amasse, nada mais importava.

— Eu nunca esquecerei esse dia enquanto viver, Alesha. Quero que você saiba disso. — Ele lambeu os lábios.

— De onde eu vim, tudo o que passei, pensei estar perdido. Odiava o mundo e a mim mesmo. Você me mostrou o que é o verdadeiro amor.



Ela agarrou seus braços, virando-o e pressionando-o contra os ladrilhos frios. Ele soltou um grunhido. Ela riu.

— Viu, está tão frio.

— Estou tentando abrir o meu coração e não está ouvindo.

Alesha passou as mãos pelo peito musculoso.

— Estou ouvindo você.

— Essas palavras, elas não vêm naturalmente para mim.

— Eu sei. — Ela pressionou um beijo em seus lábios.

— Você não precisa dizê-las.

— Eu sei, mas quero. Eu sei que a vida comigo é difícil. Você merece mais. — Havia semanas em que ele desaparecia. Ela se deitava na cama deles, esperando que chegasse. Xavier disse a ela muitas vezes que não importava o quão longe estivesse, sempre havia alguém a observando. Ela era cuidada.

Mas isso não a incomodava.

O que importava era saber que ele estava seguro. E ele nunca ficava longe por muito tempo.

— Eu não posso prometer que a vida comigo será fácil. Imagino que haverá momentos em que me odiará. Eu irei me odiar ainda mais. — Ele passou o polegar em seus lábios.

— Você é meu mundo. Meu amor. Meu tudo. Eu era apenas meio homem quando a conheci. Você me completa.



Parecia que ele praticou muito para dizer isso.

— São estes... são estes os seus votos?

— Sim. — Disse ele.

— Eu quis dizê-los para mais cedo, mas não pareciam se encaixar no clima.

Ela segurou a mão dele e beijou seu pulso.

— Não há mais nada que você precise dizer. Mais ricos ou mais pobres, eu te amo. Ficarei ao seu lado. Serei sua pelo resto de nossas vidas. — Ela pegou a mão dele e a colocou contra o estômago.

Ele olhou para sua mão e depois para ela.

— Você está tentando me dizer alguma coisa agora? — Perguntou ele.

— Estou grávida, Xavier. Nós teremos um bebê.

— Oh porra, nós seremos pais?

— Sim.

Ela riu quando ele a levantou. Seus lábios nos dela. Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele, sabendo que não importava o que a vida lhes desse, contanto que tivessem um ao outro, ficariam bem.

— Porra, você precisa se deitar? Preciso ligar para o médico?

— Não, Xavier, apenas precisa ser o homem que eu amo.



Fim



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

